



**Clarissa Ribeiro Vicente**

**Do individualismo à individuação:  
um olhar não patriarcal sobre a  
constituição do sujeito em Winnicott**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada como requisito parcial  
para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de  
Pós-Graduação em Direito do Departamento de  
Direito da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Carlos Alberto Plastino

Rio de Janeiro  
Abril de 2018



**Clarissa Ribeiro Vicente**

**Do individualismo à individuação:  
Um olhar não patriarcal sobre a constituição do  
sujeito em Winnicott**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Direito do Departamento de Direito da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

**Prof<sup>a</sup>. Carlos Alberto Plastino**

Orientador  
Departamento de Direito – PUC-Rio

**Prof<sup>a</sup>. Bethânia de Albuquerque Assy**

Departamento de Direito – PUC-Rio

**Prof. Nahman Armony**

UNESA

**Prof. Augusto César Pinheiro da Silva**

Vice-Decano Setorial de Pós-Graduação do  
Centro de Ciências Sociais - PUC-Rio

Rio de Janeiro, 02 de abril de 2018.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho em a autorização da universidade, da autora e do orientador.

### **Clarissa Ribeiro Vicente**

Graduou-se em Direito no CESUPA (Centro Universitário do Pará) em 2014. Fez cursos de extensão sobre a relação entre o Estado e o Corpo na PUC/SP (Pontifícia Universidade Católica do Estado de São Paulo). Participou de Congressos e escreveu artigos com a temática de estudos de Gênero. Atualmente é Analista Judiciário do Tribunal de Justiça do Estado do Pará. Pesquisa os seguintes temas: Gênero e Política, Alteridade, Paradigma da complexidade e Ética.

#### Ficha Catalográfica

Vicente, Clarissa Ribeiro

Do individualismo à individuação : um olhar não patriarcal sobre a constituição do sujeito em Winnicott / Clarissa Ribeiro Vicente ; orientador: Carlos Alberto Plastino. – 2018.

114 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Direito, 2018.

Inclui Referências bibliográficas

1. Direito – Teses. 2. Winnicott. 3. Freud. 4. Construção da subjetividade. 5. Patriarcado. 6. Matricial. I. Plastino, Carlos Alberto. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Direito. III. Título.

CDD: 340

À minha mãe Edilene, ao meu pai Antônio Jr. e às minhas irmãs, Bianca e Letícia, cujo amor é minha base para voar.

Ao meu orientador, Carlos Alberto Plastino, que foi uma “mãe suficientemente boa” ao longo dos dois anos de trabalho conjunto.

## Agradecimentos

Ao meu orientador, Carlos Alberto Plastino, cuja gentileza e empatia me fizeram sentir em casa desde o primeiro dia de aula. Obrigada pelo ambiente acolhedor de orientação, que abriu espaço para o exercício criativo e espontâneo do pensamento. Obrigada pela confiança e pelo apoio no estágio docência. A sua generosidade em compartilhar o conhecimento é uma inspiração e fortifica minha crença na solidariedade para além das relações contratuais. Mais do que um grande mestre, levo para a vida um amigo querido.

À CAPES e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ser realizado.

A Deus e a Nossa Senhora, pois a fé é meu constante alicerce.

À minha mãe, Edilene, e ao meu pai, Antônio Jr., que viveram comigo este sonho, proporcionando as condições materiais e afetivas para que ele se concretizasse. Obrigada por atravessarem o país de carro com a minha mudança, pela atenção de todas as horas e por serem meu porto seguro. Às minhas irmãs, Bianca e Letícia, cujo amor, companheirismo, incentivo e paciência para me ouvir falar sobre este trabalho foram fundamentais. Vocês são minha fonte de inspiração. Obrigada por existirem na minha vida.

Aos amigos e familiares que, de algum modo, contribuíram para este trabalho, ainda que emprestando seus ouvidos, dentre os quais cito Gaby, Paulinha, João, Juliana, Rodrigo, Ana Paula, Marcela, Lívia, Carol e Olga. À Luísa, pelas conversas sobre psicanálise.

À professora Bethânia Assy, com toda a minha admiração, pelas críticas que ajudaram a lapidar este trabalho desde as aulas de metodologia.

Ao Anderson e à Carmem, aos professores e professoras do programa, bem como aos colegas de turma, que tornaram mais fácil essa jornada.

## Resumo

Vicente, Clarissa Ribeiro; Plastino, Carlos Alberto. **Do Individualismo à Individuação: um olhar não patriarcal sobre a constituição do sujeito em Winnicott.** Rio de Janeiro, 2018. 114p. Dissertação de mestrado - Departamento de Direito, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O presente trabalho enquadra-se na linha de pesquisa “Teoria do Direito, Ética e Construção da Subjetividade” e tem por objetivo refletir acerca de uma abordagem não patriarcal da construção da subjetividade a partir da obra do psicanalista inglês Donald W. Winnicott. Para tanto, aponta-se a perspectiva patriarcal da constituição do sujeito que estaria presente no trabalho teórico de Freud, apesar de suas descobertas não patriarcais na experiência clínica psicanalítica, e as modificações matriciais que a teoria do desenvolvimento emocional primitivo winnicottiana trouxe. Mobiliza-se o conceito de patriarcado de Maturana e de Verden-Zoller como um espaço psíquico no qual o conflito, as hierarquias, a dominação da natureza e a regulação do humano antissocial são valorizados. De modo diverso, o espaço psíquico matricial valoriza a harmonia, a empatia, a colaboração e a alteridade, encontrando-se na relação materno-infantil. Desenvolve-se o objetivo proposto a partir da diferença na relação indivíduo/sociedade na obra de Freud e na de Winnicott, o que se reflete no modo diverso como percebem a ambivalência, a agressividade, o sentimento de culpa, a formação do superego, a ética e a relação do sujeito com objetos externos. Por fim, propõe-se o conceito winnicottiano de democracia enquanto um conjunto de subjetividades maduras como uma forma de levar o viver matrístico da relação materno-infantil para a vida adulta e para vínculos mais amplos (família, escola e sociedade).

## Palavras-chave

Winnicott; Freud; Construção da subjetividade; Patriarcado; Matricial.

## Abstract

Vicente, Clarissa Ribeiro; Plastino, Carlos Alberto (Advisor). **From individualism to individuation: a non-patriarchal perspective about subject's constitution in Winnicott.** Rio de Janeiro, 2018. 114p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Direito, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The present work is part of the research line "Theory of Law, Ethics and Construction of Subjectivity" and aims to reflect on a non-patriarchal approach to the construction of subjectivity from the work of the english psychoanalyst Donald W. Winnicott. For this, it is pointed out the patriarchal perspective of the constitution of the subject that would be present in the theoretical work of Freud, despite his non-patriarchal discoveries in psychoanalytic clinical experience, and the *matricial* modifications that the winnicottian theory of primitive emotional development brought. The concept of patriarchy of Maturana and of Verden-Zoller is mobilized as a psychic space in which conflict, hierarchies, domination of nature and the regulation of the antisocial human are valued. In a different way, the *matricial* psychic space values harmony, empathy, collaboration and otherness, being found in the mother-child relationship. The proposed goal is developed from the difference in the individual/society relationship in the work of Freud and Winnicott, which is reflected in the different way in which they perceive ambivalence, aggressiveness, guilt, the formation of the superego, ethics and the relation of the subject to external objects. Finally, the winnicottian concept of democracy is proposed as a set of mature subjectivities as a way of bringing *matrístico* from the mother-child relationship into adult life and into broader ties (family, school and society).

## Keywords

Winnicott; Freud; Construction of subjectivity; Patriarchy; Matricial.

## Sumário

1. Introdução	10
2. Da subjetividade patriarcal à subjetividade matricial	26
2.1. A psicanálise como um modo de conhecer não patriarcal	26
2.2. O sujeito patriarcal freudiano	35
2.2.1. “Narcisismo primário” e individualismo: o sentimento de conter o todo ou a história de um rei deposto pela realidade	36
2.2.2. Pulsão de morte: a agressividade originária do ser humano	43
2.3. O sujeito matricial winnicottiano	51
2.3.1. A teoria do desenvolvimento emocional primitivo: um caminho para a individuação	54
2.3.2. <i> Holding</i> : a importância da confiança no ambiente	62
2.3.3. A agressividade enquanto movimento para a vida	65
3. Da ética da repressão à ética da responsabilidade	69
3.1. A premissa patriarcal da sociabilidade em Freud	70
3.1.1. Em nome do pai: ódio, amor e culpa na origem da cultura	70
3.1.2. Supereu: a ética da repressão	76
3.2. Sociabilidade: uma conquista matricial em Winnicott	80
3.2.1. A descoberta da mãe e a capacidade de preocupação	81
3.2.2. O supereu winnicottiano: a ética como um movimento espontâneo para a responsabilidade	86
4. A experiência matrística na vida adulta: uma transição para a democracia	90
4.1. Objeto transicional: o primeiro elemento da cultura	91
4.2. Democracia: o coletivo de subjetividades maduras	100
5. Considerações finais	107
6. Referências bibliográficas	111

*A humanidade começa nos que te rodeiam, e não exatamente em ti. Ser-se pessoa implica a tua mãe, as nossas pessoas, um desconhecido ou a sua expectativa.*

Valter Hugo Mãe, *A desumanização*

## Introdução

Este trabalho objetiva refletir acerca de uma abordagem não patriarcal da construção da subjetividade a partir da obra do psicanalista inglês Donald W. Winnicott. Para tanto, realiza-se a contraposição entre uma perspectiva patriarcal da constituição do sujeito, que estaria presente no trabalho teórico de Freud, apesar de suas descobertas não patriarcais na experiência clínica psicanalítica, e as modificações matriciais que a teoria do desenvolvimento emocional primitivo winnicottiana apresenta.

A princípio, é necessário esclarecer em que implica uma “abordagem não patriarcal” e em que sentido o trabalho teórico de Freud sobre a construção da subjetividade é patriarcal e o de Winnicott não é. Outro ponto que deve ser ilustrado é por que a psicanálise é mobilizada para enfrentar o objetivo ao qual se propõe o presente trabalho, que é refletir acerca de uma concepção não patriarcal da construção da subjetividade. Com a finalidade de explicar os pontos acima levantados, contarei um pouco da minha trajetória acadêmica.

Ingressei no Programa de Pós-graduação em Direito da PUC-Rio com o intuito de desenvolver uma pesquisa voltada especificamente para os estudos de gênero. Contudo, as leituras e inquietações decorrentes das aulas de Teoria Política Moderna e de Direito, Psicologia e Subjetividade, ministradas pelo professor Carlos Alberto Plastino, levaram à modificação do meu foco de pesquisa.

A primeira (e principal inquietação) surgiu do contato com um conceito mais amplo de patriarcado do que aquele decorrente da minha experiência de leitura da Teoria Política Feminista. Como aponta Pateman<sup>1</sup>, o conceito de patriarcado é usado de diversas formas no feminismo, sendo por vezes até rechaçado. Contudo, pode-se resumir a utilização do patriarcado pelo movimento e teoria feminista como a definição de um modelo econômico, religioso, social e político no qual os homens possuem domínio sobre as mulheres, o que decorreria da apropriação dos filhos e da manutenção de uma determinada estrutura como se

---

<sup>1</sup> PATEMAN, Carole. *O Contrato Sexual*. Trad.: Marta Avancini. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

fosse a única possível<sup>2</sup>. Esta perspectiva, como fica evidente no trabalho de Pateman<sup>3</sup>, não está dissociada da concepção primeva de patriarcado como uma organização familiar na qual um patriarca toma para si o poder sobre a família, algo intrinsecamente relacionado ao controle sobre a paternidade. A referida autora busca deslocar o conceito para além do familiar, demonstrando a dominação masculina na passagem para a esfera pública. Ainda que ela enfatize o caráter patriarcal inerente às teorias modernas contratualistas, sua perspectiva de dominação e conflito possui um recorte sexista, qual seja: de que as mulheres estão excluídas das teorias modernas do contrato social, não fazendo parte da esfera pública e da tomada de decisões.

Contudo, ao longo das aulas de Teoria Política Moderna e de Direito, Psicologia e Subjetividade, tive contato com um conceito de patriarcado diferente daquele que o feminismo, em sua multiplicidade de expressões, preceitua. Maturana e Verden-Zoller<sup>4</sup> defendem que a dominação e servidão das mulheres não é a origem do patriarcado e tampouco é o seu conflito central, mas uma de suas consequências. Eles apresentam o patriarcado como um modo de vivência e de percepção das relações que valoriza o conflito, as hierarquias, o contínuo controle das emoções e a dominação da natureza e do comportamento humano, sendo este considerado antissocial.

Os aspectos puramente patriarcais da maneira de viver da cultura patriarcal européia – à qual pertence grande parte da humanidade moderna, e que doravante chamarei de cultura patriarcal – constituem uma rede fechada de conversações. Esta se caracteriza pelas coordenações de ações e emoções que fazem de nossa vida cotidiana um modo de coexistência que valoriza a guerra, a competição, a luta, as hierarquias, a autoridade, o poder, a procriação, o crescimento, a apropriação de recursos e a justificação racional do controle e da dominação dos outros por meio da apropriação da verdade.

[...]

Em nossa cultura patriarcal, vivemos na desconfiança e buscamos certezas em relação ao controle do mundo natural, dos outros seres humanos e de nós mesmos. Falamos continuamente em controlar nossas condutas e emoções. E fazemos muitas coisas para dominar a natureza ou o comportamento dos outros, com a intenção de neutralizar o que chamamos de forças anti-sociais e naturais destrutivas, que surgem de sua autonomia.<sup>5</sup>

<sup>2</sup> REGUANT, Dolores. La mujer no existe. Bilbao: Maite Canal, 1996. In: Victoria Sal. *Diccionario ideológico feminista*, vol. III. Barcelona: Icaria, 2001. Apud GARCIA, Carla Cristina Garcia. *Breve História do Feminismo*. São Paulo: Claridade, 2011.

<sup>3</sup> PATEMAN, Carole. *O Contrato Sexual*. Trad.: Marta Avancini. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

<sup>4</sup> MATURANA, Humberto; VERDEN-ZOLLER, Gerda. *Amar e Brincar: os fundamentos esquecidos do ser humano*. Trad.: Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2004.

<sup>5</sup> *Ibid.*, 2004, p. 37.

A leitura da obra de Maturana e de Verden-Zoller fez-me perceber que, para entender e buscar a superação dos conflitos nas relações de gênero, antes eu teria que estudar a forma como a nossa cultura concebe o conflito e naturaliza uma determinada concepção de ser humano antissocial como a única possível. É esta definição de patriarcado como maneira de pensar a relação dos seres humanos entre si e com seu entorno, centrada no conflito e na dominação da natureza, que adoto neste trabalho.

Se uma descrição resumida do que seria o patriarcado na Teoria Política Feminista consiste em um sistema de opressão das mulheres pelos homens, o conceito de patriarcado de Maturana e de Verden-Zoller apresenta-se como um espaço psíquico. Eles definem espaço psíquico como um domínio de interação, espaço no qual a existência humana se dá na relação de uns com os outros e consigo<sup>6</sup>. Para Maturana<sup>7</sup>, o bípede tornou-se humano quando o linguajar (coordenação de coordenação de ações consensuais<sup>8</sup>) deixou de ser ocasional e passou a constituir o nosso modo de viver. Ou seja, quando passamos a agir de modo consensual, em uma contínua interação. O traço essencial da sua definição de humano, portanto, é a convivência e o desenvolvimento de um espaço de relação consensual. “Linguajar” vai além da troca de palavras, abarcando o agir dentro de uma comunidade.

Ao tornar-se parte do cotidiano, o linguajar, ou seja, o modo de viver, foi repassado de geração em geração. A esse modo de viver entrelaça-se um emocionar. Para Maturana e para Verden-Zoller<sup>9</sup>, o que define o sentido de cada ação é o emocionar que a acompanha. Eles defendem que o agir é fundado no emocionar, e não na razão. Uma mesma ação pode ter um sentido diferente dependendo do emocionar que coexiste à sua execução.

---

<sup>6</sup> MATURANA, Humberto; VERDEN-ZOLLER, Gerda. *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do ser humano*. Trad.: Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2004.

<sup>7</sup> MATURANA, Humberto. Conversações Matrísticas e Patriarcais. In: MATURANA, Humberto; VERDEN-ZOLLER, Gerda. *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do ser humano*. Trad.: Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2004.

<sup>8</sup> Termo utilizado por Maturana e por Verden-Zoller para a interação, para o agir consensual, coordenado.

<sup>9</sup> MATURANA, Humberto; VERDEN-ZOLLER, Gerda., 2004, op. cit.

À mistura do languagear (agir em comunidade) com o emocionar (o que dá sentido àquela ação) Maturana e Verden-Zoller denominam conversa<sup>10</sup>. As ações humanas surgem como conversações, em redes consensuais. São exemplos de conversações a pesca, a medicina, o cuidado com as crianças – redes distintas de coordenações de coordenações consensuais de ações e emoções. Cultura, nesta perspectiva, é uma rede fechada de conversações. Em cada cultura, há um entrelaçamento específico do agir com o emocionar. Ou seja, toda cultura tem um emocionar próprio, que dá sentido ao que percebe, aos seus símbolos, pensamentos e modo de viver. O nascimento, a morte, o casamento e mesmo a relação entre os sexos mudam em contextos de emocionar distintos sobre as mesmas experiências.

Ações e emoções particulares não definem uma cultura; tal definição ocorre na relação entre seus membros, em suas conversações<sup>11</sup>. Diferentes culturas são diferentes modos de viver, diferentes redes fechadas de conversação, que podem ser modificadas por mudanças no atuar e no emocionar. Contudo, quando alguém se desenvolve em determinada cultura, aprende de forma espontânea seu modo de viver, sua rede de conversações. O emocionar passa a conduzir os desejos e preferências dos seus membros sem que se perceba, e o emocionar daquela cultura torna-se a referência do adequado e do legítimo para aqueles que nela crescem.

Aponte, acima, que o patriarcado para Maturana e Verden-Zoller é um espaço psíquico. Tal espaço psíquico se constitui no seio de uma cultura, ou seja, de uma combinação específica do agir com o emocionar. Em uma cultura na qual o emocionar seja patriarcal, será este o emocionar que dará sentido às ações. Seus membros, portanto, terão uma percepção patriarcal das relações.

Qual é, porém, essa percepção? O patriarcado tem um emocionar pautado na apropriação, na obediência, no controle e na hierarquia<sup>12</sup>. A cultura patriarcal é uma rede fechada de conversações que valoriza a guerra, a apropriação dos

---

<sup>10</sup> “Conversa”, assim como “languagear”, não se resume a um código escrito ou à palavra. Conversa é a pressuposição da interação. Só existe conversa quando há um emissor e um receptor. No vocabulário que Maturana e Verden-Zoller mobilizam para construir sua teoria, “conversa” aparece como uma metáfora/metonímia, cujo significado é estendido para as ações que possuem sentido em uma determinada comunidade, do mesmo modo que só existe conversa quando emissor e receptor estabelecem uma comunicação.

<sup>11</sup> Maturana, Humberto; Verden-Zoller, Gerda. *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do ser humano*. Trad.: Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2004.

<sup>12</sup> *Ibid.*, 2004.

recursos, o controle racional e a dominação através da apropriação da verdade. O outro diferente só é aceito na medida em que possa vir a pensar como eu. Caso contrário, deve ser eliminado. A apropriação da verdade e do direito do outro de decidir baseia-se na desconfiança de sua autonomia. Vive-se como se o uso da força fosse sempre necessário (a relação harmônica é percebida como pacífica, como uma falta, a ausência da guerra). Vive-se na desconfiança que leva ao controle das forças naturais e das emoções que seriam destrutivas e antissociais. Tem-se a ordem, a hierarquia, a obediência e a subordinação como necessárias à coexistência, pautando todas as relações nesses fundamentos. Associa-se o progresso à competição. Qualquer desacordo é tratado na base da disputa<sup>13</sup>.

Em conformidade com o pensamento de Maturana e de Verden-Zoller, adoto neste trabalho a perspectiva de que o emocional patriarcal dá sentido ao agir na cultura ocidental. A relação dos seres humanos entre si e com seu entorno é pautada no conflito e no conseqüente controle, como se fosse a única forma de viabilizar a sociabilidade e a relação com a natureza. Interessa especialmente para a pesquisa desenvolvida refletir acerca do aspecto do patriarcado que encerra o ser humano em um perpétuo conflito, tanto consigo quanto com os outros seres humanos e com a natureza. Tal reflexão parte do pressuposto de que a cultura patriarcal é apenas um dos possíveis modos de viver, uma das possíveis redes fechadas de conversação, uma das possibilidades de combinação do agir com o emocional. O estabelecimento de uma determinada cultura não significa que ela é necessária, imodificável ou inevitável, e sim que fatores levaram à modificação e/ou à manutenção de um determinado modo de vida decorrente de alterações no agir/emocionar que passou de geração em geração, construindo um novo espaço psíquico<sup>14</sup>. A própria cultura patriarcal não é estática, assumindo diferentes formas em diferentes espaços e períodos históricos (a escravidão, a destruição do meio-ambiente e a subordinação das mulheres são exemplos), ainda que conserve o mesmo emocional<sup>15</sup>.

O emocional patriarcal não está na origem da humanidade. Tampouco está, como será demonstrado ao longo deste trabalho, na gênese da constituição da

<sup>13</sup> MATURANA, Humberto. Conversações Matrísticas e Patriarcais. In: MATURANA, Humberto; VERDEN-ZOLLER, Gerda. *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do ser humano*. Trad.: Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2004.

<sup>14</sup> MATURANA, Humberto; VERDEN-ZOLLER, Gerda. *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do ser humano*. Trad.: Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2004.

<sup>15</sup> *Ibid.*, MATURANA, 2004.

subjetividade de cada indivíduo. As duas experiências são vividas no emocional que Maturana e Verden-Zoller denominam matrístico<sup>16</sup>.

Eles definem o emocional matrístico como aquele pautado na colaboração, no compartilhamento, na ternura e na sensualidade<sup>17</sup> e defendem que foi este o emocional presente no início da humanidade. Conforme expliquei acima, o conceito de humanidade de Maturana e de Verden-Zoller está associado à interação, ao linguajar, que pressupõe, ao menos, dois indivíduos. Para que a humanidade se constituísse, ou seja, para que o viver em comunidade e em ações consensuais e coordenadas se tornasse parte de quem somos, foi preciso um emocional pautado na colaboração e na harmonia, e não na competição e na apropriação.

A cultura matrística é descrita por Maturana<sup>18</sup> com base nos restos arqueológicos encontrados no Danúbio, nos Balcãs e no Egeu, em determinadas comunidades atuais e mesmo em conversações não patriarcais na nossa cultura. Ele aponta que os povos que viviam da agricultura e da coleta não demarcavam propriedade, não estabeleciam diferença sexual no túmulo ou nas vestes, não usavam armas como adorno, tinham como divindade figura feminina que era a abstração da harmonia dos ciclos naturais. Vivia-se em rede de conversações harmônicas, participativas, com compreensão e respeito. Agressão, guerra e competição eram exceções à cultura na qual as crianças espontaneamente cresciam. Assim como a cultura patriarcal, a cultura matrística era um espaço psíquico no qual seus membros se desenvolviam. Atualmente, os aspectos matrísticos são exceção em nosso modo de viver, tidos como utopia ou, segundo Maturana, como algo reservado para a democracia.

O patriarcado se origina na mudança que ocorre a partir de ocasionais modificações na rede fechada de conversações. Ou seja, no agir e no emocional

---

<sup>16</sup> A palavra “matrística” é empregada em sentido diverso a “matriarcal”. Matriarcal teria uma conotação de superioridade e dominação das mulheres sobre os homens, mantendo o emocional patriarcal. “Matrística”, portanto, refere-se não a uma alteração da hierarquia dos polos masculino e feminino, e sim a um emocional diverso do patriarcal.

<sup>17</sup> Nesse contexto, sensualidade não se refere ao ato sexual, mas ao erotismo no sentido de movimento para o outro, tendência a estar junto, em comunidade.

<sup>18</sup> Maturana, Humberto. *Conversações Matrísticas e Patriarcais*. In: Maturana, Humberto; Verden-Zoller, Gerda. *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do ser humano*. Trad.: Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2004.

que são passados de geração em geração. Maturana<sup>19</sup> apresenta uma proposição das condições que possibilitaram o emocionar da cultura patriarcal e a transformação da cultura matrística pré-patriarcal. A partir de estudos arqueológicos, ele aponta que povos indo-europeus viviam seguindo manadas e passaram a matar lobos para que não se alimentassem mais dos animais da manada, saindo da lógica da relação harmônica e do matar o outro sagrado para a sobrevivência. O lobo e a vida selvagem que ele representa são transformados em inimigos dos seres humanos, surgindo a ideia de apropriação que leva à mudança no emocionar: de matar para sobreviver a matar por apropriação. Inimizade e apropriação passaram a ser transmitidas transgeracionalmente, levando a mudanças adicionais no emocionar: valorização da procriação, controle da sexualidade das mulheres, valorização das hierarquias e obediência, defesa da verdade, visto que outros modos de vida passam a ser percebidos como ameaçadores. A relação harmônica torna-se relação de *desconfiança*. Desconfiança tanto da natureza quanto dos outros seres humanos (ou seja, da própria natureza humana). As conversações de inimizade na vida pastoril transferem-se para a apropriação de recursos, para crenças, ideias, para a relação com a terra e com os outros. As mudanças começam de forma natural, dentro da família, com homens e mulheres patriarcais vivendo sem conflito. Porém, o aumento da população e a procriação de animais fora de um equilíbrio teriam levado a migrações, chegando tais famílias ao que hoje é a Europa e se deparando com culturas matrísticas. Em contato com o diferente, as famílias patriarcais sentiram-se ameaçadas, levando à aniquilação dos homens e à apropriação das mulheres, que não aceitaram ser subjugadas, gerando conflito entre pais e filhos (visto que o filho criado em relação de amor com a mãe é obrigado a amar o pai que a subjuga).

Ao apresentar a teoria de Maturana acerca da origem da cultura patriarcal, pretendo demonstrar a possibilidade de modificação de um emocionar e a inexistência de um determinismo quanto ao modo de viver dos seres humanos. Nem a cultura patriarcal nem a cultura matrística são destinos inevitáveis, necessários ou impossíveis. Contudo, a motivação para questionar o modo de vida

---

<sup>19</sup> MATURANA, Humberto. Conversações Matrísticas e Patriarcais. In: MATURANA, Humberto; VERDEN-ZOLLER, Gerda. *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do ser humano*. Trad.: Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2004.

patriarcal e apresentar como alternativa um modo de vida que poderia ser denominado matrístico ou neo matrístico é o conflito inerente ao emocionar patriarcal. Tal conflito aparece, em seu espaço psíquico, como se fosse inerente ao ser humano, expressando-se nos dualismos indivíduo/sociedade e natureza/cultura, o que será abordado ao longo deste trabalho.

Segundo Maturana<sup>20</sup>, o emocionar patriarcal é contraditório em razão da diferença no emocionar que norteia as duas fases da vida do ser humano. A primeira fase é a infância, na qual a criança se relaciona com a mãe<sup>21</sup> em harmonia, confiança, respeito pelo outro e despreocupação, havendo uma relação que envolve corpo e mente. A segunda fase é quando a criança é inserida na competição, na necessidade de controle do outro, nas relações de autoridade e subordinação. Tal discrepância gera contradição emocional, que leva à necessidade de autocontrole e de controle do outro. O conflito inerente à cultura patriarcal evidencia-se no próprio modo como expressamos nossos desejos:

Na condição de seres humanos ocidentais modernos, falamos em valorizar a paz e vivemos como se os conflitos que surgem na convivência pudessem ser resolvidos na luta pelo poder; falamos de cooperação e valorizamos a competição; falamos em valorizar a participação, mas vivemos na apropriação, que nega aos outros os meios naturais de subsistência; falamos da igualdade humana, mas sempre validamos a discriminação; falamos da justiça como um valor, mas vivemos no abuso e na desonestidade; afirmamos valorizar a verdade, mas negamos que mentimos para conservar as vantagens que temos sobre os demais... Isto é: em nossa cultura patriarcal ocidental vivemos em conflitos, e frequentemente dizemos que a fonte deles está no caráter conflituoso de nossa natureza humana.<sup>22</sup>

Os desejos de paz, cooperação, participação, igualdade e justiça – previstos, inclusive, em ordenamentos jurídicos nacionais e internacionais – remetem à vivência matricial da infância. Contudo, o conflito decorrente do emocionar patriarcal apreendido na segunda fase da vida leva à tentativa de alcançar tais objetivos por meios que os contradizem: luta, apropriação, discriminação, desonestidade. Como somos criados no espaço psíquico patriarcal, tais contradições parecem naturais, ou seja, parte da nossa própria natureza.

---

<sup>20</sup> MATURANA, Humberto. *Conversações Matrísticas e Patriarcais*. In: MATURANA, Humberto; VERDEN-ZOLLER, Gerda. *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do ser humano*. Trad.: Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2004.

<sup>21</sup> Ao longo deste trabalho, a palavra mãe se refere a um adulto realizando a função de maternagem, exceto quando tratar da maternidade em seu sentido biológico.

<sup>22</sup> *Ibid.*, 2004, p. 106.

O conflito inerente ao patriarcado também é naturalizado na relação entre masculino e feminino. De acordo com Maturana<sup>23</sup>, trata-se do conflito entre o modo de vida matricial e o modo de vida patriarcal. No viver patriarcal, tudo o que é diferente, tudo o que é matrístico, deve ser eliminado, castigado, subjogado. O feminino é considerado cruel, caprichoso, superficial e não confiável, enquanto o masculino é associado ao virtuoso. O dualismo masculino/feminino gera problemas para o adolescente, que vive a transição da infância para a idade adulta e enfrenta a crise de ter que adotar um modo de vida que considera hipócrita, bem como para o adulto, cujas relações são pautadas no controle. Trata-se de um modo de viver que valoriza a guerra entre bem e mal, homem e mulher, razão e emoção, espírito e matéria, devendo um polo controlar o outro.

As relações pautadas no conflito e no controle distanciam-se do emocionar que possibilitou a humanidade e sua evolução. Pois, em oposição a teorias que defendem a evolução da espécie humana a partir da competição, Maturana e Verden-Zoller<sup>24</sup> apostam que a chave está na cooperação. O primeiro passo para a saída do emocionar patriarcal, portanto, estaria na reflexão de seus pressupostos. Ou seja, na desnaturalização do conflito como parte determinante da natureza humana. O presente trabalho volta-se para esse objetivo.

Apresentei a defesa de Maturana e de Verden-Zoller de que o começo da humanidade foi possibilitado pelo emocionar matricial de colaboração. Contudo, também afirmei que tal emocionar está no princípio da construção de cada sujeito. É através do estudo da teoria do desenvolvimento emocional primitivo de Winnicott que pretendo sustentar tal afirmação, demonstrando o caráter não patriarcal da gênese da construção da subjetividade.

Em conformidade com o que propus no início desta Introdução, esclarecido o que significa patriarcal e não patriarcal (ou matricial) no presente trabalho, resta explicar em que sentido o trabalho teórico de Freud sobre a construção da subjetividade é patriarcal e em que sentido a teoria do desenvolvimento emocional primitivo de Winnicott é matricial. A pesquisa de

---

<sup>23</sup> MATURANA, Humberto. Conversações Matrísticas e Patriarcais. In: MATURANA, Humberto; VERDEN-ZOLLER, Gerda. *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do ser humano*. Trad.: Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2004.

<sup>24</sup> MATURANA, Humberto; VERDEN-ZOLLER, Gerda. *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do ser humano*. Trad.: Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2004.

Plastino sobre o tema é o fio de Ariadne que nos ajuda a percorrer este caminho, estabelecendo as relações pretendidas.

Plastino aponta que, ao encampar a ideia hobbesiana do inevitável conflito entre indivíduo e sociedade, Freud é um dos pensadores modernos que sofre influência do patriarcado em sua obra:

A oposição entre indivíduo e sociedade é outra importante expressão do dualismo reducionista da modernidade. Partindo do pressuposto fundamental da precedência do indivíduo em relação à sociedade, postula o caráter inevitável do conflito entre eles. O indivíduo manteria com a Sociedade (e com os outros homens) uma imodificável relação de animosidade e conflito, só contornável pelo recurso à repressão. O destaque aqui é o pensamento de Hobbes, cuja concepção autoritária da vida social é aprovada por Freud no texto sobre o “Malestar na vida social”.

Este conjunto de pressupostos – que resultam na desvalorização da mulher, da afetividade e da intuição – exprime a perspectiva central do Patriarcado, cuja influência na obra freudiana é inequívoca e importante.<sup>25</sup>

Ao atribuir à obra de Freud um caráter patriarcal, Plastino não se refere a um traço misógeno. Assim como Maturana, ele aponta o patriarcado como um modo de percepção centrado no conflito e na conseqüente repressão, implicando no controle da natureza (ameaçadora) e da natureza humana (antissocial) para que a vida em sociedade seja possível. Na obra mencionada por Plastino, “Mal-estar na cultura”, Freud desenvolve sua versão do conflito indivíduo/sociedade através do choque entre o princípio do prazer (busca hedonista pela felicidade) e o princípio da realidade (fatores externos que impedem a realização plena do princípio do prazer: a ameaçadora natureza, a degradação do corpo humano e a convivência inevitável com outros indivíduos que também são guiados pelo princípio do prazer). A inevitabilidade do conflito também aparece como a luta interna em cada ser humano entre uma pulsão de vida e uma pulsão de morte (segunda teoria pulsional), sendo esta a agressividade destrutiva que se expressa contra o interior e o exterior do indivíduo. Tal agressividade, que seria natural, demanda uma instância repressora, o superego<sup>26</sup>. Instalado no psiquismo humano, o superego aparece na obra de Freud como uma imposição externa da função-paterna que vem diminuir o indivíduo, controlando os seus impulsos hedonistas e permitindo a vida em sociedade.

<sup>25</sup> PLASTINO, Carlos Alberto. *Vida, Criatividade e Sentido no Pensamento de Winnicott*. Rio de Janeiro: Garamond, 2014, p. 28.

<sup>26</sup> FREUD, Sigmund. *O Mal-estar na cultura*. Porto Alegre: L&PM, 2016. (Coleção L&PM Pocket).

Tendo como ponto de partida a relação que Plastino estabelece entre o patriarcado e a obra de Freud, apresento os aspectos patriarcais do trabalho teórico freudiano através de três perspectivas: 1- A inevitabilidade do conflito na construção da subjetividade. Conforme apontei acima, para Freud é inevitável o choque entre o indivíduo e o mundo externo, bem como o conflito no interior de cada ser humano, que seria dotado de uma pulsão destrutiva a ser contida pela repressão; 2 - A centralidade do Complexo de Édipo e, conseqüentemente, da figura paterna em sua obra. Para Freud, o conflito entre o pai e seus filhos estaria não apenas na construção da subjetividade de seus pacientes neuróticos, mas também na origem do direito, da sociedade, da moral e da religião<sup>27</sup>. Conforme aponta Phillips<sup>28</sup>, mesmo Freud tendo elaborado teoricamente um esquema do desenvolvimento anterior ao Édipo e tendo reconhecido o desamparo do bebê ao nascer, a relação com a mãe é secundária em sua elaboração teórica, sendo a relação triangular (Complexo de Édipo) o cerne da psicanálise; 3- O papel secundário das mulheres. Ainda que o patriarcado, na concepção adotada no presente trabalho, não tenha sua origem na opressão das mulheres, esta é uma consequência do pensamento patriarcal. Na briga entre o pai e os filhos da horda primitiva, as mulheres aparecem como meros objetos de disputa<sup>29</sup>, além de serem consideradas por Freud inimigas da cultura<sup>30</sup>, reproduzindo as associações patriarcais do feminino e da mulher com objeto passivo e com a natureza a ser controlada e do masculino com o sujeito ativo e com a cultura que contém os impulsos da natureza.

Realizo o estudo dos aspectos patriarcais no pensamento freudiano tendo como aporte teórico principal, ainda que não exclusivo, as suas obras de psicologia das massas “Totem e tabu” e “Mal-estar na cultura”. A escolha se deve ao fato de que, nos referidos trabalhos, Freud tem como ponto de partida uma concepção de sujeito patriarcal para pensar temas que vão além da clínica psicanalítica, como o direito, a sociedade e a moral. Contudo, é necessário apresentar uma ressalva. Conforme explicado por Armony, Freud foi um homem

---

<sup>27</sup> Cf. FREUD, Sigmund. *O Mal-estar na cultura*. Porto Alegre: L&PM, 2016. (Coleção L&PM Pocket); \_\_\_\_\_. *Totem e tabu*. Porto Alegre: L&PM, 2013. (Coleção L&PM Pocket); \_\_\_\_\_. *O homem Moisés e a religião monoteísta*. Trad.: Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2014.

<sup>28</sup> PHILLIPS, Adam. *Winnicott*. Trad.: Alessandra Siedschlag. Aparecida: Ideias&Letras, 2006.

<sup>29</sup> FREUD, 2013, op. cit.

<sup>30</sup> FREUD, 2016, op. cit.

de transição que fez o retrato da ideologia patriarcal vigente em sua sociedade, o que se reflete na construção do Complexo de Édipo a partir da tragédia de Sófocles (a mais dura narrativa dentre as versões do mito), na sua descrição da origem da sociedade e da instalação do superego no psiquismo. Tendo uma educação pautada nos moldes platônico-cartesianos, ele abriu espaço, porém, para uma nova epistemologia que permitiu a psicanalistas que o sucederam, como foi o caso de Winnicott, refletir sobre relações e formas de conhecimento baseadas na intuição e na empatia<sup>31</sup>.

Plastino também defende que Freud esteve na vanguarda de uma transição paradigmática, na medida em que, forjado no saber intelectual de seu tempo, ele colocou em xeque os pressupostos epistemológicos, ontológicos e antropológicos então vigentes ao elaborar um processo específico de apreensão do psiquismo inconsciente. A experiência clínica ganha preeminência na construção desse saber, que se torna uma “obra aberta”. Na denominada “virada de 20”, evidencia-se um processo de crítica (não intencional) aos pressupostos do paradigma da modernidade<sup>32</sup>, visto que a afirmação de uma realidade psíquica inconsciente com processos específicos demonstra uma **complexidade do ser**; que as formas de apreensão inconsciente apontam uma **complexidade do processo de conhecimento**, que não é apenas, nem majoritariamente, racional; e uma **complexidade do ser humano**, na medida em que aparece o primado da afetividade, a ambivalência afetiva e sua relação complexa com o Id, bem como a constituição do sujeito a partir de processos identificatórios, desvelando a complexidade do fenômeno humano e social<sup>33</sup>. A psicanálise surge não apenas como um novo conhecimento, mas como uma nova forma de conhecer, na medida em que se constitui como um saber compreensivo, que ocorre entre dois sujeitos em relações de transferência. Neste sentido, a psicanálise afasta-se do dualismo que separa o sujeito conhecedor do objeto a ser conhecido<sup>34</sup>. Na afirmação de

<sup>31</sup> ARMONY, Nahman. Van Gogh: cem anos de presença. In: \_\_\_\_\_. *O homem transicional: para além do neurótico & borderline*. São Paulo: Zagodoni, 2013, p. 26-35.

<sup>32</sup> O tema das mudanças ontológica, epistemológica e antropológica proporcionadas pela psicanálise é desenvolvido no primeiro capítulo deste trabalho.

<sup>33</sup> PLASTINO, Carlos Alberto. *O Primado da Afetividade: a crítica freudiana ao paradigma moderno*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

<sup>34</sup> \_\_\_\_\_. O quinto rombo: a psicanálise. In: Santos, Boaventura de Sousa. *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado*. São Paulo: Cortez, 2004.

Plastino<sup>35</sup>: “[...] as descobertas da psicanálise demoliram as bases da concepção antropológica cartesiana, dualista e racionalista.”. E, o que é central para este trabalho, possibilitou refletir sobre a importância dos afetos empáticos naturais na construção da subjetividade.

Winnicott assumiu em sua experiência clínica a herança freudiana, podendo desenvolvê-la sem as amarras dos pressupostos nos quais a metapsicologia embasava-se<sup>36</sup>. A sua percepção da comunicação direta entre o bebê e a mãe a partir do inconsciente, sem que passe pela representação, é um exemplo desta “herança”, consistindo em uma relação fundamental para a constituição da subjetividade<sup>37</sup>. Diferente da concepção patriarcal do indivíduo isolado em eterno conflito com a sociedade, a teoria do desenvolvimento emocional primitivo winnicottiana aponta que a subjetividade não existe sem a **intersubjetividade**. Winnicott apreendeu de sua experiência clínica com mães e bebês que a constituição do *self* é uma conquista e que o primeiro estágio da existência é a identificação com a mãe<sup>38</sup> – que para o bebê não existe enquanto tal - e uma completa dependência do ambiente físico e emocional<sup>39</sup>. É o acolhimento que a criança encontra neste ambiente que permitirá, ou não, que ela realize a tendência humana para a individuação e para a conquista do sentimento do “eu”, para que desenvolva sua virtualidade empática, para que o sentimento de culpa torne-se, espontaneamente e através do afeto, sentimento ético de responsabilidade por suas fantasias e, posteriormente, responsabilidade por seus atos. Na perspectiva winnicottiana a realidade (ou cultura) não confronta e diminui o indivíduo como um pai castrador, mas pode facilitar o crescimento e o processo de individuação, como uma mãe acolhedora: “Na escrita de Winnicott, a cultura pode facilitar o crescimento, assim como o pode a mãe; para Freud ela proíbe e frustra, assim como o pai.”<sup>40</sup>.

<sup>35</sup> PLASTINO, Carlos Alberto. *Vida, Criatividade e Sentido no Pensamento de Winnicott*. Rio de Janeiro: Garamond, 2014, p. 13.

<sup>36</sup> Ibid., 2014.

<sup>37</sup> Ibid., 2014.

<sup>38</sup> WINNICOTT, D.W.. O relacionamento inicial entre uma mãe e seu bebê. In: \_\_\_\_\_. *A Família e o Desenvolvimento Individual*. Trad.: Marcelo Brandão Cipolla. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

<sup>39</sup> \_\_\_\_\_. O primeiro ano de vida. In: WINNICOTT, D.W. *A Família e o Desenvolvimento Individual*. Trad.: Marcelo Brandão Cipolla. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

<sup>40</sup> PHILLIPS, Adam. *Winnicott*. Trad.: Alessandra Siedschlag. Aparecida: Ideias&Letras, 2006, p. 29.

A obra de Winnicott permite pensar a diferença entre agressão e agressividade, entre repressão e limite, entre a ética imposta e a ética a partir do acolhimento e da relação com o outro. Ele situa o ser humano como um ser histórico, com tendências inatas para a integração, para a empatia e para o concernimento, dependendo de um ambiente favorável para realizá-las. Portanto, não trata de uma essência determinista. Cada ser humano vivencia sua experiência no mundo de forma singular e a liberdade para o viver espontâneo é fundamental para que a vida tenha sentido. A relação entre o mundo subjetivo do psicossoma<sup>41</sup> e o mundo objetivo é mediado pela fantasia. Neste sentido, a fantasia consiste na elaboração imaginária das experiências corporais<sup>42</sup> e na possibilidade de criação – sendo a primeira a criação de si.

Defendo, neste trabalho, que a formulação teórica da experiência clínica de Winnicott apresenta um olhar não patriarcal, ou matricial, sobre a constituição da subjetividade. Segundo Abram<sup>43</sup>, as contribuições fundamentais de Winnicott para a psicanálise podem ser resumidas na relação mãe-bebê, na criatividade primária e nos fenômenos transicionais. Os três eixos serão aqui abordados como elementos do olhar não patriarcal winnicottiano acerca do sujeito. Os principais aspectos não patriarcais são: 1- no princípio da constituição do sujeito, a dificuldade não é que o indivíduo se relacione com outros indivíduos, e sim que haja a separação, ou seja, a individuação. O bebê que nasce é completamente dependente do seu ambiente, tanto física quanto psiquicamente. Tal ambiente consiste em outro ser humano, que realiza a função de maternagem. O laço social que se inicia com a mãe nunca se desfaz completamente, ampliando-se para a família e para sociedade. Em resumo, a primeira realidade psíquica é a integração, relação de mutualismo. O desafio está não na reunião de indivíduos insolados, mas na separação do psiquismo da mãe e do bebê; 2- Diferente de Freud, que colocou o Complexo de Édipo no cerne da psicanálise, o centro da teoria winnicottiana sobre o desenvolvimento emocional primitivo está na relação entre a mãe e o

---

<sup>41</sup> Na explicação de Plastino: “O que nasce é um psicossoma, isto é, um organismo natural que a natureza dotou da capacidade de elaborar imaginativamente suas experiências. Subjacente à capacidade de criar significados através de símbolos gráficos e auditivos, está a capacidade humana de imaginar. O conceito de psicossoma carrega a parte do homem que pertence ao mundo natural, isto é, aquilo nele que não é por ele construído.” PLASTINO, Carlos Alberto. *Vida, Criatividade e Sentido no Pensamento de Winnicott*. Rio de Janeiro: Garamond, 2014, p. 46.

<sup>42</sup> *Ibid.*, 2014.

<sup>43</sup> ABRAM, Jan. *A linguagem de Winnicott: dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott*. Trad.: Marcelo Del Grande da Silva. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

bebê. Tal relação é baseada na intuição, na corporeidade, no acolhimento e na confiança, que tem seu paradigma no modo como a mãe segura o bebê no colo (*holding*) Trata-se de uma relação viva, na qual a mãe se adapta às necessidades do bebê para lhe proporcionar um ambiente acolhedor<sup>44</sup>. Muitos *insights* de Winnicott e sua própria concepção do *setting* analíticos derivaram da relação entre a mãe e o bebê<sup>45</sup>; 3- Winnicott não sustenta a inevitabilidade do conflito indivíduo/sociedade e entre a pulsão de vida e a pulsão de morte. Ele desconsidera a pulsão de morte, atribuindo a uma falha ambiental a “tendência antissocial”. Diferente de Freud, para quem a cultura tem o papel paterno da frustração, na elaboração winnicottiana a cultura pode auxiliar no desenvolvimento como uma mãe, tranquilizando o indivíduo ao colocar limites à sua fantasia e, posteriormente, aos seus atos<sup>46</sup>. Sem a inevitabilidade do conflito e da consequente repressão, na teoria do desenvolvimento emocional primitivo de Winnicott o superego se desenvolve espontaneamente no psiquismo a partir do acolhimento materno, e não da imposição paterna, sendo a sociabilidade e o reconhecimento do outro uma conquista no desenvolvimento emocional.

Tendo como norte o conceito de patriarcado aqui apresentado e sua aplicação para estudar as obras de Freud e Winnicott, divido o presente trabalho em três capítulos. No primeiro capítulo, justifico a mobilização da psicanálise para pensar o tema de uma construção não patriarcal da subjetividade a partir do pressuposto de que a psicanálise é uma nova forma de conhecimento não patriarcal que se volta para o humano. Realizo uma contraposição entre o sujeito patriarcal freudiano e o sujeito matricial winnicottiano.

Estabelecido quem é o sujeito patriarcal e quem é o sujeito matricial, desenvolvo, no segundo capítulo, o tema da sociabilidade e da ética a partir da instalação do superego no psiquismo. Mantenho o método da contraposição, apontando a relação pai-imposição externa-repressão-culpa na teoria freudiana e a relação mãe-espontaneidade-empatia-responsabilidade na teoria winnicottiana.

No terceiro capítulo, proponho a vivência de relações não patriarcais na vida adulta através da democracia, tendo em vista que o conflito na cultura patriarcal decorre do choque entre o emocional matrístico da infância e o

<sup>44</sup> WINNICOTT, W.D.. O conceito de indivíduo saudável. In: \_\_\_\_\_. *Tudo começa em casa*. Trad.: Paulo Sandler. São Paulo: WMF Martins Fontes, p. 3-22.

<sup>45</sup> PHILLIPS, Adam. *Winnicott*. Trad.: Alessandra Siedschlag. Aparecida: Ideias&Letras, 2006.

<sup>46</sup> *Ibid.*, 2006.

emocionar patriarcal na passagem para a vida adulta. Para tanto, mobilizo o conceito winnicottiano de objeto transicional para pensar a passagem da relação mãe-bebê para a relação com a cultura e o potencial criativo do ser humano. Considerando este potencial, estabeleço uma relação entre o conceito de Maturana de democracia enquanto uma criação humana com caráter neo matrístico e o conceito de Winnicott de democracia enquanto o coletivo de subjetividades desenvolvidas em um ambiente acolhedor e empático.

## 2

### Da subjetividade patriarcal à subjetividade matricial

O objetivo deste trabalho, conforme exposto na Introdução, é refletir acerca de uma compreensão não patriarcal da construção da subjetividade. Patriarcado é mobilizado no sentido de um espaço psíquico no qual as relações do ser humano entre si e com seu entorno são percebidas a partir da apropriação, do controle, da competição e da desconfiança. Tal espaço psíquico, no qual os indivíduos da cultura ocidental se desenvolvem, é intrinsecamente conflitivo, mas o conflito é atribuído a uma suposta natureza antissocial do ser humano<sup>47</sup>.

Para alcançar o objetivo proposto, apresenta-se a construção teórica freudiana e a winnicottiana acerca da constituição do sujeito: a primeira definida como patriarcal e a segunda como não patriarcal (ou matricial). Ambos os autores formularam suas obras utilizando conhecimentos obtidos na experiência psicanalítica. Portanto, antes de desenvolver o estudo do sujeito presente na obra de Freud e do sujeito da teoria do desenvolvimento emocional primitivo de Winnicott, faz-se necessário esclarecer por que refletir acerca da construção da subjetividade em um prisma não patriarcal a partir de autores da psicanálise.

#### 2.1.

##### A psicanálise como um modo de conhecer não patriarcal

*[...] a psicanálise influenciou de modo profundo nosso modo de considerar a vida, e muito mais ainda virá da psicanálise em relação ao estudo da sociedade e das pessoas comuns.*

(Winnicott, “Psicanálise e ciência: amigas ou parentes?”)

A pergunta que norteia este tópico é: por que a psicanálise é a área do conhecimento que sustenta o presente estudo acerca de uma concepção não patriarcal da construção da subjetividade? A primeira razão é que se pretende refletir acerca de quem somos e a psicanálise tem como seu objeto/sujeito o ser humano. Não se trata, contudo, de uma abordagem meramente biológica,

---

<sup>47</sup> Cf. Introdução.

tampouco meramente teórica ou especulativa. A psicanálise se constitui a partir da empiria, da experiência clínica sempre aberta que se volta para a personalidade humana. A descrição que Winnicott faz da psicanálise é bastante elucidativa:

[...] ciência que se preocupa com a personalidade, o caráter, a emoção e o esforço. Essa é minha tese.

[...]

A psicanálise avança onde a fisiologia se detém. Amplia o território científico para incluir os fenômenos da personalidade, do sentimento e do conflito humano. Afirma, por conseguinte, que é possível examinar a natureza humana, e, quando o desconhecimento se manifesta, a psicanálise pode se permitir esperar e não precisa apelar para uma fuga a formulações supersticiosas.<sup>48</sup>

Ao se voltar para o estudo do humano, a psicanálise o faz pelo prisma de seus conflitos, emoções e sentimentos, o que passa pelo estudo de sua natureza. Um estudo em constante transformação diante das descobertas clínicas e da complexidade do ser humano. A psicanálise é, como afirma Plastino<sup>49</sup>, uma vertente de saber sobre o humano que não pode ser ignorada, na medida em que o reconhecimento da realidade psíquica e da sua gênese inconsciente modificou a concepção antropológica anteriormente estabelecida. A psicanálise apresenta, portanto, uma contribuição decisiva para a reflexão de quem somos enquanto humanidade.

Contudo, a descoberta do processo de funcionamento e apreensão do psiquismo inconsciente por Freud não modificou apenas o modo de compreensão acerca do humano, mas também acarretou mudanças nas concepções epistemológica e ontológica<sup>50</sup>. Para além de uma nova área de conhecimento sobre o humano, Plastino defende que a psicanálise é um novo modo de conhecer<sup>51</sup>. E, o que justifica que os autores estudados no presente trabalho tenham suas obras no campo da psicanálise, esse novo modo de conhecer lança um olhar não patriarcal sobre o humano.

Voltemo-nos, inicialmente, para a afirmação de que a psicanálise, através da descoberta do modo de funcionamento do psiquismo inconsciente, levou a mudanças nas concepções antropológica, epistemológica e ontológica vigentes na

<sup>48</sup> WINNICOTT, W.D.. Psicanálise e ciência: amigas ou parentes? In: \_\_\_\_\_. *Tudo começa em casa*. Trad.: Paulo Sandler. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011, p. XIV.

<sup>49</sup> PLASTINO, Carlos Alberto. *O Primado da Afetividade: a crítica freudiana ao paradigma moderno*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.; \_\_\_\_\_. *O quinto rombo: a psicanálise*. In: Santos, Boaventura de Sousa. *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado*. São Paulo: Cortez, 2004.

<sup>50</sup> *Ibid.*, 2001.

<sup>51</sup> *Ibid.*, 2001; 2004, op. cit.

época de Freud. Plastino sustenta a tese de que, apesar da influência patriarcal na obra de Freud, suas descobertas colocaram em xeque os pressupostos do paradigma da modernidade<sup>52</sup>.

Em que consiste um paradigma e, mais especificamente, em que consiste o paradigma da modernidade? As relações entre os seres humanos constituem hábitos, crenças e costumes que não são os mesmos em diferentes épocas e lugares. As práticas sociais não são universais, nem imutáveis, mas construções históricas. Contudo, quando o imaginário acerca de determinada concepção do existir, do ser humano e do modo de conhecer se torna hegemônico – ou seja, aparentemente natural - um paradigma é construído: “Um paradigma é um conjunto de *perspectivas dominantes* em torno da concepção do ser, do conhecer e do homem que, em períodos de estabilidade paradigmática, adquirem uma autoridade tal que se ‘naturalizam’.”<sup>53</sup>.

O paradigma da modernidade tem em sua matriz uma concepção racionalista do ser humano e maquínica da natureza, fundada no dualismo central homem/natureza, do qual decorrem outros dualismos: psiquismo/corpo, sujeito/objeto, cultura/natureza, masculino/feminino<sup>54</sup>. Tal paradigma reflete o contexto social e global da época de sua criação: séculos XVI e XVII, nos quais havia um projeto emancipatório e regulatório da vida social, fazendo com que o conhecimento tivesse por finalidade o domínio da natureza (emancipar), bem como do ser humano e da sociedade (regular). A construção hierárquica e patriarcal dos dualismos passa a receber “chancela científica”<sup>55</sup>. Nessa perspectiva, a natureza é uma “máquina-burra”, tanto por organizar-se de forma mecânica, respondendo a estímulos de causa e efeito, quanto por não ser capaz de

<sup>52</sup> PLASTINO, Carlos Alberto. *O Primado da Afetividade: a crítica freudiana ao paradigma moderno*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

<sup>53</sup> Ibid., 2001, p. 22, grifo do autor.

<sup>54</sup> Ibid., 2001.

<sup>55</sup> Plastino afirma que o patriarcado é o modelo de dominação mais antigo, encontrando-se já na Grécia Antiga. Até o Iluminismo grego – movimento que tem como símbolo inicial o pensamento socrático -, a “paixão” era pensada como fonte da vida, devendo encontrar na *ratio* uma medida para o excesso. Após este período, a *ratio* é transformada em *razão*, cabendo-lhe dominar a “paixão”, que passa a ser concebida de forma negativa. A dominação das “paixões” pela razão torna-se condição para a vida civilizada. Aristóteles é um representante desta concepção patriarcal, sendo evidente em sua obra a relação entre um polo ativo, da razão, que é masculino e um polo passivo, material, que é feminino. Com o advento da modernidade, nos termos aqui expostos, tais dualismos são legitimados a partir da ciência. A divisão cartesiana do ser humano em duas substâncias, material e imaterial, e sua associação à capacidade, ou não, de conhecimento é um referencial para a formação do pensamento patriarcal no que Plastino denomina paradigma da modernidade. Cf. PLASTINO, Carlos Alberto. *Vida, Criatividade e Sentido no Pensamento de Winnicott*. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

conhecimento. Ao real atribui-se uma essência logicamente organizada que só pode ser apreendida por um modo de conhecimento igualmente lógico e racional. O paradigma da modernidade é totalizante na medida em que exclui todo conhecimento que não se baseie na razão<sup>56</sup>. A pretensão de dominação da natureza pelo ser humano engloba a de dominar a natureza humana, sendo esta também concebida de modo determinista, possuindo uma essência imodificável. Indissociável dos pressupostos epistemológico e ontológico do paradigma da modernidade, seu pressuposto antropológico é cartesiano. Em sua obra *O Discurso do Método*, Descartes<sup>57</sup> divide o ser humano em duas substâncias: uma imaterial, *cogito*, traduzida como alma, pensamento ou razão, que corresponde ao *eu*, e outra material, perecível, corpórea que existe apenas de forma mecânica. Para que a verdade seja obtida, Descartes defende um método de conhecimento racional e objetivo, que separa o sujeito autônomo conhecedor e humano da natureza material a ser conhecida. A intuição, as emoções, o corpo e o “olhar feminino”<sup>58</sup> são não apenas descartados como canais através dos quais o ser humano obtém conhecimento, mas sua associação à natureza desvaloriza-os e coloca-os como polo a ser dominado para que a vida civilizada, para que a cultura, seja possível<sup>59</sup>.

O paradigma da modernidade, conforme acima apresentado, possui características patriarcais<sup>60</sup>, na medida em que se desenvolve a partir do conflito entre dois polos de um dualismo: natureza e cultura. Tais polos encontram-se em posições hierárquicas diferentes, estando a cultura acima da natureza. Além da hierarquia, há o aspecto do controle: para que a vida em sociedade seja possível, a cultura deve dominar a natureza, tanto a natureza de um modo geral, que é percebida como ameaçadora, quanto a natureza humana, que é definida como

<sup>56</sup> SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências na transição para as ciências pós-modernas. *Estud. av.* Vol. 2, n. 2, 1988. p. 46-71. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141988000200007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141988000200007)>. Acesso em: jan, 2017.

<sup>57</sup> DESCARTES, René. *O discurso do Método*. São Paulo: Nova Cultura Ltda, 2004.

<sup>58</sup> Como esclarece Schmidt: “A exclusão metafórica do feminino da razão nos discursos hegemônicos do saber ocidental se alinha com a história literal da desvalorização e da exclusão milenar das mulheres dos campos da ciência e da cultura.”. SCHMIDT, Rita Terezinha. Para além do dualismo natureza/cultura: ficções do corpo feminino. *Organon*. V. 27, n. 52, 2012. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/organon/article/view/33480>>. Acesso em: nov. 2016. Não possui numeração de páginas.

<sup>59</sup> PLASTINO, Carlos Alberto. *Vida, Criatividade e Sentido no Pensamento de Winnicott*. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

<sup>60</sup> Cf. Introdução.

antissocial e egoísta. Este modo de apreensão da relação entre a natureza e a cultura estende-se aos demais dualismos: o corpo deve ser dominado pelo psiquismo (que é reduzido à consciência racional), o masculino deve dominar o feminino e o sujeito conhecedor deve dominar seu objeto de conhecimento. Como anteriormente apontado, o sujeito debruça-se sobre o objeto utilizando apenas a razão, visto que o conhecimento racional é o único válido no contexto do paradigma da modernidade. Este fator de primazia da razão deve-se à concepção do real como logicamente organizado, levando à ideia de que quando mais conhecimento racional for obtido, mais se chega perto da verdade. Qualquer forma de conhecimento, como o intuitivo, que não se enquadrasse na concepção de verdade intrínseca aos pressupostos do paradigma da modernidade era considerada inválida. Nesse contexto, que era o de Freud, a física era o parâmetro para todas as ciências, inclusive para as emergentes ciências sociais<sup>61</sup>.

Plastino<sup>62</sup> aponta que Freud era um homem do seu tempo, forjado intelectualmente com as ideias então vigentes. A influência da concepção “fiscalista” da sua época aparece na formulação teórica que ele deu aos conhecimentos apreendidos na experiência clínica psicanalítica – denominada metapsicologia -, visto que era o instrumental do qual dispunha. São exemplos da referida influência a primeira construção teórica que Freud elabora do psiquismo como uma máquina e sua percepção inicial da pulsão em termos quantitativos, e não qualitativos<sup>63</sup>. Contudo, a experiência clínica de Freud vai modificando sua teoria e as categorias por ele utilizadas, categorias que se pautavam nos pressupostos do paradigma da modernidade, embasando a crítica e a superação deste paradigma.

Plastino<sup>64</sup> explica que a psicanálise decorre da experiência clínica de Freud com as neuroses, mas que ele não formulou o conceito de inconsciente – reconhecido após anos de clínica - no início do seu trabalho teórico. O germe da psicanálise consistiu na observação de Freud das emoções e das defesas que eram

---

<sup>61</sup> SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências na transição para as ciências pós-modernas. *Estud. av.* Vol. 2, n. 2, 1988. p. 46-71. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141988000200007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141988000200007)>. Acesso em: jan, 2017.;

<sup>62</sup> PLASTINO, Carlos Alberto. *O Primado da Afetividade: a crítica freudiana ao paradigma moderno*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

<sup>63</sup> *Ibid.*, 2001.

<sup>64</sup> *Ibid.*, 2001.

postas àquelas. O seu núcleo estava na natureza puramente psicológica da teoria, bem como na centralidade dos afetos na patologia (“primado da afetividade”). Houve um processo lento de elaboração e reelaboração, no qual Freud começa apontando uma “cisão na consciência” a partir de afetos cuja representação não podia ser suportada e cuja expulsão do psiquismo era ineficaz, visto que geraria a “não-consciência” e lá se instalaria, continuando a surtir efeitos. Freud acreditava que havia uma escolha consciente de afastar a representação daquele afeto, havendo resistência para lembrá-la. Ainda não se tratava do inconsciente, que vai se impondo aos poucos para gerar coerência na formulação teórica freudiana. Afinal, para Freud, a representação expulsa não se associava com outras representações, o que se opunha à imagem arqueológica construída por ele, na qual haveria associação com outras representações, com organização e inteligência próprias que continuava a surtir efeitos. Plastino<sup>65</sup> aponta que essa formulação só vem em 1900, com “A interpretação dos sonhos”, que decorre de uma experiência pessoal (morte do seu pai) na qual Freud se depara com o Complexo de Édipo e ressignifica sua experiência clínica: os sonhos e sintomas passam a ser concebidos como expressão do inconsciente, iniciando um caminho que culmina na “virada dos anos 20” (terceira síntese metapsicológica).

Ainda que o processo de compreensão e elaboração teórica do psiquismo inconsciente tenha ocorrido gradualmente, a tese de Plastino é que a descoberta do modo de funcionamento e de apreensão do inconsciente colocou em xeque os pressupostos do paradigma da modernidade. Tais pressupostos, conforme apontado acima, possuem características patriarcais.

A concepção ontológica do paradigma da modernidade, segundo a qual o real possui uma organização lógica, foi abalada pela descoberta de uma realidade psíquica inconsciente. Ou seja, de uma realidade que não passa pela matéria e por processos meramente físicos e biológicos.

A afirmação da realidade psíquica como diferente da material assinala o momento inaugural da descoberta freudiana. São as características específicas dessa realidade que impõem à experiência que visa apreendê-la uma forma de ser totalmente diferente dos experimentos idealizados para lidar com a realidade material.<sup>66</sup>

---

<sup>65</sup> PLASTINO, Carlos Alberto. *O Primado da Afetividade: a crítica freudiana ao paradigma moderno*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

<sup>66</sup> \_\_\_\_\_. *Vida, Criatividade e Sentido no Pensamento de Winnicott*. Rio de Janeiro: Garamond, 2014, p. 18.

O psiquismo inconsciente permite afirmar a complexidade do real, na medida em que não responde à noção consciente de tempo, que abarca desejos e afetos conflitantes entre si, que substitui a realidade exterior pela psíquica, que o investimento de uma representação pode deslocar-se para outra ou que o investimento de várias representações pode condensar-se em apenas uma representação. Tais características fogem à organização lógica, mas o psiquismo inconsciente é igualmente parte do real, visto que exerce influência nos processos somáticos, levando à percepção de que o real possui diversas formas.

A concepção antropológica do paradigma da modernidade, que separa o corpo material do psiquismo imaterial, racional e reduzido à consciência, também é abalada. Primeiramente, pela descoberta de uma parte do psiquismo que é inconsciente e originária. Ou seja, o psiquismo genuíno é inconsciente, e não consciente, o que aparece na segunda tópica de Freud na instância que ele denominou Id: “O psiquismo, afirma [Freud], é genuinamente inconsciente, sendo a consciência uma característica que pode acompanhar ou não a vida inconsciente, acrescentando que, na maioria dos atos psíquicos, isto não acontece.”<sup>67</sup>. Na segunda tópica, o inconsciente é apresentado como originário, dotado de fantasias originárias e símbolos universais, sendo não uma decorrência da consciência, e sim a formação do consciente uma etapa posterior. A separação entre corpo e psiquismo também é colocada em xeque, na medida em que os processos e representações inconscientes manifestam seus efeitos no corpo, efeitos que não podem ser explicados por fatores simplesmente biológicos.

A psicanálise também levou a modificações no pressuposto epistemológico do paradigma da modernidade, segundo o qual o modo válido de conhecimento é o racional e neutro, devendo haver uma separação entre o sujeito conhecedor e o objeto a ser conhecido. A descoberta do inconsciente e do “processo primário” de apreensão, que é realizado através de imagens e emoções que produzem sentido, contraria a redução do psiquismo à consciência e do conhecimento à linguagem lógico-racional e ao significado. Na experiência psicanalítica, a intuição, os afetos e a empatia tornam-se lugar conhecedor, permitindo a superação do dualismo corpo/mente e da concepção do corpo como “máquina burra”. As sensações corporais tornam-se não apenas canal de

---

<sup>67</sup> PLASTINO, Carlos Alberto. *Vida, Criatividade e Sentido no Pensamento de Winnicott*. Rio de Janeiro: Garamond, 2014, p. 18.

construção da subjetividade a partir de uma experimentação direta da existência, mas o primeiro lugar dessa experiência. A psicanálise, para além de um novo conhecimento, surge como uma nova forma de conhecer, na medida em que se constitui como um saber compreensivo, que ocorre entre dois sujeitos em relações de transferência<sup>68</sup>. Neste sentido, a psicanálise afasta-se do dualismo que separa o sujeito conhecedor do objeto a ser conhecido.

É relevante para este trabalho que a psicanálise se constitui como uma nova forma de conhecer não patriarcal. A separação e hierarquia entre os polos dos dualismos natureza/cultura, corpo/psiquismo, emoção/razão, feminino/masculino, presentes nos pressupostos do paradigma patriarcal, desaparecem na experiência clínica psicanalítica. Não há um sujeito conhecedor que almeja dominar um objeto de conhecimento de forma distanciada e racional, e sim dois sujeitos em relação de transferência e contratransferência. Tais sujeitos se comunicam através da linguagem lógico-racional, mas a comunicação também se opera de forma direta entre o inconsciente do analista e o do paciente. Os processos identificatórios e os afetos possuem primazia na experiência psicanalítica, que coloca o corpo, as imagens, emoções e a intuição como lugar conhecedor que se imiscui com o psiquismo, com a fala e com o conhecimento racional. Os dualismos patriarcais perdem seu lugar de evidência, justificando que os autores aqui estudados derivem seus trabalhos teóricos da experiência psicanalítica. É essa experiência não patriarcal de conhecimento que permite vislumbrar uma concepção não patriarcal do ser humano.

Contudo, como se buscou acentuar ao longo deste tópico, Freud não tinha a intenção de questionar os pressupostos vigentes em sua época, visto que estes orientaram sua formação intelectual. Por esta razão, sua formulação teórica é abordada no presente trabalho como uma leitura patriarcal do ser humano. Defende-se que Winnicott, em sua teoria do desenvolvimento emocional primitivo, por outro lado, apreendeu os aspectos não patriarcais das descobertas de Freud, o que sustenta que se apresente sua concepção da construção da subjetividade como não patriarcal ou matricial<sup>69</sup>.

---

<sup>68</sup> PLASTINO, Carlos Alberto. O quinto rombo: a psicanálise. In: Santos, Boaventura de Sousa. *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado*. São Paulo: Cortez, 2004.

<sup>69</sup> Cf. conceito de Maturana e de Verden-Zoller na Introdução.

A explicação de Honneth acerca da virada da psicanálise ortodoxa – que manteve aspectos patriarcais – para a teoria psicanalítica que se construiu a partir da experiência com crianças é elucidativa em relação à mudança que se deu na abordagem da relação indivíduo/sociedade de Freud para Winnicott:

O que distingue de imediato da abordagem da tradição ortodoxa da psicanálise é uma percepção que pode ser inserida comodamente no quadro teórico formulado por Hegel e Mead: em seus primeiros meses de vida, a criança pequena depende a tal ponto da complementação prática de seu comportamento pelos cuidados maternos que ela representa uma abstração errônea quando a pesquisa psicanalítica a considera um objeto de investigação independente, isolada de qualquer pessoa de referência. A assistência com que a mãe mantém o bebê em vida não se conecta ao comportamento infantil como algo secundário, mas está fundida com ele de uma maneira que torna plausível supor, para o começo de toda vida humana, uma fase de intersubjetividade indiferenciada, de simbiose portanto. Para Winnicott, isso se refere a mais do que é designado na teoria freudiana com o conceito de “narcisismo primário”: não só o bebê deve alucinar, tomando o comportamento cuidadoso materno como uma emanção da própria onipotência; também a mãe perceberá todas as reações de seu filho como um elemento de um único ciclo de ação. Essa unidade originária do comportamento, reciprocamente vivenciada, para a qual ganhou cidadania na pesquisa empírica o conceito de “intersubjetividade primária”, suscita a questão com que Winnicott se ocupou principalmente durante sua vida: como se constitui o processo de interação através do qual mãe e filho podem se separar do estado do indiferenciado ser-um, de modo que eles aprendem a se aceitar e amar, afinal, como pessoas independentes?<sup>70</sup>

A questão que Honneth atribui a Winnicott é fundamental para demonstrar a mudança da perspectiva patriarcal do individualismo para a perspectiva matricial da individuação. Não se trata mais de questionar as relações objetais ou como indivíduos narcisos e hedonistas podem conviver em sociedade. A pergunta passa a ser: como a relação inicial de todo ser humano de profunda simbiose com outro ser humano pode se transformar em relação entre seres autônomos? A dificuldade que todo ser humano enfrenta, portanto, não é a de conviver com o outro, mas a de se separar do outro. Individuar-se é ampliar as relações de reconhecimento mútuo<sup>71</sup>, mantendo um equilíbrio, e não um conflito, entre simbiose e autonomia.

O que a teoria do desenvolvimento emocional primitivo de Winnicott demonstra é que o modo como a relação de simbiose entre a mãe e seu bebê e como o processo de individuação ocorrem é fundamental na construção da

<sup>70</sup> HONNETH, Axel. *A Luta por Reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. Trad. Luiz Repa. São Paulo: 34, 2009, p. 164-165.

<sup>71</sup> *Ibid.*, 2009.

subjetividade. A junção entre a dependência física e psíquica que o bebê tem em relação à sua mãe encontra sua melhor expressão no conceito winnicottiano de *holding*: o modo como a criança é segurada no colo lhe apresenta a primeira sensação de confiança ou de desconfiança quanto ao ambiente.

Assim como Winnicott procurou nos aspectos da relação mãe-bebê uma inspiração para a construção do *setting* analítico<sup>72</sup>, é nela que se busca uma base para a construção não patriarcal (ou matricial) da subjetividade. O acolhimento, o respeito à espontaneidade, a comunicação corporal-emotiva, a sensualidade enquanto movimento para o outro, a confiança, a identificação e a intersubjetividade permitem o desenvolvimento emocional saudável de subjetividades que encontram o equilíbrio entre a singularidade e a inserção na sociedade. É na contraposição entre a perspectiva winnicottiana simbolizada pela relação harmônica mãe-bebê e entre a perspectiva freudiana simbolizada pela relação conflitiva pai-filho que se desenvolve o presente trabalho.

## 2.2.

### O sujeito patriarcal freudiano

Freud, conhecido como “pai da psicanálise”, realizou descobertas sobre o psiquismo que não podem ser desconsideradas na reflexão contemporânea acerca do humano. Conforme explicado no tópico anterior, suas descobertas ocorreram na experiência clínica, através de uma forma de saber identificada, neste trabalho, como não patriarcal. Contudo, a formulação teórica da sua exploração pelas emoções, conflitos e questões humanas ocorreu a partir das ferramentas disponíveis em sua época e em sua formação intelectual, fundadas nos pressupostos patriarcais do paradigma da modernidade.

O objetivo deste tópico é apontar que, apesar da fonte dos seus escritos encontrar-se em uma forma de saber não patriarcal, o sujeito da obra freudiana possui características patriarcais<sup>73</sup>. Para tanto, realizou-se um corte analítico que concentra o estudo principalmente, ainda que não exclusivamente, em algumas das mais relevantes obras de psicologia das massas de Freud. Tais obras refletem a percepção freudiana de que o saber obtido através da psicanálise seria útil não

<sup>72</sup> PHILLIPS, Adam. *Winnicott*. Trad.: Alessandra Siedschlag. Aparecida: Ideias&Letras, 2006.

<sup>73</sup> Cf. conceito de patriarcado na Introdução.

apenas na clínica, mas também na elucidação de questões relevantes para outras áreas, como o direito, a moral e a religião<sup>74</sup>. A justificativa para o recorte analítico aqui operado encontra-se no fato de que nas obras selecionadas, em virtude da preocupação de Freud com outras áreas do conhecimento, fica evidente o conflito indivíduo/sociedade. Afinal, para pensar a origem da sociedade, do direito, da moral e da religião, Freud reflete acerca do sujeito que está em sua gênese, do modo como ele se constitui e dos seus conflitos internos e com a realidade externa. Em seu trabalho encontra-se a concepção do humano que se apresenta no espaço psíquico patriarcal: um ser antissocial que sempre perde algo de si na vida em sociedade, precisando da repressão para que a convivência com outros indivíduos igualmente antissociais seja possível. O que será desenvolvido é o modo específico através do qual esta premissa patriarcal aparece no pensamento de Freud.

### 2.2.1.

#### **“Narcisismo primário” e individualismo: o sentimento de conter o todo ou a história de um rei deposto pela realidade**

Apontou-se, na Introdução, que um dos aspectos patriarcais no pensamento de Freud é a presença do inevitável conflito entre o indivíduo e o mundo externo. Segundo Plastino<sup>75</sup>, o conceito de “narcisismo primário” é fundamental para refletir acerca da relação indivíduo/sociedade, posto que tal conceito é pensado por Freud a partir da dinâmica pulsional<sup>76</sup> e por Winnicott como resultado do processo de amadurecimento emocional que necessita da participação de um outro. Compreendamos, inicialmente, como o conceito de “narcisismo primário” e seu nexos com o conflito indivíduo/sociedade aparecem no pensamento de Freud.

Uma leitura rápida de “O mal-estar na cultura” talvez deixe a impressão de que o primeiro capítulo, no qual consta a resposta de Freud a seu amigo Roman Rolland acerca da origem do sentimento religioso, não possui conexão com o

<sup>74</sup> ENDO, Paulo; SOUSA, Edson. Itinerário para uma leitura de Freud. In: FREUD, Sigmund. *O homem Moisés e a religião monoteísta*. Trad.: Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2014.

<sup>75</sup> PLASTINO, Carlos Alberto. *Vida, Criatividade e Sentido no Pensamento de Winnicott*. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

<sup>76</sup> O outro surge apenas como objeto da pulsão.

resto da obra. Ele rebate as críticas de Rolland ao seu livro “O futuro de uma ilusão”, segundo as quais Freud não teria apreendido a fonte da religiosidade: o “sentimento oceânico”. Contudo, como será desenvolvido a seguir, o debate não se reduz à origem da religião, mas exprime concepções diferentes acerca do ser humano e das suas relações com o que o circunda. A perspectiva adotada por Freud perpassa toda a obra “O mal-estar na cultura” e influencia na sua concepção de felicidade, de sociedade e de repressão.

Mesmo concordando com Freud acerca do caráter ilusório da religião, Rolland questiona o silêncio do amigo quanto a um sentimento que estaria na origem da religiosidade. Sentimento que acometeria o próprio Rolland:

Segundo ele, essa fonte seria um sentimento peculiar, que nunca costuma abandonar a ele próprio, que lhe teria sido confirmado por muitas outras pessoas e que poderia pressupor em um milhão de seres humanos. Um sentimento que ele gostaria de chamar de sensação de “eternidade”, um sentimento como o de algo sem limites, sem barreiras, “oceânico”, por assim dizer.

[...]

Ou seja, um sentimento de união indissolúvel, de pertencimento ao todo do mundo exterior.<sup>77</sup>

Rolland se refere a um sentimento de fazer parte do todo, de pertencimento, que estaria na fonte da religiosidade e seria utilizado pelas religiões. Ele defende a presença desse sentimento mesmo para aqueles que não seguem nenhuma instituição religiosa. Assim como o oceano que não tem barreiras, não haveria limitações entre o “eu” e o mundo externo, mas, ao contrário, uma ausência de limites, um elo. Como será visto no próximo tópico, tal sentimento aproxima-se da percepção winnicottiana acerca da relação entre a mãe e o seu bebê, que é de mutualismo e que passa, gradualmente, da dependência absoluta para a dependência relativa. Porém, sem nunca tornar-se independência total. O laço de profunda simbiose com a mãe amplia-se para laço familiar e, posteriormente, para laço social. A síntese elaborada por Honneth<sup>78</sup> é bastante elucidativa: o que ocorre é um constante equilíbrio (e não um conflito) entre simbiose e autonomia.

Freud, contudo, afirma que desconhece tal sentimento, nunca tendo ele mesmo o vivenciado, e que encontra, inclusive, dificuldade de abordá-lo

<sup>77</sup> FREUD, Sigmund. *O Mal-estar na cultura*. Porto Alegre: L&PM, 2016. (Coleção L&PM Pocket), p. 42-43.

<sup>78</sup> HONNETH, Axel. *A Luta por Reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. Trad. Luiz Repa. São Paulo: 34, 2009.

cientificamente. Ele defende que o ser humano tem certeza de sua unidade, certeza de sua distinção em relação ao exterior, havendo linhas claramente estabelecidas. Mesmo o “Id”, o psiquismo genuíno, seria uma prolongação para o interior, e não para o exterior. Os únicos casos de ausência de fronteiras entre o indivíduo e o seu ambiente, que ele considera uma ausência ilusória, seriam quando as pessoas estão apaixonadas ou em estados patológicos. Ou seja, apenas excepcionalmente haveria perturbações no sentimento do “eu”.

Avançando em sua reflexão, Freud reconhece que está se referindo aos adultos: o bebê não sente uma distinção entre o “eu” e o mundo exterior<sup>79</sup>. Enquanto leitores e leitoras, imaginamos que o raciocínio de Freud esteja se encaminhando para o reconhecimento do “sentimento oceânico” na gênese da construção da subjetividade. Porém, o que Rolland descreveu como o sentimento de *fazer parte do todo*, Freud interpretou como o sentimento de *conter o todo*.

Dito com mais exatidão: **originalmente o eu contém tudo**, mais tarde ele segrega de si um mundo exterior. O nosso atual sentimento do eu, portanto, é apenas um resíduo minguido de um sentimento de grande abrangência – na verdade, um sentimento que abrangia tudo e correspondia a uma íntima ligação do eu com o ambiente. Se nos for permitido supor que esse sentimento primário do eu tenha se conservado – em maior ou menor medida – na vida psíquica de muitas pessoas, então ele seria uma espécie de contraparte do sentimento do eu, delimitado de modo mais restrito e mais claro, próprio da maturidade, e os conteúdos ideativos correspondentes a esse sentimento primário seriam justamente de uma ausência de limites e de uma ligação com o universo, os mesmos que meu amigo usou para explicar o sentimento “oceânico”.<sup>80</sup>

Rolland referia-se a fazer parte de algo maior, sem limites. Freud inverteu e colocou o “sentimento oceânico” como a ideia de completude do “eu”, a sensação de conter tudo que é perdida aos poucos, até que o “eu” se torne incompleto, minguido, menor. Se a concepção de Rolland de “sentimento oceânico” remete a uma relação harmônica do ser humano com o ambiente que leva à imensidão, a concepção de Freud aponta para um conflito entre a onipotência de um narciso que acredita conter tudo e entre as sensações de frustração e desprazer que o ambiente externo lhe proporciona, tornando-o menor. Há uma contradição neste ponto do pensamento freudiano, na medida em que ele reconhece na fase primitiva do “eu” o sentimento de união com o universo (“sentimento oceânico”), mas o faz em uma perspectiva evolucionista na qual há

<sup>79</sup> FREUD, Sigmund. *O Mal-estar na cultura*. Porto Alegre: L&PM, 2016. (Coleção L&PM Pocket).

<sup>80</sup> Ibid., 2016, p. 48, grifei.

um inevitável conflito entre indivíduo e sociedade (ou, em sentido amplo, mundo externo)<sup>81</sup>.

Em “Introdução ao narcisismo”, Freud<sup>82</sup> aponta como um traço do narcisismo encontrado na vida psíquica das crianças a megalomania. Trata-se de um sentimento de onipotência, uma crença no poder mágico das palavras e dos desejos. Esse é o sentimento primitivo do “eu”, que não estabelece diferença entre si e o mundo externo, acreditando ser a fonte de todas as suas sensações<sup>83</sup>. O “narcisismo primário” da criança é alimentado pelos pais, que revivem, através dela, o seu próprio “narcisismo primário” perdido. A criança é colocada no lugar que Freud denomina “vossa majestade, o bebê”: ela é perfeita, não está sujeita a nenhuma lei social ou natural, é o objeto do amor dos pais, seu narcisismo renascido<sup>84</sup>.

A majestade, porém, vai aos poucos perdendo seu reino. No pensamento freudiano, o rei onipotente diminui à medida que se choca com a realidade externa, que lhe causa frustração e restringe suas vontades<sup>85</sup>. O reconhecimento de um “fora” vem da percepção de que algumas sensações não ocorrem de modo ininterrupto, como aquela proporcionada pelo seio materno, e da percepção das sensações de desprazer que se opõem ao princípio do prazer. A tendência do “eu” é se defender dos estímulos que causem desprazer, levando à sua segregação. Concluindo sua resposta a Rolland, Freud aponta não o sentimento oceânico como a fonte da religião, e sim a tentativa de se proteger das ameaças do mundo externo<sup>86</sup>.

Ao se chocar com o mundo externo, ou com o princípio da realidade, o “eu” encontra barreiras ao que Freud aponta como a finalidade dos seres humanos: a busca da felicidade. Tal busca tem, para Freud, um caráter hedonista,

<sup>81</sup> GEISLER, Adriana Ribeiro Rice. *Sociabilidade e criatividade como fundamentos para a elaboração jurídica: um banquete entre Hobbes, Rousseau, Freud e Winnicott*. 2009. 207 f. Tese (Doutorado em Direito) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

<sup>82</sup> FREUD, Sigmund. *Introdução ao narcisismo*. *Obras Completas, volume 12*. Trad.: Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

<sup>83</sup> \_\_\_\_\_. *O Mal-estar na cultura*. Porto Alegre: L&PM, 2016. (Coleção L&PM Pocket).

<sup>84</sup> FREUD, 2010, op. cit.

<sup>85</sup> Em “Introdução ao narcisismo”, Freud aponta que o bebê majestade é contido pelo complexo de castração. O complexo de castração e o complexo de Édipo serão abordados no capítulo seguinte. Em “O mal-estar na cultura”, ele aponta que o sentimento de conter o todo da fase primitiva do “eu” diminui à medida que há o choque com o mundo externo, o que inclui, como será abordado neste tópico, a relação com outros seres humanos, o caráter perecível do corpo humano e as ameaças da natureza.

<sup>86</sup> FREUD, 2016, op. cit.

na medida em que se confunde com experiências intensas de prazer ou, em seu caráter negativo, com evitar o desprazer: “Como se percebe, o que estabelece a finalidade da vida é simplesmente o programa do princípio do prazer”<sup>87</sup>. Ele aponta o princípio do prazer como o motor do aparelho psíquico e reduz um conceito complexo, que é o de felicidade, a termos físicos de carga e descarga:

[...] acreditamos que ele [princípio do prazer] é sempre incitado por uma tensão desprazerosa e toma uma direção tal que o seu resultado final coincide com um abaixamento dessa tensão, ou seja, com uma evitação do desprazer ou geração do prazer<sup>88</sup>.

Freud associa o desprazer ao aumento da quantidade de excitação na vida psíquica e o prazer à diminuição dessa excitação. Em “Além do princípio do prazer”, ele aponta o princípio do prazer como derivado do princípio da constância e afirma que há uma forte tendência no psiquismo a buscá-lo. Em “O mal-estar na cultura”, ele vincula felicidade à satisfação imediata de necessidades retidas<sup>89</sup>. Contudo, o prazer é inibido pela necessidade de autoafirmação do organismo diante do mundo externo, o que faz com que a satisfação seja renunciada, ainda que temporariamente<sup>90</sup>.

A concepção hedonista de felicidade adotada por Freud é individualista. Atrelada à satisfação individual, encontra-se em um inevitável conflito com a realidade externa: “[...] seu programa está em conflito com o mundo inteiro.”<sup>91</sup>. Para Freud, a realização plena da felicidade é impossível: “O programa que o princípio de prazer nos impõe, o de sermos felizes, não é realizável, mas não nos é permitido – ou melhor, não nos é possível – renunciar aos esforços de tentar realizá-lo de alguma maneira”<sup>92</sup>. Importante ressaltar que a simplificação da felicidade e a constatação da sua impossibilidade são características patriarcais. Afinal, tal constatação deriva de uma percepção conflitiva do ser humano: a felicidade é impossível porque atrelada a um desejo individualista que se choca com outros desejos individualistas e com as ameaças que a natureza impõe à satisfação dos impulsos. Aqueles que tentarem ignorar a realidade externa e

<sup>87</sup> FREUD, Sigmund. *O Mal-estar na cultura*. Porto Alegre: L&PM, 2016. (Coleção L&PM Pocket), p. 63.

<sup>88</sup> \_\_\_\_\_. *Além do princípio do prazer. Obras Completas, volume 14*. Trad.: Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

<sup>89</sup> FREUD, 2016, op. cit.

<sup>90</sup> FREUD, 2010, op. cit.

<sup>91</sup> FREUD, 2016, op. cit., p. 64.

<sup>92</sup> *Ibid.*, p. 77.

buscarem o gozo sem freios abandonarão a prudência e receberão seu castigo em algum momento. Ainda que não sejam castigados, a própria constituição humana, segundo Freud, só pode apreciar o contraste. Logo, a sensação de bem-estar não pode ser constante, e sim contrastante com outra de desprazer.

Além das limitações internas, Freud<sup>93</sup> apresenta três fontes externas que se opõem ao princípio do prazer e que fazem com que os seres humanos optem pela felicidade negativa (evitar o desprazer). A primeira delas estaria no corpo humano, que está sujeito à degradação, à dor, ao medo e às doenças. A segunda estaria na ameaça e nos perigos da implacável natureza. A terceira, considerada por Freud a mais dolorosa, na relação com os outros seres humanos. Esta é a que mais interessa para o objetivo deste trabalho, visto que não aponta apenas o conflito ser humano/mundo externo de modo amplo: trata-se especificamente do conflito indivíduo/sociedade.

Contudo, antes de desenvolver o tema indivíduo/sociedade, cabe um adendo no tema ser humano/natureza. Uma característica patriarcal é a relação de dominação do ser humano em relação à natureza, posto que esta é percebida como ameaçadora. Basta lembrar a tese de Maturana<sup>94</sup> acerca da origem do emocioar patriarcal: a desconfiança em relação aos lobos e à vida selvagem que representam. Em “O mal-estar na cultura”, Freud apresenta como uma das sugestões de defesa quanto às ameaças do mundo externo o ataque à natureza e sua submissão a partir da técnica proveniente da ciência. Esta é uma das influências dos pressupostos patriarcais do paradigma da modernidade, visto que se pauta em um conhecimento que almeja a dominação. Tal perspectiva é de uma relação de conflito, dual e hierárquica entre ser humano e natureza, na qual aquele deve dominar esta, que aparece no imaginário patriarcal como perigosa e ameaçadora. No caso específico do pensamento de Freud, ameaçadora ao projeto humano de felicidade.

Feito este adentro quanto ao conflito patriarcal que Freud estabelece entre ser humano e natureza, vejamos de que modo ele desenvolve o choque entre princípio do prazer e princípio da realidade no prisma do dualismo

---

<sup>93</sup> FREUD, Sigmund. *O Mal-estar na cultura*. Porto Alegre: L&PM, 2016. (Coleção L&PM Pocket).

<sup>94</sup> MATURANA, Humberto. Conversações Matrísticas e Patriarcais. In: MATURANA, Humberto; VERDEN-ZOLLER, Gerda. *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do ser humano*. Trad.: Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2004. Cf. Introdução.

indivíduo/sociedade. Conforme apontado anteriormente, para Freud a relação entre os seres humanos é considerada a oposição mais dolorosa ao princípio do prazer. Se é inevitável aceitar os limites impostos pela natureza, incluindo o perecimento do próprio corpo, segundo Freud é mais difícil admitir o sofrimento social. Apesar da mencionada dificuldade, ele afirma a existência de uma insatisfação com a cultura em seu tempo. Por cultura, ele entende a soma das realizações que afastaram os seres humanos da vida selvagem e os protegem dela, bem como a regulação das relações dos seres humanos entre si.

Em relação a este último aspecto – regulação das relações humanas – Freud se aproxima da descrição hobbesiana do humano, pensando a oposição entre o poder bruto do indivíduo e sua liberdade e entre o poder da comunidade, revestido da condição de direito ou justiça<sup>95</sup>. A existência da comunidade implica na restrição da satisfação individual. Logo, na restrição da felicidade.

Se não ocorresse tal tentativa [de regular], essas relações ficariam submetidas ao arbítrio do indivíduo, quer dizer, aquele que fosse mais forte fisicamente as decidiria de acordo com seus interesses e impulsos. E nada mudaria nisso se o mais forte encontrasse outro ainda mais forte que ele. A convivência humana só se torna possível quando se reúne uma maioria que é mais forte que cada indivíduo e que permanece unida contra cada um deles. Na condição de “direito”, o poder dessa comunidade se opõe então ao poder do indivíduo, condenado como “força bruta”. A substituição do poder do indivíduo pelo poder da comunidade é o passo cultural decisivo. Sua essência consiste no fato de que os membros da comunidade se restringem em suas possibilidades de satisfação, enquanto o indivíduo não conhecia tais restrições.<sup>96</sup>

O trecho reproduzido acima demonstra a percepção freudiana acerca da relação conflituosa entre indivíduo e sociedade. Para viver em comunidade, algo de si teria que ser retirado. A satisfação dos impulsos, irrestrita para um indivíduo isolado, encontra limitações no poder da comunidade. O que sobra é um narciso minguido, um rei destronado pelos comedimentos culturais. Em um estado bruto, ao contrário, cada um satisfaria seus impulsos de acordo com a força que dispusesse. Para Freud, uma das grandes questões da humanidade é saber se existe a possibilidade de estabelecer um equilíbrio entre o indivíduo e a cultura ou se o conflito é inevitável<sup>97</sup>. O título da obra demonstra a sua resposta: não é possível fugir do mal-estar e da frustração na vida em sociedade. A inevitabilidade do

<sup>95</sup> Em relação ao direito no pensamento patriarcal, o tema será desenvolvido no próximo capítulo em correlação com o superego.

<sup>96</sup> FREUD, Sigmund. *O Mal-estar na cultura*. Porto Alegre: L&PM, 2016. (Coleção L&PM Pocket), p. 98.

<sup>97</sup> *Ibid.*, 2016.

conflito no dualismo ser humano/cultura seria um reflexo da característica patriarcal que defende um conflito intrínseco na própria natureza humana.

### 2.2.2.

#### **Pulsão de morte: a agressividade originária do ser humano**

Em “O mal-estar na cultura”, Freud aponta a desilusão, vigente na época da escrita de sua obra, com as promessas de evolução que a cultura proporcionaria. Tal desilusão se expressa na teoria freudiana acima exposta: um inevitável conflito entre a busca da felicidade humana (através da consumação do princípio do prazer) e as limitações que lhe são impostas pelo mundo externo.

Freud<sup>98</sup> afirma que a falha da vida civilizada em resolver a terceira fonte de limitação à felicidade (relação entre seres humanos) teria demonstrado a natureza invencível da vida psíquica e levado à responsabilização da cultura pelas misérias humanas, bem como à idealização da vida primitiva. A condenação da vida terrena pelo cristianismo, o contato dos europeus com povos primitivos, considerados felizes, a descoberta de que o neurótico é aquele que não consegue lidar com as frustrações impostas pela cultura e a evidência de que a subjugação da natureza não tornou as pessoas mais felizes teriam, segundo ele, favorecido o descontentamento com a cultura.

É importante ter em mente, contudo, que há um pano de fundo histórico que influencia a escrita de Freud. “O mal-estar na cultura” é um texto de 1930. Publicado no intervalo entre a I e a II Guerra Mundial, carrega em suas entrelinhas o horror vivenciado na I Guerra: a morte de civis e a utilização das descobertas tecnológicas para exterminar pessoas em massa. O pessimismo da sua época em relação à possibilidade de melhorar a vida humana através da civilização encontra-se no próprio autor e se reflete em seu texto. A descrição freudiana do embate entre as limitações da cultura e a busca de satisfação do indivíduo é um modo de expressar sua desilusão pessoal com o progresso da civilização e com a natureza humana, decorrente do que foi vivenciado na I Guerra Mundial. Como consequência da referida desilusão, Freud realiza uma mudança no seu

---

<sup>98</sup> FREUD, Sigmund. *O Mal-estar na cultura*. Porto Alegre: L&PM, 2016. (Coleção L&PM Pocket).

pensamento que leva à elaboração da segunda teoria pulsional e à afirmação de que há uma força agressiva e destrutiva originária no ser humano. Do conflito entre amor e necessidade, que seriam os pais da cultura<sup>99</sup>, Freud desloca-se para a constante luta entre vida e morte no interior de cada indivíduo. É na própria natureza humana - que não consegue prescindir da cultura em virtude do amor que une, mas que também ameaça a cultura por tender à destruição - que Freud localiza a impossibilidade de uma vida feliz em sociedade. O conflito é inevitável, pois se encontra em cada ser humano. É essa virada no pensamento freudiano e sua enunciação da pulsão de morte como inata à humanidade que serão desenvolvidas a seguir.

Primeiramente, cabe o questionamento: se a vida cultural limita o ser humano em sua grande finalidade, que é a felicidade (realização do princípio do prazer), por que viver em sociedade? Freud responde esta pergunta construindo uma tese que remonta à gênese da cultura. Ele afirma que, ao perceber que lhe competia melhorar sua vida na Terra, chama a atenção do ser humano a ajuda do seu semelhante. Inicialmente, haveria pequenos agrupamentos (famílias). A formação e manutenção desses agrupamentos teriam dois objetivos. O primeiro seria o controle das forças externas. Aqui retorna o tema da natureza ameaçadora a ser contida através de dispositivos que protejam os seres humanos de sua violência, como a manufatura das primeiras ferramentas, o domínio do fogo e o desenvolvimento de outras tecnologias (escrita, telefone e moradia, por exemplo). A vida civilizada aparece em oposição aos perigos da natureza, como expressão de um embate que separa o ser humano do seu entorno.

O segundo objetivo relaciona-se com o que Freud apontou como o mais perto que se pode chegar da felicidade: o amor, cuja expressão sexual seria o modelo da realização do princípio do prazer. O caráter sexual seria o primeiro modo de vivência do amor, visto que a formação inicial da família partiria de um desejo do homem de tomar as mulheres como objetos sexuais. Posteriormente, haveria a expansão para o que Freud denominou “amor de meta inibida”, que estaria na relação entre pais e filhos e entre amigos. Tais relações estariam livres da restrição de exclusividade imposta pelas relações de cunho sexual.

---

<sup>99</sup> FREUD, Sigmund. *O Mal-estar na cultura*. Porto Alegre: L&PM, 2016. (Coleção L&PM Pocket).

Importante ressaltar o traço patriarcal da tese freudiana acerca da origem da vida em sociedade. Não apenas na concepção de inimidade que existe entre o ser humano e a natureza, como também pelo lugar que a mulher é posta em sua formulação. Conforme exposto na Introdução, um dos prismas a partir dos quais se defende, neste trabalho, uma perspectiva patriarcal em Freud está na reprodução que ele faz das associações patriarcais do feminino e da mulher com objeto passivo e com a natureza a ser controlada e do masculino com o sujeito ativo e com a cultura que contém os impulsos da natureza. Primeiramente, as mulheres aparecem literalmente como objetos passivos do desejo. Segundo Freud<sup>100</sup>, os homens ingressariam nos agrupamentos para manter o objeto sexual, ao passo que as mulheres permaneceriam por amor aos filhos. A sua tese se aproxima da tese de Maturana<sup>101</sup> acerca de uma das fases iniciais do emporar patriarcal: a apropriação da sexualidade das mulheres pelos homens. Na formulação freudiana, as mulheres não possuem sequer o papel ativo sexual na gênese da cultura, mas são colocadas em um lugar passivo e maternal. É o ato dominante do macho que propulsiona o agrupamento e sua manutenção<sup>102</sup>.

Contudo, não é apenas no lugar passivo de objeto sexual que o olhar patriarcal acerca da relação entre as mulheres e a cultura aparece. Na origem da vida cultural, segundo Freud, está a necessidade de trabalhar para sobreviver e se proteger dos perigos da natureza, tornando a vida na Terra melhor. Há, ainda, outro fator decisivo, o amor: “Eros e anaque também se tornaram os pais da cultura humana”<sup>103</sup>. Afinal, como exposto acima, o homem queria manter seu objeto sexual e a mulher não queria se separar da sua prole, fragmentos extraídos de si. Ocorre que, constituída a vida em sociedade, Freud aponta uma contradição no lugar que a mulher ocupa. Se, em um primeiro momento, o amor faz com que os seres humanos se unam, posteriormente tal amor torna-se inimigo da cultura. Mais especificamente, a exigência de amor por parte das mulheres em relação aos homens faria com que elas se tornassem opositoras da cultura. Como explica

---

<sup>100</sup> FREUD, Sigmund. *O Mal-estar na cultura*. Porto Alegre: L&PM, 2016. (Coleção L&PM Pocket).

<sup>101</sup> Maturana, Humberto. *Conversações Matrísticas e Patriarcais*. In: Maturana, Humberto; Verdén-Zoller, Gerda. *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do ser humano*. Trad.: Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2004. Ver Introdução.

<sup>102</sup> As mulheres são infantilizadas em sua vontade do mesmo modo que os filhos, o que será desenvolvido no próximo capítulo no estudo da horda patriarcal descrita por Freud em “Totem e tabu”.

<sup>103</sup> FREUD, 2016, op. cit, p. 107.

Freud, a família pede um vínculo restrito, ao passo que a cultura demanda não apenas a ampliação dos vínculos, como também a dispersão da libido através da sublimação. Ou seja, o princípio do prazer deixa de se realizar apenas através do ato sexual, encontrando nas realizações da cultura (atividades intelectuais, religiosas, artísticas) satisfação dos seus impulsos. Para Freud, contudo, as mulheres não teriam a mesma capacidade dos homens para sublimar, ressentindo-se da distribuição de investimento libidinal de seus parceiros.

Além disso, as mesmas mulheres que, com as exigências de seu amor, de início assentaram os fundamentos da cultura, logo se opõem ao seu curso e passam a exercer uma influência retardadora e bloqueadora. As mulheres representam os interesses da família e da vida sexual; o trabalho da cultura se tornou sempre mais um assunto de homens, colocando-lhes tarefas sempre mais pesadas, força-os a sublimações dos impulsos de que as mulheres são pouco capazes. Visto que o homem não dispõe de quantidades ilimitadas de energia psíquica, precisa executar suas tarefas através de uma divisão apropriada da libido. Aquilo que emprega para fins culturais, ele subtrai em sua maior parte das mulheres e da vida sexual: a convivência constante com outros homens e sua dependência das relações com eles chegam inclusive a afastá-lo de suas tarefas de marido e de pai. Desse modo, a mulher se vê relegada ao segundo plano pelas exigências da cultura e entre numa relação hostil com ela.<sup>104</sup>

Ainda que Freud atribua um papel às mulheres na gênese da cultura enquanto demandantes de amor, este é um papel passivo de objeto do desejo. Formada a cultura, as mulheres não podem fazer parte dela por não sublimarem seus impulsos. Aparecem, desse modo, como meninas caprichosas que exigem atenção e se tornam inimigas do progresso da humanidade por interesses egoístas. O homem, por sua vez, é descrito como construtor desse espaço de convivência e melhoramento da vida, capaz de conter seus impulsos sexuais e aplicá-los nas “nobres” tarefas da cultura. Está presente, portanto, a associação patriarcal entre os dualismos natureza/cultura, objeto/sujeito e feminino/masculino, na qual o componente do primeiro polo deve ser dominado pelo componente do segundo polo para que a vida em sociedade seja possível. A cultura, na teoria freudiana, encontra seu alicerce nesse pressuposto hierárquico e de dominação<sup>105</sup>. Logo, não é difícil compreender a razão do inevitável mal-estar que ele vislumbra.

<sup>104</sup> FREUD, Sigmund. *O Mal-estar na cultura*. Porto Alegre: L&PM, 2016. (Coleção L&PM Pocket), p. 112.

<sup>105</sup> Ressalte-se que não se pretende realizar uma leitura anacrônica da descrição de Freud acerca da relação entre as mulheres e a cultura. Não apenas ele herda uma percepção do feminino naturalizada na cultura ocidental, como também reflete os valores de sua época. Ao estudar a mulher burguesa da sociedade na qual Freud viveu, Kehl aponta que sua única expectativa de reconhecimento estava no casamento e na maternidade. Estes eram os grandes propósitos de sua vida. Os homens, por sua vez, tinham no casamento e na paternidade apenas um aspecto de

O inevitável mal-estar perpassa os inúmeros conflitos que Freud percebe na relação entre o indivíduo e o mundo externo, seja em sua relação com a natureza, seja na relação com outros seres humanos. Contudo, é no próprio ser humano que aparece o conflito inevitável, o que se expressa em suas duas teorias pulsionais. Na tese de Freud acerca da origem da cultura, acima apresentada, ainda se está no registro da sua primeira teoria pulsional: o conflito entre a pulsão da fome, da necessidade, da conservação do indivíduo, e entre a pulsão erótica, que se dirige a um objeto e leva à conservação da espécie. Em “Introdução ao narcisismo”, Freud aponta que, inicialmente, todo o investimento libidinal volta-se para o “eu” e, posteriormente, desloca parte de sua libido para objetos. Tal deslocamento não acontece, segundo Freud, de modo equilibrado, e sim em uma constante oposição. Investir em um é empobrecer o outro. Apaixonar-se é chegar ao extremo do empobrecimento da pulsão do “eu”, investindo toda a libido para um objeto<sup>106</sup>. Na origem da vida em sociedade, portanto, haveria o inevitável conflito entre o desejo de união, expressa na pulsão do amor, e a necessidade individual, expressa na pulsão do eu. Tal embate perpassaria a vida cultural, na medida em que o objeto do amor se oporia ao progresso da cultura e da consequente melhoria da vida humana na Terra (que atenderia à necessidade)<sup>107</sup>.

Porém, conforme já apontado, a violência e a destruição vividas na I Guerra Mundial levaram à desilusão em relação ao progresso que a civilização traria para a humanidade. A partir desse evento, Freud passa a reconhecer um componente destrutivo inato no ser humano, levando à modificação da teoria psicanalítica das pulsões. O outro deixa de ser apenas objeto do amor, passando a ser, também, um canal para descarga da agressão. Na primeira teoria pulsional, como acima explicado, há o conflito entre a fome (autoconservação) e o amor

---

realização e de reconhecimento. Cumprida esta parte do seu papel social, o trabalho e as ocupações públicas eram sua prioridade. As preocupações domésticas caberiam à mulher. Não à toa, defende Kehl, a mulher da clínica freudiana é a histérica constantemente insatisfeita. Cf. KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade*. 2ª ed.. São Paulo: Boitempo, 2016.

<sup>106</sup> FREUD, Sigmund. *Introdução ao narcisismo*. *Obras Completas, volume 12*. Trad.: Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

<sup>107</sup> Também se vislumbra o conflito entre a pulsão de conservação e a pulsão erótica no mito científico de Freud da horda patriarcal. Os filhos devem escolher entre sua sobrevivência, o que implica em não ter acesso sexual às fêmeas do grupo, e entre a realização dos seus impulsos sexuais, o que implica enfrentar o pai que detém o monopólio sexual. Cf. FREUD, Sigmund. *Totem e tabu*. Porto Alegre: L&PM, 2013. (Coleção L&PM Pocket)

(conservação da espécie, voltado para um objeto, exigência da libido). Há oposição entre pulsões do eu e do objeto.

Em “O mal-estar na cultura”, Freud explica o processo de transformação na teoria das pulsões. As bases dessa modificação, como será explicado a seguir, já aparecem em seu texto “Além do princípio do prazer”, publicado em 1920 (logo após o fim da I Guerra Mundial), mas a formulação madura e lúcida se encontra em “O mal-estar na cultura”. Tal modificação inicia, segundo Freud, com a compreensão da libido narcísica, ou seja, com a descoberta de que não há investimento libidinal apenas nas pulsões objetais, mas também nas pulsões do “eu”. Descobriu-se que o lugar originário de investimento da libido é no “eu”, o que torna sem sentido a divisão entre pulsão de autoconservação e pulsão de instinto sexual, posto que no “eu” também atua, ainda que não unicamente, instintos sexuais<sup>108</sup>. Ao invés de levar, como sugerido por Jung, para a afirmação de que a libido coincidiria com a pulsão, o caminho apontado por Freud foi o de pulsões de diferentes espécies<sup>109</sup>. As características dessas pulsões aparecem pela primeira vez em “Além do princípio do prazer”, conforme reconhecido pelo próprio Freud:

Mas restou algo como a certeza que ainda não podia ser fundamentada, a certeza de que os impulsos não poderiam ser todos da mesma espécie. Dei o passo seguinte em *Além do princípio do prazer* (1920), quando pela primeira vez me dei conta da compulsão à repetição e do caráter conservador da vida impulsional. Partindo de paralelos biológicos e de especulações sobre o começo da vida, extrai a conclusão de que, além do impulso de conservar a substância vivente e aglomerá-la em unidades sempre maiores, deveria existir um outro que lhe fosse oposto, que se esforça por dissolver essas unidades e reduzi-las ao estado primordial, inorgânico. Portanto, além de eros, um impulso de morte; a partir da ação conjunta e contraposta de ambos, os fenômenos da vida poderiam ser explicados.<sup>110</sup>

Ainda de modo especulativo e buscando embasamento na biologia, Freud apresenta, inicialmente, a mudança da sua primeira teoria pulsional (amor e fome) para a segunda teoria pulsional (amor e morte) em “Além do princípio do prazer”. O tema da morte perpassa a obra, o que parece uma manifestação do tempo pós-guerra que o autor vivia ao escrevê-la. Ele começa falando nas neuroses de guerra

<sup>108</sup> FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. *Obras Completas, volume 14*. Trad.: Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

<sup>109</sup> FREUD, Sigmund. *O Mal-estar na cultura*. Porto Alegre: L&PM, 2016. (Coleção L&PM Pocket).

<sup>110</sup> Ibid., 2016, p. 136-137.

e da tendência daqueles que voltaram dos campos de batalha a reviver em sonhos os momentos que lhes deixaram trauma. Tal repetição de algo doloroso em sonho coloca em xeque não apenas a ideia de que os sonhos sempre consistiriam na manifestação de um desejo, mas também de que o aparelho psíquico seria guiado unicamente pelo princípio do prazer. Freud esmiúça a relação entre prazer e desprazer, defendendo a existência de tendências independentes e mais antigas do que o princípio do prazer. Observando a repetição dos sonhos dos neuróticos de guerra, a brincadeira de crianças que reproduziriam situações que lhes causaram desprazer e a compulsão à repetição dos neuróticos de situações dolorosas reprimidas, decorrentes do complexo de Édipo, ele chega à conclusão de que há no organismo a tendência à restauração de um estado anterior. Ao contrário do que se imaginaria, o movimento natural não seria para o novo, mas para o já conhecido que foi perturbado por forças externas.

Freud relaciona à compulsão à repetição à teoria das pulsões apontando que também haveria no ser humano um movimento pulsional de retorno a um estágio inicial, que seria o inorgânico, ou seja, a morte: “O postulado de instintos autoconservadores, por nós atribuídos a todo ser vivente, acha-se em curiosa oposição ao pressuposto de que toda a vida instintual serve à realização da morte.”<sup>111</sup>. Para Freud, portanto, o objetivo da vida passa a ser a morte, o retorno ao estado de quietude, inorgânico. O princípio do prazer estaria em função desta busca por quietude, na medida em que se voltaria para a constância, para a diminuição de uma tensão através do processo de descarga, atuando tanto contra os estímulos de fora, quanto contra os estímulos de dentro: “O princípio do prazer parece mesmo estar a serviço dos instintos de morte [...]”<sup>112</sup>. Ele nega a existência de uma pulsão humana para o aperfeiçoamento e para a evolução ética, substituindo esta ideia pela pulsão erótica, ou seja, de reunir cada vez mais pessoas.

A tensão seria uma expressão da vida, que se encontraria nas células germinativas. Tais células, conforme explicado por Freud, tenderiam a se reproduzir, a se unir, tendo um potencial para a eternidade e estariam relacionadas

---

<sup>111</sup> FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. *Obras Completas, volume 14*. Trad.: Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 205.

<sup>112</sup> *Ibid.*, 2010, p. 238.

aos instintos sexuais. Não à toa, para Freud a descarga da tensão sexual é o paradigma do princípio do prazer.

Ele modifica sua teoria pulsional. Não fazia mais sentido a divisão entre pulsões do “eu” e pulsões eróticas, na medida em que haveria libido nas pulsões do “eu”. A partir da sua observação entre uma tendência de retorno ao estado inorgânico e seu conflito com o instinto sexual, que tenderia à vida, ele defende a divisão entre pulsão de morte e pulsão de vida (ou erótica). Nas palavras de Freud: “Desde o princípio nossa concepção era *dualista*, e hoje é mais claramente dualista do que antes, desde que não mais denominamos os opostos instintos do Eu e instintos sexuais, mas instintos de vida e de morte.”<sup>113</sup>.

Em “Além do princípio do prazer” Freud realiza a apresentação inicial da mudança em sua teoria e o faz a partir de exemplos da biologia. Em “O mal-estar na cultura”, porém, ele reflete o componente destrutivo inato ao ser humano – pulsão de morte – em sua relação com a cultura. Partindo do mesmo argumento hobbesiano de observação histórica e factual, ele defende uma tendência agressiva que ameaça a vida em sociedade.

A parcela de realidade por trás disso tudo, que se prefere recusar, consiste no fato de que o ser humano não é uma criatura afável e carente de amor que, no máximo, é capaz de se defender quando atacada, mas que ele pode contar com uma cota considerável de tendência agressiva no seu dote de impulsos. Por esse motivo, o próximo não é apenas um possível ajudante e um possível objeto sexual, mas também uma tentação para se satisfazer nele a agressão, explorar sua força de trabalho sem recompensá-lo, usá-lo sexualmente sem o seu consentimento, apropriar-se de seus bens, humilhá-lo, causar-lhe dor, torturá-lo e matá-lo. *Homo homini lupis*; quem, a partir de todas as experiências da vida e da história, terá coragem de contestar essa máxima?<sup>114</sup>

Assim como Hobbes, Freud atribui ao ser humano uma natureza destrutiva que se contrapõe à vida em sociedade, justificando sua existência na primazia da segurança à liberdade do indivíduo. Contudo, diferente de Hobbes para quem a vida em comunidade se baseia no medo<sup>115</sup>, Freud encontra sua origem no amor. Ou seja, ele aponta um conflito entre a destruição e o movimento para a união. O conteúdo essencial da vida estaria na luta entre Eros e a morte, que se apresentaria não apenas em cada indivíduo, mas também em sua relação com os outros seres

<sup>113</sup> FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. *Obras Completas, volume 14*. Trad.: Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 224 – grifado no original.

<sup>114</sup> \_\_\_\_\_. *O Mal-estar na cultura*. Porto Alegre: L&PM, 2016. (Coleção L&PM Pocket), p. 124-125.

<sup>115</sup> HOBBS, Thomas. *Leviatã ou Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil*. Trad.: Rosina D’Angina. São Paulo: Martin Claret, 2014.

humanos. Se Eros reúne e atua em favor da cultura, o impulso agressivo, expressão da pulsão de morte, atuaria para aniquilar a vida em sociedade. A pulsão de morte seria um aspecto intrinsecamente ruim no ser humano, parte de um inevitável conflito que ameaça a vida em sociedade. Trata-se de um elemento claramente patriarcal no pensamento freudiano, na medida em que atribui à humanidade a origem dos conflitos em sociedade, dando-lhes um sentido imodificável e determinista. A consequência desta percepção do humano não é outra senão a repressão para possibilitar a relação entre os indivíduos, levando à ideia de que o encontro com o outro sempre retira algo de si. Se na teoria hobbesiana a expressão dessa premissa patriarcal é o Leviatã, na tese de Freud esse lugar é ocupado pelo superego, o que será estudado no próximo capítulo.

### 2.3.

#### O sujeito matricial winnicottiano

Apresentada a concepção freudiana do sujeito patriarcal, dual, dividido entre a natureza agressiva, pulsional e individualista e a vida civilizada e reguladora<sup>116</sup>, este tópico discorre acerca de uma concepção da subjetividade que se denomina, na presente pesquisa, como não patriarcal ou matricial<sup>117</sup>. Conforme exposto na Introdução, tal percepção encontra-se no trabalho do psicanalista inglês Donald W. Winnicott, mais especificamente em sua teoria do desenvolvimento emocional primitivo. O que será apontado enquanto aspecto matricial do seu trabalho é não apenas a centralidade do par mãe-bebê em sua obra e em seu modelo clínico, mas também a relação harmônica e de continuidade entre mente e corpo, natureza e cultura, indivíduo e sociedade que transparece em seu pensamento. Diferente da perspectiva individualista do sujeito em conflito interno e com a sociedade, Winnicott apresenta um processo de individuação no qual a cultura é fonte de enriquecimento e no qual se busca um constante equilíbrio entre singularidade e simbiose.

Enquanto Freud se preocupava com as enredadas possibilidades de satisfação pessoal de cada indivíduo, para Winnicott essa satisfação seria apenas parte do panorama mais amplo das possibilidades para autenticidade pessoal do indivíduo,

<sup>116</sup> MARTINS, André. *Prefácio*. In: MIZRAHI, Beatriz Gang. *A vida criativa em Winnicott: um contraponto ao biopoder e ao desamparo no contexto político contemporâneo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

<sup>117</sup> Cf. Introdução.

o que ele chamará de “sentir-se real”. Na escrita de Winnicott, a cultura pode facilitar o crescimento, assim como o pode a mãe; para Freud ela proíbe e frustra, assim como o pai. Na visão de Freud, o homem é dividido e compelido, pelas contradições de seu desejo, na direção de um envolvimento frustrante com os outros. Em Winnicott, o homem só pode encontrar a si mesmo em sua relação com os outros, e na independência conseguida por meio do reconhecimento da dependência. [...] Anterior à sexualidade como o inaceitável, havia o desamparo. Dependência era a primeira coisa, antes do bem e do mal.<sup>118</sup>

Se no pensamento de Freud a felicidade possui uma característica individualista e mitigada pela cultura, em Winnicott a felicidade ganha contornos de uma jornada do desenvolvimento emocional no qual cada pessoa encontra, a partir de sua singularidade e no contato com a herança cultural, o melhor modo de viver, aquilo que faz a vida valer a pena de ser vivida<sup>119</sup>. A sociabilidade não mitiga o indivíduo, mas é um passo essencial na construção da subjetividade, na medida em que reconhecer o outro é reconhecer a si, ou seja, iniciar a passagem da completa dependência e *integração* em relação à mãe para o sentimento de *integração* do “eu”. É nesse processo de elo com um ambiente acolhedor e matricial que o caminho para o desenvolvimento emocional saudável se dá, permitindo ao sujeito encontrar sua forma de viver na criatividade e na singularidade, o que não implica a negação do outro, mas seu reconhecimento. Tal ambiente é, inicialmente, um lugar de maternagem e mutualismo, no qual a corporeidade e o afeto consistem na primeira linguagem e no qual a confiança, base do espaço psíquico matricial, é aprendida. Diferente de Freud, para quem a agressividade, expressão da pulsão de morte, seria um “pecado original” inato no indivíduo<sup>120</sup> e um traço ameaçador à sociabilidade, Winnicott enfatiza o movimento para a vida e para o desenvolvimento, que devem ser proporcionados por um ambiente favorável. A agressividade, na formulação teórica winnicottiana, não é um movimento para o inorgânico, e sim para a vida, podendo se transformar na expressão da luta pela sobrevivência emocional em um ambiente que falhou.

Os aspectos do pensamento de Winnicott brevemente expostos acima como matriciais serão desenvolvidos ao longo deste tópico. Contudo, antes de ingressar propriamente no estudo da sua teoria do desenvolvimento emocional

<sup>118</sup> PHILLIPS, Adam. *Winnicott*. Trad.: Alessandra Siedschlag. Aparecida: Ideias&Letras, 2006, p. 29.

<sup>119</sup> GEISLER, Adriana Ribeiro Rice. *Sociabilidade e criatividade como fundamentos para a elaboração jurídica: um banquete entre Hobbes, Rousseau, Freud e Winnicott*. 2009. 207 f. Tese (Doutorado em Direito) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

<sup>120</sup> PHILLIPS, 2006, op. cit.

primitivo, é necessário fazer alguns esclarecimentos. Por mais que o trabalho de Winnicott seja dotado de autenticidade e se oponha em muitos sentidos às concepções defendidas por Freud, Winnicott é um pós-freudiano e se reconhecia enquanto tal. Plastino<sup>121</sup> defende que a relação complexa de Winnicott com a teoria de Freud decorre dos próprios impasses na formulação e aceitação do “pai da psicanálise” de suas descobertas. Como apontado no tópico 2.1, as descobertas clínicas freudianas colocaram em xeque os pressupostos epistemológico, ontológico e antropológico vigentes em sua época, mas a organização dessas descobertas ainda se embasava nesses mesmos pressupostos. Porém, ainda que não siga à risca a metapsicologia freudiana, Winnicott reivindicava a sua herança clínica, fonte da teoria que desenvolveu<sup>122</sup>. Em outras palavras, Winnicott é herdeiro do modo de conhecimento, aqui denominado não patriarcal, desenvolvido por Freud no *setting* analítico. Como apontar Geisler<sup>123</sup>, antes de ser um opositor a Freud, Winnicott é um pós-freudiano que se volta para questões que Freud não tinha como pensar em seu contexto.

É importante, portanto, ter em mente a diferença dos períodos vividos por ambos. Freud nasceu no começo da segunda metade do século XIX, em uma sociedade com padrões de conduta rígidos e papéis sociais estritamente determinados. No final de sua vida, vivenciou o declínio dos ideais de progresso da civilização, o que se refletiu no pessimismo de sua descrição do psiquismo humano. Winnicott, por sua vez, nasceu no final do século XIX e pôde observar as transformações culturais ocorridas ao longo do século XX, em especial após a II Guerra Mundial. A sua origem inglesa também exerceu influência no primado que ele atribuiu à experiência, tanto à clínica, quanto à sua, visto que ele está presente em seus escritos<sup>124</sup>. Afinal, a própria atuação de Winnicott como psicanalista e a sua forma pouco acadêmica de formular a teoria refletem sua busca pessoal por um viver e um pensar criativos<sup>125</sup>. Apreendeu-se, nesta

<sup>121</sup> PLASTINO, Carlos Alberto. *Vida, Criatividade e Sentido no Pensamento de Winnicott*. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

<sup>122</sup> *Ibid.*, 2014.

<sup>123</sup> GEISLER, Adriana Ribeiro Rice. *Sociabilidade e criatividade como fundamentos para a elaboração jurídica: um banquete entre Hobbes, Rousseau, Freud e Winnicott*. 2009. 207 f. Tese (Doutorado em Direito) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

<sup>124</sup> *Ibid.*, 2009.

<sup>125</sup> PHILLIPS, Adam. *Winnicott*. Trad.: Alessandra Siedschlag. Aparecida: Ideias&Letras, 2006.

pesquisa, que tal formulação desvela uma perspectiva matricial da construção da subjetividade, afastando-se da concepção patriarcal freudiana.

Considerando que Winnicott não descarta o conhecimento obtido por Freud, mas se apropria da fonte desse conhecimento e o atualiza a partir da experiência clínica com o par mãe-bebê e com crianças, passemos ao estudo da sua teoria do desenvolvimento emocional primitivo.

### 2.3.1.

#### **A teoria do desenvolvimento emocional primitivo: um caminho para a individuação**

*Donald Winnicott dizia que o bebê não existe...e que a mãe não existe (de forma isolada).*

(Jonathan Pedder, presidente do “The Winnicott Trust”)

Em “Os delírios e os sonhos na *Gradiva* de W. Jensen”, Freud<sup>126</sup> afirma que os escritores de literatura possuem um conhecimento da alma humana acima daquele obtido pelos cientistas e pelas pessoas comuns. Em sua obra literária “A desumanização”, o escritor português/angolano Valter Hugo Mãe expressa, em poucas linhas, a gênese da relação de profunda simbiose do par mãe-bebê apreendida por Winnicott em sua experiência clínica: “Num certo sentido, todos os homens começaram por ser uma mulher. A mulher grávida não difere do seu filho senão já tarde. E o filho apenas muito depois se apercebe de algum desajuste entre o seu corpo e o que o circunda.”<sup>127</sup>. Em sua sensibilidade e “saber poético”, Mãe descreve a origem da construção do sujeito: no princípio da vida de cada ser humano há uma relação de mutualismo com a mãe. Não se trata da determinação de um papel social à mulher a partir da biologia, ainda que a gravidez implique em um evento biológico, mas de um lugar de cuidado e acolhimento. Lugar que Armony<sup>128</sup> denomina função-Mãe, caracterizada pela intuição, empatia, capacidade de adaptação e respeito à singularidade. Essas são as bases da gênese da construção saudável da subjetividade, como nos revela a teoria do

<sup>126</sup> FREUD, Sigmund. Os delírios e os sonhos na *Gradiva* de W. Jensen. *Obras Completas, volume 8*. Trad.: Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

<sup>127</sup> MÃE, Valter Hugo. *A desumanização*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2017, p. 84.

<sup>128</sup> ARMONY, Nahman. Van Gogh: cem anos de presença. In: \_\_\_\_\_. *O homem transicional: para além do neurótico & borderline*. São Paulo: Zagodoni, 2013.

desenvolvimento emocional primitivo do pediatra e psicanalista inglês Donald W. Winnicott.

Winnicott postulava que a base da sociedade é a personalidade humana, sendo o desenvolvimento emocional do indivíduo e o desenvolvimento emocional da sociedade simultâneos<sup>129</sup>. Existe no ser humano tanto um aspecto *físico* de desenvolvimento, quanto um aspecto *emocional*, ambos importantes para a saúde<sup>130</sup>. Assim como há uma tendência inata para que o corpo cresça e que certas funções sejam desenvolvidas, também há um processo de desenvolvimento emocional cujas tendências inatas dependerão de um ambiente facilitador, de condições suficientemente boas para atingirem sua potencialidade<sup>131</sup>:

Gostaria apenas de deixar aqui a observação de que quanto mais recuamos na história individual, mais verdadeira torna-se a proposição segundo a qual não há sentido em falarmos sobre o indivíduo sem considerarmos um ambiente suficientemente bom que se adapta às suas necessidades.<sup>132</sup>

O primeiro ambiente facilitador, do qual o bebê possui uma completa dependência, é a mãe (ou quem exerce a função de maternagem). Winnicott ressalta que esta completa dependência sequer é dependência na perspectiva do bebê, pois ainda não existe uma consciência do “eu” separado do todo<sup>133</sup>. Ainda que o observador externo veja um corpo unitário e separado, quem nasce é um psicossoma<sup>134</sup> não integrado cujas tendências à integração e à personalização dependem das condições físicas e emocionais do ambiente. Aos poucos, certo grau de independência é conquistado, perdido e reconquistado, na medida em que a personalidade vai se tornando integrada (tendência à integração) e que a relação entre a psique e o soma (tendência à personalização) vai ocorrendo. O processo de

<sup>129</sup> WINNICOTT, D.W. Sobre o significado da palavra democracia. In: \_\_\_\_\_. *A Família e o Desenvolvimento Individual*. Trad.: Marcelo Brandão Cipolla. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

<sup>130</sup> \_\_\_\_\_. Definição teórica do campo da psiquiatria infantil. In: WINNICOTT, D. W.. *A Família e o Desenvolvimento Individual*. Trad.: Marcelo Brandão Cipolla. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

<sup>131</sup> \_\_\_\_\_. O primeiro ano de vida. In: WINNICOTT, D. W.. *A Família e o Desenvolvimento Individual*. Trad.: Marcelo Brandão Cipolla. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

<sup>132</sup> \_\_\_\_\_. A posição depressiva e o desenvolvimento normal. In: : WINNICOTT, W.D.. *Da pediatria à psicanálise*. Trad.: Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000, p. 360.

<sup>133</sup> Ibid., 2000.

<sup>134</sup> Na explicação de Plastino: “O que nasce é um psicossoma, isto é, um organismo natural que a natureza dotou da capacidade de elaborar imaginativamente suas experiências. Subjacente à capacidade de criar significados através de símbolos gráficos e auditivos, está a capacidade humana de imaginar. O conceito de psicossoma carrega a parte do homem que pertence ao mundo natural, isto é, aquilo nele que não é por ele construído.”. PLASTINO, Carlos Alberto. *Vida, Criatividade e Sentido no Pensamento de Winnicott*. Rio de Janeiro: Garamond, 2014, p. 46.

realização dessas tendências não é automático e, como já mencionado, depende de condições físicas e emocionais facilitadoras. Tais condições estão, no primeiro estágio de desenvolvimento, em outro ser humano (aquele que exerce a maternagem). O desenvolvimento emocional não poderia ocorrer em tubos de ensaio, por exemplo: para que o bebê passe da não organização à organização é necessário o acolhimento e o cuidado afetuoso da mãe<sup>135</sup>.

Winnicott observou que a mãe, em sua fantasia inconsciente, pode deslocar seu interesse do próprio *self* para o bebê, o que ele denomina de “preocupação materna primária”<sup>136</sup>. Este estado permite que nos primeiros meses de vida o bebê não tenha consciência da realidade externa. Deste modo, ele pode permanecer na experiência de *continuidade na existência*, construindo seu “eu” em uma fantasia onipotente a partir do movimento espontâneo de criação, e não de modo meramente reativo ao ambiente. Mizrahi<sup>137</sup> ressalta a importância da troca neste estágio do desenvolvimento emocional: ao mesmo tempo em que a mãe alimenta o bebê, ele precisa que ela seja alimentada por ele e vice-versa. Winnicott descreve a troca que ocorre entre a mãe e o seu bebê como uma relação “viva”:

Estou me referindo ao processo bidirecional em que a criança vive num mundo subjetivo e a mãe se adapta, com o intuito de dar a cada criança um suprimento básico da *experiência de onipotência*. Isso envolve essencialmente uma relação viva.<sup>138</sup>

Ao se referir à relação mãe-bebê como viva e bidirecional, Winnicott trata do estágio de mutualismo no qual não apenas o bebê tem seu psiquismo vinculado ao da mãe, mas a mãe também desloca seu psiquismo para as necessidades do bebê. Em um processo natural de profunda empatia, a mãe impede que o bebê sinta, antes do tempo correto, as influências do mundo externo. Segundo Winnicott, a adaptação da mãe às necessidades do bebê evita um trauma, ou seja, a quebra da sensação de *continuidade na existência*<sup>139</sup>. Desse modo, o processo de amadurecimento ocorre no tempo certo, em um movimento espontâneo da criança

<sup>135</sup> WINNICOTT, D.W. O relacionamento inicial entre uma mãe e seu bebê. In: \_\_\_\_\_. *A Família e o Desenvolvimento Individual*. Trad.: Marcelo Brandão Cipolla. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

<sup>136</sup> Ibid., 2011.

<sup>137</sup> MIZRAHI, Beatriz Gang. *A Vida Criativa em Winnicott: um contraponto ao biopoder e ao desamparo no contexto contemporâneo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

<sup>138</sup> WINNICOTT, W.D.. O conceito de indivíduo saudável. In: \_\_\_\_\_. *Tudo começa em casa*. Trad. : Paulo Sandler. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011, p. 5 – grifado no original.

<sup>139</sup> Ibid., 2011.

demandando o ambiente, e não o contrário. O respeito pelo tempo e pelas fases do desenvolvimento do sujeito propicia um ambiente facilitador à realização das tendências de todo ser humano à integração, à personalização e à realização, que serão explicadas a seguir.

Diferente de concepções deterministas que atribuem ao ser humano características imodificáveis, Winnicott aponta tendências que serão, ou não, realizadas a depender das condições ambientais. Ao mesmo tempo em que não se fecha em uma concepção essencialista e identitária do humano, ele reconhece a existência de necessidades naturais mínimas para um desenvolvimento saudável<sup>140</sup>. Como ressalta Plastino<sup>141</sup>, a dependência do ambiente para a atualização das tendências não as torna irrelevantes na construção da subjetividade. O seu fracasso leva a consequências indesejáveis de doença emocional. Ao contrário da concepção patriarcal individualista, as necessidades apontadas por Winnicott são de um ambiente que acolhe e dá limites no tempo correto sem, contudo, reprimir e aniquilar a singularidade e a espontaneidade do sujeito.

Pensando o período inicial da vida humana como experiência de fusão total com a mãe, Winnicott pôde pensar o processo de construção da subjetividade como de emergência de um ser diferenciado, de um “indivíduo”. Nesta concepção, o processo de emergência do indivíduo caracteriza um processo de individuação. A participação do ambiente nesse processo, sendo decisiva, introduz a dimensão da história num processo que, mesmo continuando profundamente inserido na dinâmica natural, torna-se um processo cujo resultado é aleatório.<sup>142</sup>

O desenvolvimento humano ocorre por toda a vida, mas o desenvolvimento emocional primitivo, que culmina no sentimento do “eu” e na conquista da sociabilidade a partir do reconhecimento do outro, tem como ambiente facilitador a mãe. Tal fato ocorre a partir da “experiência de fusão total com a mãe”. Ou seja, quando o bebê nasce biologicamente ainda não houve um parto subjetivo. O bebê está fundido com a mãe em seu psiquismo. Ele se encontra em um estado de dependência absoluta.

---

<sup>140</sup> MIZRAHI, Beatriz Gang. *A Vida Criativa em Winnicott: um contraponto ao biopoder e ao desamparo no contexto contemporâneo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

<sup>141</sup> PLASTINO, Carlos Alberto. *Vida, Criatividade e Sentido no Pensamento de Winnicott*. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

<sup>142</sup> *Ibid.*, 2014, p. 41.

Comentando a teoria do desenvolvimento emocional primitivo de Winnicott, Honneth<sup>143</sup> denomina esta fase de simbiótica, na qual é impossível uma delimitação individual, visto que há uma intersubjetividade indiferenciada. Segundo Honneth, Winnicott se afasta do conceito de “narcisismo primário” de Freud, pois não apenas o bebê alucina sua onipotência: é preciso que a mãe esteja alucinando com ele. Plastino<sup>144</sup> explica que Winnicott manteve o uso da expressão “narcisismo primário”, mas o aplicou para o par mãe-bebê. Nas palavras de Winnicott:

Nos estágios iniciais chegamos inclusive a uma situação em que somente o observador poderá distinguir entre o indivíduo e o ambiente (narcisismo primário). O indivíduo não o poderá fazer, e neste caso será mais adequado falar de um conjunto ambiente-indivíduo, em vez de nos referirmos a um indivíduo.<sup>145</sup>

Desse modo, ele se afasta da associação patriarcal do termo com o conflito entre a condição inicial do bebê e as posteriores limitações impostas pela sociabilidade. Se, como exposto anteriormente, na concepção de Freud a onipotência presente no “narcisismo primário” do bebê se opõe ao princípio da realidade, na medida em que “vossa majestade, o bebê” é destronada, no conceito de “narcisismo primário” winnicottiano a relação entre onipotência e realidade ocorre de modo diverso. É justamente a ilusão que a mãe permite que o bebê mantenha de onipotência que leva à suave aceitação da realidade a partir do processo criativo. Winnicott aponta um paradoxo que deve ser aceito, e não resolvido: o bebê cria subjetivamente objetos já existentes. Ele precisa acreditar, na fase inicial, que é o criador daquilo que chega à sua percepção, o que é favorecido pela mãe quando esta se adapta às necessidades do seu bebê, apresentando-lhe o mundo e construindo o alicerce para uma futura relação com o princípio da realidade<sup>146</sup>. Quando o bebê alucina o seio, por exemplo, e este logo é proporcionado em virtude da “capacidade materna primária”, a criança mantém a ilusão onipotente de ter criado o seio: “A criança procura algo e encontra o seio, e

<sup>143</sup> HONNETH, Axel. *A Luta por Reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. Trad. Luiz Repa. São Paulo: 34, 2009.

<sup>144</sup> PLASTINO, Carlos Alberto. *Vida, Criatividade e Sentido no Pensamento de Winnicott*. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

<sup>145</sup> WINNICOTT, W.D. A posição depressiva e o desenvolvimento normal. In: :\_\_\_\_\_. *Da pediatria à psicanálise*. Trad.: Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000, p. 360.

<sup>146</sup> WINNICOTT, W.D.. O conceito de indivíduo saudável . In:\_\_\_\_\_. *Tudo começa em casa*. Trad. : Paulo Sandler. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

criou-se o seio”<sup>147</sup>. Segundo Plastino, a relação que o bebê tem com o seio materno é paradigma para a relação que terá com a realidade durante toda a sua vida<sup>148</sup>. Desse modo, a experiência de onipotência não significa que o “eu” será menor em contato com o princípio da realidade, e sim permite um processo de individuação sem traumas, visto que o bebê é um agente criador.

A experiência clínica mostrou a Winnicott que é fundamental uma relação de espontaneidade e criatividade com o mundo externo. Não se pode ser criativo no vácuo. A criatividade é em relação ao ambiente. Criar é recriar e, no caso do bebê, reelaborar repetidas vezes as suas experiências. No pensamento de Winnicott, o conceito de criatividade aparece intrinsecamente ligado ao de verdadeiro *self*, e ambos têm sua base na fase inicial de onipotência proporcionada pelo mutualismo mãe-bebê. O viver criativo é olhar tudo como se fosse a primeira vez, aprender a ver de um modo novo o que está objetivamente colocado<sup>149</sup>. A sua origem está na tendência que Winnicott identifica no humano para permanecer vivo, preservando sua personalidade. É o ser antes do fazer, o sentir que está vivo. Não implica necessariamente em um talento artístico ou genialidade. O viver criativo pode estar no modo único como se respira<sup>150</sup>. Para que a criança (re)crie o mundo, é necessário que a realidade se apresente no momento de sua criação subjetiva, o que é permitido pelo extremo grau de identificação temporária entre a mãe e o seu bebê<sup>151</sup>. Desse modo, a criança não reage ao ambiente, mas vai ao seu encontro de modo espontâneo e criativo. Uma interação inicial com um ambiente invasivo, que não se adapte às necessidades do bebê, levará ao desenvolvimento do que Winnicott chama de falso *self*.

Só na presença dessa mãe suficientemente boa pode a criança iniciar um processo de desenvolvimento pessoal e real. Se a maternagem não for boa o suficiente, a criança torna-se um acumulado de reações à violação; o *self* verdadeiro da

<sup>147</sup> WINNICOTT, D.W. O primeiro ano de vida: concepções modernas do desenvolvimento emocional. In: \_\_\_\_\_. *A Família e o Desenvolvimento Individual*. Trad.: Marcelo Brandão Cipolla. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 16.

<sup>148</sup> PLASTINO, Carlos Alberto. *Vida, Criatividade e Sentido no Pensamento de Winnicott*. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

<sup>149</sup> WINNICOTT, W.D.. Vivendo de modo criativo. In: \_\_\_\_\_. *Tudo começa em casa*. Trad. : Paulo Sandler. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

<sup>150</sup> WINNICOTT, W.D.. O conceito de indivíduo saudável . In: \_\_\_\_\_. *Tudo começa em casa*. Trad. : Paulo Sandler. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

<sup>151</sup> WINNICOTT, D.W. O primeiro ano de vida: concepções modernas do desenvolvimento emocional. In: \_\_\_\_\_. *A Família e o Desenvolvimento Individual*. Trad.: Marcelo Brandão Cipolla. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

criança não consegue formar-se, ou permanece oculto por trás de um falso *self* que a um só tempo quer evitar e compactuar com as bofetadas do mundo.<sup>152</sup>

*Self* implica em unidade e será desenvolvido à medida que o ego for se estabelecendo. Contudo, a força do ego do bebê e sua capacidade de se constituir como pessoa única dependem do apoio anterior do ego da mãe, do quanto sua capacidade adaptativa impediu que o ambiente externo se impusesse ao bebê antes da hora. Quando a mãe não se adapta e permite que o ambiente se imponha precocemente, um falso *self* é construído como modo de defesa do verdadeiro *self*. Ao invés do ambiente se adaptar ao bebê, é o bebê que se adapta ao ambiente, desenvolvendo-se “a partir da casca”<sup>153</sup>, em resposta às demandas externas, sem nenhuma espontaneidade. As pessoas que desenvolvem um falso *self* como forma de proteger seu verdadeiro *self* da invasão do ambiente são agradáveis e bem sucedidas por sua capacidade adaptativa, mas sofrem com um profundo sentimento de privação e frustração<sup>154</sup>.

O conceito de verdadeiro *self*, por sua vez, refere-se ao viver criativo acima explicado e se relaciona à singularidade de cada pessoa. É o sentir-se real, ter o gesto espontâneo, vivenciar a tendência para o desenvolvimento e mover-se em direção ao mundo externo com um olhar criativo<sup>155</sup>. O encontro com o verdadeiro *self*, que só pode ocorrer no interior de cada indivíduo de forma espontânea, insere-se em um processo de individuação no qual a relação com o mundo externo não implica na frustração, mas no elo entre a singularidade do sujeito e sua relação com a vida social<sup>156</sup>. A liberdade, aqui, não está associada a um princípio egoísta, e sim à capacidade de cada indivíduo de participar da construção da realidade. O afastamento do princípio egoísta é ratificado pelo fato de que o verdadeiro *self* se desenvolve na intersubjetividade, na relação com um ser humano que entrega algo de si em prol da construção da subjetividade de outro ser humano. O verdadeiro *self* só pode ser encontrado a partir da empatia. Ou seja,

<sup>152</sup> WINNICOTT, D.W. O relacionamento inicial entre uma mãe e o seu bebê. In: \_\_\_\_\_. *A Família e o Desenvolvimento Individual*. Trad.: Marcelo Brandão Cipolla. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 24.

<sup>153</sup> PLASTINO, Carlos Alberto. *Vida, Criatividade e Sentido no Pensamento de Winnicott*. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

<sup>154</sup> WINNICOTT, W.D.. O falso *self*. In: \_\_\_\_\_. *Tudo começa em casa*. Trad. : Paulo Sandler. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

<sup>155</sup> ABRAM, Jan. *A linguagem de Winnicott: dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott*. Trad.: Marcelo Del Grande da Silva. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

<sup>156</sup> PLASTINO, 2014, op. cit.

de um espaço psíquico matricial, no qual há harmonia, acolhimento e aceitação, pelo olhar materno, da singularidade do seu bebê.

É essa fase inicial de simbiose e dependência absoluta que proporciona a construção espontânea da subjetividade, levando à dependência relativa e à efetivação das tendências de integração, personalização e realização. Fortalecido pelo ego materno, o bebê pode se encaminhar para o “EU SOU”, para o sentimento de unidade psíquica diferenciada que permite a identificação com unidades mais amplas: família e, posteriormente, sociedade<sup>157</sup>. Tal sentimento é uma conquista denominada integração, que faz parte da saúde emocional do indivíduo<sup>158</sup>. Concomitante à conquista da integração está a da personalização, que implica na junção corpo/psiquismo, ou seja, no sentimento de que o psiquismo integrado está em um corpo: “[...] processo através do qual o bebê desenvolve o sentimento de que seu psiquismo está alocado no seu corpo.”<sup>159</sup>. Como será explicado a seguir, tal tendência se efetiva a partir do contato corporal entre a mãe e o seu bebê, que permite a este tomar consciência da sua própria corporeidade. A última tendência do desenvolvimento emocional primitivo é a realização ou conquista da posição depressiva. Após alcançar o sentimento do “eu”, o sujeito em construção está pronto para reconhecer o outro<sup>160</sup>. Conquistadas as três tendências, chega ao fim o desenvolvimento emocional primitivo e começam outras fases do desenvolvimento humano.

A teoria do desenvolvimento emocional primitivo de Winnicott lança um olhar não patriarcal, ou matricial, sobre a construção da subjetividade na medida em que coloca em xeque a premissa patriarcal do conflito indivíduo/sociedade. O que sua teoria demonstra é que não apenas a primeira relação humana é de empatia, mas que a primeira *necessidade* humana é de empatia e altruísmo absoluto de outro ser humano. A conquista do “eu” não ocorre em conflito com o princípio da realidade, mas é proporcionada por uma função de maternagem que facilita a transição entre o mundo subjetivo do bebê e o mundo objetivo. A relação materno-infantil guarda as bases do espaço psíquico matricial descrito por

<sup>157</sup> WINNICOTT, W.D.. Sum: eu sou. In: \_\_\_\_\_. *Tudo começa em casa*. Trad. : Paulo Sandler. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

<sup>158</sup> WINNICOTT, W.D.. O conceito de indivíduo saudável. In: \_\_\_\_\_. *Tudo começa em casa*. Trad. : Paulo Sandler. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

<sup>159</sup> PLASTINO, Carlos Alberto. *Vida, Criatividade e Sentido no Pensamento de Winnicott*. Rio de Janeiro: Garamond, 2014, p. 60.

<sup>160</sup> A posição depressiva é abordada do próximo capítulo.

Maturana<sup>161</sup>: empatia, respeito, corporeidade, harmonia e, o que é fundamental na reflexão de relações não patriarcais, confiança.

### 2.3.2.

#### **Holding: a importância da confiança no ambiente**

*A palavra-chave no que tange ao lado ambiental (correspondendo à palavra “dependência”) é “confiabilidade” – confiabilidade humana e não mecânica. (Winnicott, “Sum: eu sou”)*

Ainda que a experiência psicanalítica tenha na palavra o seu lugar de cura e matéria de trabalho, a comunicação que se estabelece no *setting* analítico vai além da linguagem lógico-identitária. O que torna a psicanálise uma nova forma de saber, conforme apontado no começo deste capítulo, é a comunicação através do processo primário, envolvendo afetos, transferência, contratransferência e compreensão direta entre inconscientes que se dá entre analista e paciente. Foi a comunicação pré-verbal que Winnicott privilegiou em seus estudos<sup>162</sup>. O uso das palavras vem apenas ampliar a capacidade primária de diálogo que o bebê já estabelecia com sua mãe através do cuidado materno<sup>163</sup>. A conversa do par mãe-bebê ocorre, principalmente, através do toque, da troca corporal.

O que nasce ainda não é um sujeito constituído, mas um psicossoma que vai elaborando, gradualmente, suas experiências corporais. Nos primeiros estágios da existência, o contato físico é parte fundamental dessa elaboração, em especial para que se alcance a conquista da tendência à personalização. O sentimento de que o psiquismo se aloca em um corpo depende da sensação de corpo integrado. O processo de reconhecimento e domínio do próprio corpo deriva do contato corpóreo com a mãe. Como aponta Honneth<sup>164</sup>, o trabalho de Winnicott nos

<sup>161</sup> MATURANA, Humberto. Conversações Matrísticas e Patriarcais. In: MATURANA, Humberto; VERDEN-ZOLLER, Gerda. *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do ser humano*. Trad.: Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2004.

<sup>162</sup> GEISLER, Adriana Ribeiro Rice. *Sociabilidade e criatividade como fundamentos para a elaboração jurídica: um banquete entre Hobbes, Rousseau, Freud e Winnicott*. 2009. 207 f. Tese (Doutorado em Direito) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

<sup>163</sup> PHILLIPS, Adam. *Winnicott*. Trad.: Alessandra Siedschlag. Aparecida: Ideias&Letras, 2006.

<sup>164</sup> HONNETH, Axel. *A Luta por Reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. Trad. Luiz Repa. São Paulo: 34, 2009.

permite afirmar que o bebê, em seu desamparo, não demanda a mãe apenas como objeto da sua pulsão, mas tem carência de colo, do contato corporal a partir do qual desenvolve suas funções sensoriais e motoras. É a partir desse contato que o bebê pode encontrar um centro e diferenciar suas experiências.

Porém, não é apenas a conquista da personalização que é favorecida pelo contato corporal entre a mãe e o seu bebê. A sensação do toque, mais especificamente do colo materno, dá ao bebê a primeira impressão de confiança ou de desconfiança em relação ao ambiente. Este aprendizado ocorre na fase pré-verbal acima mencionada e só pode ser realizado na interação entre dois seres humanos. A ideia distópica de bebês criados em tubos de ensaio<sup>165</sup> consiste em um ato de desumanização considerando o pensamento winnicottiano. A construção da subjetividade em termos de saúde emocional implica o cuidado de outro ser humano e o contato afetivo. Ou seja, não basta que a mãe segure o bebê no colo; o modo através do qual o faz é uma conversa que marca a elaboração das experiências feita pelo bebê.

O mundo psicanalítico levou muito tempo – e o pensamento sobre o desenvolvimento infantil tem sido extremamente influenciado pelos últimos sessenta anos de pensamento psicanalítico – para observar, por exemplo, a importância do modo pelo qual se toma um bebê nos braços, e, quando se começa a pensar nisso, percebe-se seu significado fundamental. Vocês poderiam fazer uma caricatura de alguém fumando um cigarro e segurando um bebê pela perna, balançando-o e colocando-o no banho – todo mundo sabe que não é disso que o bebê necessita. Há algumas coisas muito sutis aqui. Tenho observado e falado com milhares de mães e percebido como elas pegam o bebê, sustentando a cabeça e o corpo. Se você tomar a cabeça e o corpo de um bebê nas mãos e não pensar que constituem uma unidade, e aí tentar apanhar um lenço ou qualquer outra coisa, pronto: a cabeça vai para trás e a criança se divide em duas partes – cabeça e corpo. A criança começa a chorar e nunca mais vai se esquecer disso. A coisa terrível é que nada é esquecido. E então a criança sai pelo mundo sentindo falta de confiança nas coisas.

[...]

Essa questão de “segurar” e manusear traz à baila toda a questão da confiabilidade humana.<sup>166</sup>

No trecho acima reproduzido, Winnicott aponta que sua observação das mães segurando bebês no colo demonstrou que o “segurar” não é apenas um gesto mecânico. Trata-se de um ato de afeto que participa da constituição do sujeito, da integração dos seus pedaços no psiquismo, do sentimento de confiança que ele

<sup>165</sup> Cf. A obra de Aldous Huxley “Admirável Mundo Novo”.

<sup>166</sup> WINNICOTT, W.D.. O aprendizado infantil. In: \_\_\_\_\_. *Tudo começa em casa*. Trad. : Paulo Sandler. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011, p. 140-141.

terá no ambiente. A confiança é um sentimento que se aprende com outro *humano* de modo pré-verbal. A confiança não pode ser implantada, pois é o resultado de experiências em um ambiente<sup>167</sup>. Segurar um bebê de modo desleixado implica em mantê-lo no desamparo das experiências indiferenciadas. Apertá-lo com força excessiva implica em restringir seus movimentos e sua espontaneidade. Para saber o modo correto de “dar colo” não é preciso ter conhecimento ou formação específica, mas uma predisposição de cuidado e identificação com o bebê<sup>168</sup>.

Ao ato de “colo” da mãe Winnicott denominou *holding* ou “segurar”. Contudo, segurar tem um sentido bem mais amplo: começa no útero e se estende à sociedade à medida que a pessoa se desenvolve<sup>169</sup>. “Segurar” implica em sustentar. Para Winnicott, o ato de “segurar” seus membros deveria ser comunitário e norteador da prática clínica<sup>170</sup>. “Segurar” significa estabelecer relações que se baseiam na confiança e na colaboração, não no medo<sup>171</sup>.

A confiança é a gênese de um emocional matricial. Se recordarmos a tese de Maturana acerca das origens do emocional patriarcal, veremos que a desconfiança em relação à natureza e ao ambiente, representados pelos lobos, é a sua base. O que Winnicott aponta é que a confiança é um fator central na constituição da subjetividade, ou seja, é parte da saúde emocional. O desenvolvimento do sentimento de confiança, assim como a perda de confiança no ambiente, ocorre através da corporeidade, da troca de afetos, do tom da voz. Quando Winnicott afirma que o aprendizado da confiança é através de uma conversa pré-verbal<sup>172</sup>, ele coloca em xeque a separação corpo/psiquismo, demonstrando a importância dos afetos, do corpo e da empatia na construção da subjetividade. Na medida em que a sua teoria supera o dualismo corpo/psiquismo e a percepção da desconfiança como natural às relações humanas, Winnicott lança um olhar não patriarcal sobre a construção da subjetividade.

<sup>167</sup> WINNICOTT, W.D.. Raízes da agressão. In: \_\_\_\_\_. *Privação e delinquência*. Trad.: Álvaro Cabral. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

<sup>168</sup> WINNICOTT, W.D.. O conceito de indivíduo saudável. In: \_\_\_\_\_. *Tudo começa em casa*. Trad. : Paulo Sandler. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

<sup>169</sup> WINNICOTT, W.D.. O conceito de indivíduo saudável. In: \_\_\_\_\_. *Tudo começa em casa*. Trad. : Paulo Sandler. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

<sup>170</sup> WINNICOTT, W.D.. A cura. In: \_\_\_\_\_. *Tudo começa em casa*. Trad. : Paulo Sandler. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

<sup>171</sup> WINNICOTT, D.W. Segurança. In: WINNICOTT, D. W.. *A Família e o Desenvolvimento Individual*. Trad.: Marcelo Brandão Cipolla. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

<sup>172</sup> WINNICOTT, W.D.. O aprendizado infantil. In: \_\_\_\_\_. *Tudo começa em casa*. Trad. : Paulo Sandler. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

### 2.3.3.

#### A agressividade enquanto movimento para a vida

*Só se soubermos que a criança quer derrubar a torre de cubos, será importante para ela vermos que sabe construí-la.*

(Winnicott, “Agressão e suas raízes”)

Em seu texto seminal sobre agressão, Winnicott<sup>173</sup> aponta a agressividade como uma expressão inicial do amor, e não da pulsão de morte. Para Freud, conforme exposto anteriormente, a agressividade é um mal radical inato ao ser humano. Consiste na manifestação da pulsão de morte, ou seja, da tendência humana ao retorno da inatividade, do estado inorgânico, do repouso. Tal pulsão seria uma ameaça para a vida em sociedade, opondo-se à pulsão erótica que leva à união.

Winnicott começa seu artigo “Raízes da agressão” reconhecendo o amor e o ódio como elementos das relações humanas e da agressividade. Contudo, ele defende que a agressividade pode se tornar ódio, mas é originalmente parte do apetite, expressão do amor instintivo. Diante da alegação de uma mãe de que seu bebê a assustou com a violência com a qual atacou o seio, Winnicott defende que a violência estava na fantasia da mãe. Ele aponta que o bebê não tem a intenção de ferir: seu impulso para morder realiza-se quando está excitado, e não frustrado. Antes de uma tendência ao ódio, os bebês costumam proteger o objeto do seu amor<sup>174</sup>, mantendo a destrutividade em sua fantasia.

Se é verdade, portanto, que o bebê tem uma grande capacidade para a destruição, não é menos verdadeiro que ele também tem uma grande capacidade para proteger o que ama de sua própria destrutividade, e a principal destruição existe sempre, necessariamente em sua fantasia. E, quanto a essa agressividade instintiva, é importante assinalar que, embora se torne em breve algo que pode ser mobilizado a serviço do ódio, é originalmente uma parte do apetite, ou de alguma outra forma de amor instintivo.<sup>175</sup>

<sup>173</sup> WINNICOTT, W.D.. Raízes da agressão. In: \_\_\_\_\_. *Privação e delinquência*. Trad.: Álvaro Cabral. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

<sup>174</sup> Winnicott apresenta o exemplo do bebê que, tendo seu dente nascido prematuramente, sofreu de inanição parcial e se feriu para não machucar o seio materno. Ele também afirma que a maioria dos bebês, ainda que o desejam fazer em sua fantasia, não destroem o seio materno.

<sup>175</sup> *Ibid.*, 2012, p. 97.

A partir da palavra “voracidade”, Winnicott<sup>176</sup> relaciona o amor primário à boca, ao apetite, apontando uma fusão entre amor e agressão: “Winnicott introduz a ideia de investigar os mundos internos da mãe e do bebê estabelecendo uma relação com o dado real que é a alimentação”<sup>177</sup>. Qualquer dor que resulte da voracidade do bebê é por acaso, ou seja, não há intenção de machucar<sup>178</sup>. Como esclarece Plastino<sup>179</sup>, Winnicott considera que o ódio é um sentimento muito complexo para ser sentido pelo bebê nos momentos iniciais do seu desenvolvimento emocional primitivo. Não tendo desenvolvido o sentimento do “eu”, não tem a percepção da alteridade. Na medida em que a integração vai se efetivando, a agressividade vem acompanhada da noção de responsabilidade por suas ações e pela conquista do sentimento de culpa, o que será abordado no próximo capítulo.

Que Winnicott reconheça a existência do amor e do ódio nas relações humanas (e que os bebês são capazes de senti-los tanto quanto os adultos) não implica uma aproximação com a percepção conflitiva de Freud entre pulsão erótica e pulsão de morte. Ainda que a elaboração winnicottiana não descarte o conflito nas relações humanas, o indivíduo administrará sua ambivalência afetiva de acordo com as condições proporcionadas pelo ambiente e inserido no contexto social. A agressividade é pensada por Winnicott não como uma essência imodificável, mas a partir da experiência concreta de cada pessoa<sup>180</sup>. Phillips aponta que, diferente de Freud e de Klein, para os quais haveria uma luta pulsional entre Eros e Morte, Winnicott pensou a agressividade como potencial de desenvolvimento no qual há uma relação erótica com um objeto<sup>181</sup>. Ao contrário de Freud, para quem a agressividade seria a expressão da pulsão de morte e do retorno ao inorgânico, para Winnicott<sup>182</sup> agressividade é movimento, uma das fontes de energia do indivíduo, que começa com o bebê chutando na barriga da

<sup>176</sup> WINNICOTT, W.D.. Raízes da agressão. In: \_\_\_\_\_. *Privação e delinquência*. Trad.: Álvaro Cabral. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

<sup>177</sup> ABRAM, Jan. *A linguagem de Winnicott*: dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott. Trad.: Marcelo Del Grande da Silva. Rio de Janeiro: Revinter, 2000, p. 7.

<sup>178</sup> WINNICOTT, W.D., 2012, op. cit.

<sup>179</sup> PLASTINO, Carlos Alberto. *Vida, Criatividade e Sentido no Pensamento de Winnicott*. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

<sup>180</sup> Ibid., 2014.

<sup>181</sup> PHILLIPS, Adam. *Winnicott*. Trad.: Alessandra Siedschlag. Aparecida: Ideias&Letras, 2006.

<sup>182</sup> WINNICOTT, W.D., 2012, op. cit.

mãe e obtendo prazer no encontro com o ambiente<sup>183</sup>. Ele aponta que a diferenciação entre o “eu” e o não “eu” - que levará, posteriormente ao reconhecimento do outro - está relacionada à busca agressiva pelo ambiente. Afinal, o movimento só gera prazer quando encontra com alguma barreira. No caso do bebê, com o ambiente corpóreo materno. A agressividade, portanto, é uma força vital que se realiza no encontro com o outro e proporciona a sua identificação e diferenciação do “eu”.

Em estágios mais avançados do desenvolvimento, quando a criança já está integrada, Winnicott defende que é saudável a manifestação externa da agressividade. Ele trata de um contexto no qual a criança consegue dramatizar e externalizar a sua fantasia, buscando fora de si o limite para o potencial subjetivo de destruição instantânea. Quando o ambiente atua de modo favorável, a criança consegue estabelecer uma relação gradual entre sua fantasia subjetiva e o mundo objetivo<sup>184</sup>. Aos poucos se vincula destruição e construção: ao abrir mão da fantasia onipotente, a criança que realizou seu desenvolvimento emocional primitivo de forma saudável manifesta o desejo de contribuir com o mundo objetivo que se insere em sua percepção. Para Winnicott, é fundamental que a agressividade não seja negada como parte da experiência humana. Só assim o complemento da construção é valorizado, na medida em que o amor é exercido pela administração da agressividade<sup>185</sup>.

A falha ambiental, contudo, gera o que Winnicott denomina “tendência antissocial”. Seria a manifestação, por parte da criança, de comportamentos considerados socialmente desviantes. Ele apresenta a “tendência antissocial” a partir de dois aspectos<sup>186</sup>. O primeiro refere-se à falha da mãe em se adaptar às necessidades do bebê. A criança não desenvolverá a capacidade de se relacionar

---

<sup>183</sup> É interessante observar que tanto Freud quanto Winnicott desenvolveram seus trabalhos mais conhecidos sobre agressividade em contextos de pós-guerra. Freud após a I Guerra Mundial e Winnicott após a II Guerra Mundial. A percepção deles não poderia ser mais distinta, na medida em que Freud tem uma descrição pessimista do humano e Winnicott uma teoria que aponta o movimento para a vida como tendência do desenvolvimento humano.

<sup>184</sup> A referida transição ocorre através do que Winnicott denominou objeto transicional. Trata-se do primeiro objeto da cultura, que simboliza o bebê e sua mãe e possibilita a passagem da relação mãe-bebê para esferas sociais mais amplas (família, escola, sociedade). O tema é abordado no terceiro capítulo.

<sup>185</sup> WINNICOTT, W.D.. Raízes da agressão. In: \_\_\_\_\_. *Privação e delinquência*. Trad.: Álvaro Cabral. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

<sup>186</sup> WINNICOTT, W.D.. A delinquência como sinal de esperança. In: \_\_\_\_\_. *Tudo começa em casa*. Trad. : Paulo Sandler. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

criativamente com objetos, podendo adquirir o hábito de roubar, por exemplo. O que ela busca é menos o objeto do que a capacidade de encontrá-lo.

O segundo aspecto refere-se a crianças que cresceram em um ambiente no qual encontram segurança e confiança. Elas expressarão de modo saudável sua agressividade por saberem que podem contar com a provisão ambiental. Contudo, quando há uma ruptura posterior nesse ambiente, o comportamento “antissocial” torna-se um modo de tentar readquirir a estabilidade e a confiança perdidas. Nesse caso, a “tendência antissocial” é um ato de esperança e deve ser recebido enquanto tal. Outro caminho que a criança pode tomar é o de adaptação, o que implica na perda da espontaneidade e em extremado controle interno. Quando este é arruinado, gera explosões de agressão. Ainda que pareça socialmente mais aceitável, é a reação menos saudável à perda de confiança no ambiente.

A percepção de Winnicott acerca da agressividade e de comportamentos que se choquem com a vida em sociedade distancia-se do olhar patriarcal sobre o humano. Diferente da noção patriarcal do indivíduo antissocial e conflitivo, a abordagem winnicottiana ressalta a importância do ambiente, da empatia e da confiança no estabelecimento de uma relação saudável com a agressividade humana. A administração da ambivalência a partir de um ambiente favorável gera um sujeito que não é constantemente frustrado pela realidade, mas que transforma sua fantasia onipotente em um encontro amoroso e (re)criativo com os objetos que o cercam. Desse modo, Winnicott nos mostra que o processo de individuação é um constante exercício de singularidade que só se efetiva na relação com o mundo externo.

### 3

## Da ética da repressão à ética da responsabilidade

O pressuposto patriarcal acerca das relações humanas é de um inevitável conflito que espelha a natureza antissocial e egoísta do ser humano. Como apontado anteriormente, esse pressuposto aparece no pensamento de Freud através do conflito entre o princípio do prazer e entre o princípio da realidade, bem como no conflito em cada indivíduo entre a pulsão erótica e a pulsão de morte. Esta se expressaria através da agressividade, um componente destrutivo inato ao ser humano que ameaça a cultura. A consequência dessa percepção patriarcal acerca do humano é a inevitabilidade da repressão, do controle das emoções e da manutenção de relações hierárquicas para que a vida em sociedade seja possível.

No espaço psíquico não patriarcal (ou matricial), por outro lado, predomina uma concepção de equilíbrio e harmonia entre o ser humano e o seu entorno, bem como nas relações humanas. Existe a valorização do respeito à singularidade, da empatia, das emoções e de modos de conhecimento para além do lógico-racional. Defende-se, neste trabalho, que a teoria do desenvolvimento emocional primitivo de Winnicott aponta um espaço psíquico matricial na gênese da construção da subjetividade a partir da relação de empatia e mutualismo do par mãe-bebê. Os estágios posteriores de individuação, relação com objetos externos e ampliação da identificação com a família, a escola e a sociedade encontram seu reflexo na qualidade do acolhimento e adaptação do ambiente materno. Se o ambiente for suficientemente bom, a relação do indivíduo com a realidade externa será de confiança e criatividade. A agressividade, na percepção winnicottiana, expressa o movimento para a vida e a conexão entre destruição na fantasia e reconstrução do mundo objetivo. O amor está na administração do conflito e da ambivalência, o que no olhar patriarcal apresenta-se como impossibilidade.

O objetivo deste capítulo é apontar os diferentes caminhos que se desenvolvem a partir das diferentes concepções da relação indivíduo/sociedade. Uma noção intrinsecamente conflitiva, demandará a repressão para viabilizar a sociabilidade. Na formulação teórica de Freud, a repressão a partir da instância psíquica denominada supereu decorre da imposição da autoridade paterna.

Em um prisma diverso, uma noção que encontra na interação do ser humano com a realidade externa um movimento de desenvolvimento criativo que se inicia na relação com outro ser humano (mãe) e se amplia paulatinamente, encontrará a sociabilidade como parte desse desenvolvimento. Para Winnicott, o supereu se desenvolve espontaneamente através do limite que a mãe coloca, de forma amorosa, à fantasia onipotente do bebê. O que será apontado é a diferença entre *repressão* e *limite*, entre a sociabilidade que diminui o “eu” e aquela que é uma conquista espontânea do desenvolvimento emocional.

### 3.1.

#### A premissa patriarcal da sociabilidade em Freud

Em suas obras de psicologia das massas, conforme exposto anteriormente, Freud se preocupou com áreas para além da experiência psicanalítica, como o direito, a moral, a religião e a cultura. Para refletir sobre as referidas áreas, ele mobilizou conhecimentos do psiquismo humano obtidos no tratamento das neuroses e os aplicou na formulação do sujeito que se encontraria na gênese do direito, da religião monoteísta, da cultura.

No capítulo anterior, demonstraram-se as características patriarcais do sujeito freudiano, que está sempre em conflito com o mundo externo. Não poderia ser diferente, portanto, que a tese de Freud acerca da origem dos fenômenos sociais por ele estudados fosse conflitiva e patriarcal, perpassada pela repressão paterna, pela ambivalência extrema e pela inevitabilidade da culpa e do mal-estar.

#### 3.1.1.

##### Em nome do pai<sup>187</sup>: ódio, amor e culpa na origem da cultura

Em sua obra “Totem e tabu”, Freud elabora um mito científico para explicar a origem da sociedade, da moral e da religião. A utilização do termo “patriarcal” para qualificar o conteúdo do mito encontra sua expressão mais óbvia, na medida em que se refere a um pai todo poderoso, chefe da horda primitiva, que

---

<sup>187</sup> Não há, aqui, nenhuma referência ao termo utilizado por Lacan.

é assassinado por seus filhos e cuja vontade é posteriormente tornada lei. Contudo, o mito também apresenta as associações entre a função-Pai<sup>188</sup> e os aspectos presentes no espaço psíquico patriarcal descrito por Maturana e por Verden-Zoller<sup>189</sup>: hierarquia, competição, apropriação – incluindo apropriação da sexualidade das mulheres - , conflito e dominação.

Freud<sup>190</sup> desenvolve o mito científico a partir de três fontes: 1- a experiência de antropólogos australianos que estudavam sociedades totêmicas sobreviventes no início do século XX; 2- os estudos de Darwin sobre gorilas machos dominantes que tomavam as fêmeas para si, excluindo qualquer atividade sexual com outros machos; e 3- sua experiência clínica com neuróticos obsessivos, cujas categorias de pensamento ele associava ao homem totêmico. Baseando-se nessas três fontes, Freud defende que a forma mais primitiva e universal de sociedade ocorreu em torno da organização totêmica, bem como que a origem do totemismo e, conseqüentemente, da organização social, moral e religioso está no parricídio. Ou seja, no assassinato do pai por seus filhos. Morto o pai, o sentimento de ódio se atenua e dá lugar ao amor – o que caracteriza a ambivalência de sentimentos em relação ao pai. Vem o arrependimento e o sentimento de culpa.

Ele sugere que antes dos clãs totêmicos haveria hordas nas quais o pai tomava todas as mulheres para si de forma autoritária. Eventualmente, um filho crescia, ficava forte e matava o pai, tomando o seu lugar e repetindo o ciclo autoritário. Porém, em algum momento, os filhos teriam se unido e, juntos, cometido o parricídio. Morto o pai, o sentimento de ódio se atenua e dá lugar ao amor – o que caracteriza a ambivalência de sentimentos em relação à figura paterna. Vem o arrependimento e o sentimento de culpa.

Eles odiavam o pai, que estorvava tão energicamente sua capacidade de poder e suas pretensões sexuais, mas também o amavam e o admiravam. Depois de eliminá-lo, satisfazer seu ódio e realizar seu desejo de identificação com ele, os sentimentos ternos, subjulgados enquanto isso, tinham de se impor. Isso aconteceu sob forma de arrependimento; surgiu uma consciência de culpa que neste caso coincide com o arrependimento sentido em comum. O morto se tornou mais forte

<sup>188</sup> Cf. ARMONY, Nahman. Van Gogh: cem anos de presença. In: \_\_\_\_\_. *O homem transicional: para além do neurótico & borderline*. São Paulo: Zagodoni, 2013.

<sup>189</sup> MATURANA, Humberto; VERDEN-ZOLLER, Gerda. *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do ser humano*. Trad.: Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2004.

<sup>190</sup> FREUD, Sigmund. *Totem e tabu*. Porto Alegre: L&PM, 2013. (Coleção L&PM Pocket)

do que o vivo tinha sido; tudo isso são coisas como ainda hoje as vemos nos destinos humanos.<sup>191</sup>

A partir da ambivalência de sentimentos, os filhos parricidas transformam as vontades do pai morto em tabus: proibições cujas origens não podem ser questionadas. A primeira dessas proibições consistiria em não matar outros membros do clã totêmico (o que se estenderia ao animal totêmico, identificado com o pai). Em outras palavras, a violência endogâmica estava proibida. Segundo Freud, haveria nesse tabu um fator emocional, na medida em que não poderia ser desfeito o ato parricida. Contudo, a repetição do ato estava impossibilitada. A segunda interdição era quanto ao incesto: ninguém mais poderia ter acesso sexual às fêmeas do clã. Para Freud, este tabu possui uma conotação prática. Afinal, se os filhos voltassem a brigar entre si pelo controle sexual das fêmeas, perderiam a organização que os tornara forte o suficiente para matar o pai e voltariam à luta de todos contra todos. Os tabus, que constituem o início da moralidade, também são o primeiro traço de uma organização normativa de sociedade, pois as interdições valem igualmente para todos. Se na horda patriarcal apenas o chefe não se submetia à sua regra de interdição do incesto, no clã totêmico todos estão na mesma posição. Assim explica Freud em sua obra “O homem Moisés e a religião monoteísta”, na qual retoma o tema desenvolvido em “Totem e tabu”:

Surgiu a primeira forma de organização social com renúncia dos impulsos, reconhecimento de obrigações mútuas e estabelecimento de determinadas instituições, declaradas invioláveis (sagradas); ou seja, os primórdios da moral e do direito.<sup>192</sup>

Em “O mal-estar na cultura”, Freud retoma o tema do direito enquanto renúncia aos impulsos. Ele aponta que a justiça consiste na certeza de que a lei não será quebrada em favor de um indivíduo<sup>193</sup>. O direito, assim como a sociedade, está vinculado à limitação da satisfação instintiva, opondo-se aos interesses individuais.

Freud não apenas identifica a origem da sociedade na organização totêmica, como também a gênese da religião. Ele aponta que os grupos primitivos eram canibais que se alimentavam de pessoas cuja força respeitavam e desejavam

---

<sup>191</sup> FREUD, Sigmund. *Totem e tabu*. Porto Alegre: L&PM, 2013. (Coleção L&PM Pocket), p. 209.

<sup>192</sup> \_\_\_\_\_. *O homem Moisés e a religião monoteísta*. Trad: Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2014, p. 121.

<sup>193</sup> \_\_\_\_\_. *O Mal-estar na cultura*. Porto Alegre: L&PM, 2016. (Coleção L&PM Pocket).

adquirir. O mesmo aconteceu com o pai assassinado, por quem os filhos parricidas nutriam temor e admiração. Eles realizaram um ritual de comunhão, no qual comeram o corpo paterno juntos, cúmplices do mesmo crime. Comemoraram a efetivação de seus desejos de violar a vontade do pai e perpetuaram a comemoração no ritual de se alimentar, em comunidade e excepcionalmente, do animal totêmico: “Uma festa é um excesso permitido ou, antes, imposto a violação solene de uma proibição”<sup>194</sup>. Os filhos comem e deificam o pai na figura do totem, identificando-o com um animal que só pode ser morto e consumido em ritual específico, do qual todos os membros do clã participem. Esta seria, para Freud, a primeira manifestação religiosa. Todas as que dela decorreram guardariam, segundo ele, uma relação entre a divindade e a figura paterna, bem como a ambivalência afetiva em relação ao pai. O tema do parricídio na origem da religião também retorna em sua obra “O homem Moisés e a religião monoteísta”, na qual ele defende a tese de que Moisés seria um egípcio que levou ao povo hebreu o culto monoteísta ao deus Aton. Assim como no mito científico desenvolvido em “Totem e tabu”, Freud supõe que os hebreus teriam matado Moisés e, posteriormente, assumido a sua vontade como ética religiosa em decorrência da ambivalência afetiva<sup>195</sup>.

É no conflito com o pai autoritário, no parricídio e na transformação da sua vontade em lei a partir da culpa que Freud identifica as bases da organização social. Ele defende o clã totêmico como um contrato dos filhos com o pai que, ainda que Freud não mencione expressamente, remete-nos ao contrato social hobbesiano dos cidadãos com o Leviatã para evitar a luta de todos contra todos. O pai deificado oferece a fantasia de proteção e os filhos abdicam da violência em comunidade e do desejo sexual que levou ao parricídio. Assim explica Freud em sua obra “O homem Moisés e a religião monoteísta”, na qual retoma o tema desenvolvido em “Totem e tabu”:

A sociedade se apoiava agora na cumplicidade quanto ao crime cometido em comum; a religião, na consciência de culpa e no arrependimento relativos a ele; a moralidade, em parte nas necessidades dessa sociedade e, por outra parte, nas expiações exigidas pela consciência de culpa.<sup>196</sup>

<sup>194</sup> FREUD, Sigmund. *Totem e tabu*. Porto Alegre: L&PM, 2013. (Coleção L&PM Pocket), p. 206.

<sup>195</sup> \_\_\_\_\_. *O homem Moisés e a religião monoteísta*. Trad: Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2014.

<sup>196</sup> FREUD, 2013, op. cit., p. 213.

Freud defende que o sentimento de culpa, decorrente da ambivalência afetiva, em relação ao assassinato do pai primevo foi repassado de geração em geração. Ele aponta os primeiros agrupamentos familiares e suas características patriarcais como uma expressão da saudade desse pai. Em “O mal-estar na cultura”, ele indica os agrupamentos familiares como a semente da civilização. Estabelecendo uma relação entre o que ele afirma em “Totem e tabu” e em “O mal-estar na cultura”, identificam-se pressupostos intrinsecamente patriarcais no mito científico freudiano. A organização social derivaria da violência e, mais especificamente, da violência contra o pai que é posteriormente deificado e cuja vontade se transforma em mandamentos invioláveis da vida em comunidade. A todo o momento, existe o temor da irrupção de um novo conflito, da repetição da desobediência. Nesta perspectiva, a religião, a moral e qualquer organização social normativa só podem reproduzir o emocionar patriarcal de desconfiança, controle e medo do pai deificado. No mito científico de Freud, portanto, o pai torna-se o PAI, cujo nome, autoridade e vontade passam a nortear o desenvolvimento cultural. A marca da civilização é a violência. Logo, a frustração da sua motivação (o desejo sexual) é necessária.

Eros, que agrupa, também é fonte de discórdia entre pais e filhos. Não à toa, a proibição do incesto torna-se um tabu, visto que o desejo sexual aparece como a origem da disputa entre os membros do clã. O objeto desse desejo são as mulheres. Elas aparecem na obra apenas como seres passivos da disputa, subjugadas em sua sexualidade primeiro pelo chefe da horda, que as toma para si, e, posteriormente, pelos filhos, que decidem entre si acerca da interdição do incesto, continuando a empregar a vontade do pai. Esta também é uma manifestação patriarcal do pensamento freudiano, evidente se recordarmos a tese de Maturana e de Verden-Zoller<sup>197</sup> segundo a qual a apropriação da sexualidade das mulheres é um dos atos que participa da consolidação e propagação do emocionar patriarcal.

No pensamento freudiano a centralidade do pai na origem do totemismo é tão arraigada que ele descarta, por exemplo, a teoria psicológica de Frazer acerca de uma gênese feminina do totemismo. A referida teoria sugere que a mulher grávida atribuí a sua fecundação a um animal, planta ou objeto que ocupasse sua

---

<sup>197</sup> MATURANA, Humberto; VERDEN-ZOLLER, Gerda. *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do ser humano*. Trad.: Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2004.

fantasia ao descobrir a gestação. O totemismo derivaria, portanto, da crença materna. Freud<sup>198</sup> refuta a teoria de Frazer alegando que os aruntas, grupo a partir do qual a teoria fora desenvolvida, afastava-se das origens do totemismo, bem como que a proibição da exogamia permaneceria sem explicação e que o totem já estaria pressuposto, e não explicado, pela teoria. Neste ponto do seu argumento, Freud ignora a afirmação que ele mesmo fizera, poucas páginas antes, de que o totem seria repassado de geração em geração pela linhagem materna, o que deixaria uma lacuna em sua própria teoria patriarcal acerca das origens do totemismo.

Em consequência da identificação que ele estabelece entre a divindade e a autoridade paterna, em “Totem e tabu” Freud afirma ignorar o surgimento de divindades femininas que teriam existido antes mesmo do totemismo. Ainda que ele atribua ao intervalo entre a horda patriarcal e a formação das famílias patriarcais um momento de “direito materno”, sua conclusão é que o desejo de restaurar o pai foi mais forte e que a retomada dos direitos históricos pelo pai primevo na organização social consistiu em uma evolução<sup>199</sup>. Ele também aponta como positiva a passagem de organizações religiosas primitivas em torno do materno, que valorizariam a sensualidade, o primado dos sentidos e das emoções, para organizações religiosas patriarcais, centradas na ética e em premissas lógicas<sup>200</sup>. Freud considera tal passagem uma conquista civilizacional que acarretou mudança nas relações jurídicas e associa o desenvolvimento da linguagem ao fim do matriarcado<sup>201</sup>.

A percepção de Freud de que a mudança de organizações centradas no materno para organizações centradas no paterno foi uma evolução civilizacional é uma característica patriarcal em seu pensamento. Tal característica não consiste apenas na obviedade das expressões “materno” e “paterno”, mas na proximidade do que Freud descreveu como matriarcado e do que Maturana denomina espaço psíquico matricial. Também é possível encontrar na associação freudiana do desenvolvimento da linguagem com o fim do matriarcado semelhanças quanto à

---

<sup>198</sup> FREUD, Sigmund. *Totem e tabu*. Porto Alegre: L&PM, 2013. (Coleção L&PM Pocket).

<sup>199</sup> Ibid., 2013; \_\_\_\_\_. *O homem Moisés e a religião monoteísta*. Trad: Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2014.

<sup>200</sup> Para Freud, haveria superioridade na religião judaica em relação à cristã porque esta teria incorporado, ainda veladamente, o materno, o politeísmo e o misticismo. Cf. FREUD, Sigmund. *O homem Moisés e a religião monoteísta*. Trad: Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2014.

<sup>201</sup> Ibid., 2014.

descrição que Maturana e Verden-Zoller fazem do conflito inerente ao espaço psíquico patriarcal: as criança se desenvolvem na matriz materno-infantil a partir de relações de ternura, sensualidade, empáticas e pré-verbais, mas são levadas pela função-Pai à competição, ao primado do conhecimento lógico-racional, ao controle das emoções e do que seria uma natureza supostamente antissocial do ser humano.

No pensamento freudiano, o pressuposto patriarcal de “antissociabilidade” aparece como o conflito inevitável entre as pulsões e como a ambivalência afetiva em cada indivíduo, que levam à violência e ao parricídio. Para viver em sociedade, portanto, é preciso contenção:

Voltando à ética, podemos dizer para concluir: uma parte de suas prescrições se justifica de maneira racional pela necessidade de delimitar os direitos da comunidade em relação ao indivíduo, os direitos do indivíduo em relação à sociedade e os dos indivíduos uns em relação aos outros. Mas o que na ética nos parece grandioso, misterioso e misticamente evidente deve essas características ao nexos com a religião, com a origem a partir da vontade do pai.<sup>202</sup>

A ética a qual Freud se refere como uma conquista civilizacional é a ética da repressão, ética da renúncia à satisfação dos impulsos, é a ética da obediência à vontade do pai.

### 3.1.2.

#### **Supereu: a ética da repressão**

Em suas obras de psicologia das massas, como é o caso de “Totem e tabu”, “O mal-estar na cultura” e “O homem Moisés e a religião monoteísta”, Freud estabelece um paralelo entre fenômenos da vida em comum (moral, religião, direito, sociedade) e a vida psíquica de cada ser humano, em especial dos neuróticos. Um elemento que se encontra em ambas as abordagens é o período que Freud denominou complexo de Édipo. A referência freudiana é à peça “Édipo rei”, versão trágica de Sófocles do mito de Édipo. Na tragédia grega, Édipo, rei de Tebas, consulta o oráculo para saber como livrar a cidade que ele governa da peste que se abate sobre ela. Como resposta, recebe que é preciso punir o assassino do falecido rei Laio. Édipo descobre que ele mesmo matou o rei, seu pai, sem saber

<sup>202</sup> FREUD, Sigmund. *O homem Moisés e a religião monoteísta*. Trad: Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2014, p. 166.

que o fazia, antes de chegar a Tebas. Lá chegando, igualmente ignorante, desposou sua mãe, a rainha Jocasta.

Antes de entrar em Tebas, Édipo livra a cidade da Esfinge ao solucionar o enigma que ela lhe propõe: quem tem quatro pés pela manhã, dois à tarde e três à noite? Édipo responde que é o ser humano, que na primeira infância engatinha, na idade adulta anda sobre os dois pés e na velhice usa um apoio para caminhar. O enigma proposto pela esfinge aponta os estágios pelos quais cada ser humano passa ao longo da vida. Do mesmo modo, Freud mobiliza o complexo de Édipo como parte tanto do desenvolvimento civilizacional quanto do processo psíquico individual. No mito científico apresentado em “Totem e tabu”, ele aponta o complexo de Édipo na origem da primeira organização social, normativa, moral e religiosa: o totemismo. Os tabus, proibição do incesto e a violência entre os membros do clã, remetem às duas ações realizadas por Édipo: matar seu pai e desposar sua mãe<sup>203</sup>. Da mesma forma, os filhos subjugados pelo pai da horda primitiva o assassinam com o intuito de ter acesso sexual às mulheres do grupo. Conforme explicado anteriormente, em virtude da ambivalência afetiva em relação ao pai, os filhos se arrependem e transformam em tabus a vontade do pai primitivo. Contudo, se no mito científico a autoridade paterna é externa aos membros subjugados da horda e, posteriormente, da organização totêmica, na vida psíquica de cada ser humano a autoridade paterna é introjetada na figura da instância psíquica denominada supereu.

Segundo Freud, a psiquismo originário, Id, possui laços filogenéticos com vivências repetidas geracionalmente pelo “eu”, ou seja, possui uma herança arcaica. A partir dessa herança arcaica, o sentimento de culpa pelo assassinato do pai primevo e decorrente da ambivalência afetiva em relação a ele atuam na formação do supereu no psiquismo. Concomitantemente, a formação do supereu é possibilitada pelo conflito entre todo filho e o seu pai na vida psíquica:

Bastante cedo ele [o menino] desenvolve um investimento objetal na mãe, que tem seu ponto de partida no seio materno e constitui o protótipo de uma escolha objetal por “apoio”; do pai o menino se apodera por identificação. As duas relações objetais coexistem por algum tempo, até que, com a intensificação dos desejos sexuais pela mãe e a percepção de que o pai é um obstáculo a esses desejos, tem origem o complexo de Édipo. A identificação com o pai assume uma tonalidade hostil, muda para o desejo de eliminá-lo, a fim de substituí-lo junto à mãe. Desde então é ambivalente a relação com o pai; é como se a ambivalência desde o início presente na identificação se tornasse manifesta. A postura

---

<sup>203</sup> FREUD, Sigmund. *Totem e tabu*. Porto Alegre: L&PM, 2013. (Coleção L&PM Pocket)

ambivalente ante o pai e a relação objetal exclusivamente terna com a mãe formam, para o menino, o conteúdo do complexo de Édipo simples e positivo.<sup>204</sup>

Freud explica que, com a dissolução do complexo de Édipo, surge um conteúdo ideal do “eu”, o supereu, que terá tanto um caráter de advertência, visto que estabelece uma identificação com o pai – “você deve ser como o pai” - , quanto um caráter proibitório – “você não pode ser como o pai, na medida em que não pode fazer tudo o que ele faz”. Essa dupla característica decorre do fato de que o supereu tanto advém do complexo de Édipo, ou seja, do sentimento de culpa gerado pela ambivalência afetiva, quanto atua na repressão do complexo de Édipo.

O Super-eu conservará o caráter do pai, e quanto mais forte for o complexo de Édipo tanto mais rapidamente (sob influência de autoridade, ensino religioso, escola, leituras) ocorreu sua repressão, tanto mais severamente o Super-eu terá domínio sobre o Eu como consciência moral, talvez como inconsciente sentimento de culpa.<sup>205</sup>

Assim como ocorre no mito científico freudiano, com a dissolução do complexo de Édipo o investimento objetal é retirado da mãe e consolida a identificação do menino com o pai e com a sua masculinidade. Para Armony, a dissolução do complexo de Édipo não tem como consequência simplesmente a interdição do desejo sexual pela mãe. Ele aponta que há um rompimento com a relação de simbiose entre a mãe a criança, baseada na singularidade, na empatia e na intuição, para a entrada em uma episteme dicotômica e machista, própria da sua época<sup>206</sup>, que condiciona o amor à castração e reprime o uso da palavra, o feminino, a ternura, a agressividade e a espontaneidade<sup>207</sup>. Armony apresenta como características do supereu freudiano a inflexibilidade, a virilidade e uma repetição sem criatividade da moral adquirida por identificação paterna<sup>208</sup>. Não é por acaso que Freud escolhe Édipo como mito central da psicanálise para explicar a origem da organização social e da instalação do supereu no menino: a escolha da versão mais radical do mito expressa a violência de um contexto patriarcal e

<sup>204</sup> FREUD, Sigmund. O eu e o id. *Obras Completas, volume 16*. Trad.: Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 39-40.

<sup>205</sup> Ibid, 2011, p. 43.

<sup>206</sup> ARMONY, Nahman. Van Gogh: cem anos de presença. In: \_\_\_\_\_. *O homem transicional: para além do neurótico & borderline*. São Paulo: Zagodoni, 2013.

<sup>207</sup> ARMONY, Nahman. Bem-estar e mal-estar do homem moderno e pós-moderno. In: \_\_\_\_\_. *O homem transicional: para além do neurótico & borderline*. São Paulo: Zagodoni, 2013.

<sup>208</sup> ARMONY, Nahman. Poderiam Freud e Winnicott nos ajudar a compreender as transformações morais e éticas de nossos tempos? . In: \_\_\_\_\_. *O homem transicional: para além do neurótico & borderline*. São Paulo: Zagodoni, 2013.

dual<sup>209</sup> que sela a inevitabilidade do conflito e da repressão na experiência humana.

Ao reformular sua teoria das pulsões<sup>210</sup>, Freud pensa o supereu a partir da sua relação com a agressividade inata ao humano, que ele considera uma ameaça à cultura. Ele aponta que o supereu é o instrumento mais eficaz para controlar o indivíduo e mantê-lo em sociedade através da introjeção da agressividade. Ou seja, a agressividade que seria empregada contra um objeto externo volta-se na mesma intensidade para o “eu”: “Assim, a cultura domina a perigosa agressividade do indivíduo ao enfraquecê-lo, desarmá-lo e vigiá-lo através do seu interior, do mesmo modo que uma tropa de ocupação na cidade conquistada”<sup>211</sup>. A premissa patriarcal do ser humano antissocial que só vive em sociedade sob repressão externa apresenta-se no pensamento freudiano, na medida em que a sociabilidade é assegurada por uma instância que mitiga o indivíduo, torna-o menor.

Não apenas o supereu exerce uma atividade censora do “eu”, como o faz a partir da imposição de uma autoridade externa. Conforme aponta Freud<sup>212</sup>, o supereu assume o papel da autoridade e exerce sobre o “eu” a agressão que o “eu” gostaria de exercer sobre a autoridade externa. Os critérios de bom e mau a partir dos quais o supereu vai atuar não são inatos, mas são o resultado da educação recebida pelo indivíduo, dos fatores ambientais e das primeiras frustrações impostas à criança pelo pai, bem como pelo sentimento inconsciente de culpa decorrente da herança arcaica da violência contra o pai primevo que não foi reprimida. A ética da repressão dos impulsos, que possibilita a cultura no pensamento freudiano, é uma imposição externa da vontade paterna que mitiga o indivíduo e o mantém em constante sentimento de culpa. Para Freud, a cultura apenas aumenta o sentimento de culpa. Na medida em que a pulsão erótica reúne mais pessoas, o lugar do pai no supereu é ocupado pela moral social. A ambivalência entre eros e a pulsão de morte leva a introjeções da agressividade cada vez mais intensas e ao reforço do sentimento de culpa.

---

<sup>209</sup> ARMONY, Nahman. De Édipo a Narciso. In: \_\_\_\_\_. *O homem transicional: para além do neurótico & borderline*. São Paulo: Zagodoni, 2013.

<sup>210</sup> Ver item 2.2.2..

<sup>211</sup> FREUD, Sigmund. *O Mal-estar na cultura*. Porto Alegre: L&PM, 2016. (Coleção L&PM Pocket), p. 145.

<sup>212</sup> *Ibid.*, 2016.

Não há como fugir à repressão do supereu, que pune não apenas a ação, mas o desejo de realizá-la, pois ações e intenções são equiparadas. Com a frustração constante, as tentações aumentam<sup>213</sup>. A relação entre o “eu” e o supereu é de desconfiança e intenso controle. Afinal, o olhar patriarcal de Freud sobre o humano é de um ser intrinsecamente conflitivo, que não pode ser feliz nem evitar o mal-estar na vida em sociedade. Para possibilitá-la, não há outro caminho além daquele de uma ética da repressão.

### 3.2.

#### **Sociabilidade: uma conquista matricial em Winnicott**

Fora de uma perspectiva determinista, apreende-se que a mudança de época implica na mudança das subjetividades e das teorias sobre a construção do sujeito. Freud e sua formulação acerca da prática clínica refletiam um contexto de ideal civilizatório a partir da dominação da natureza, o que implicava a regulação da vida humana e rígidos padrões de moralidade. Como explica Martins, “Não vivemos mais numa cultura do sacrifício individual em nome do progresso social”<sup>214</sup>, ou seja, não é mais necessária a autocontenção civilizatória que permeia os textos freudianos nos quais ele aborda a relação indivíduo/sociedade.

Winnicott oferece uma chave de esclarecimento dessa nova subjetividade, que valoriza a emoção singular e a criatividade no viver como contribuição ao coletivo, e não como ameaça. O criativo não é mais aquele que não aceita a realidade partilhada, e sim aquele que existe de modo natural, sem o controle neurótico. É aquele que se permite “ser”, que vive na ética da existência<sup>215</sup>. Contudo, a ética da existência não implica na desconsideração pelo outro, nem na busca hedonista pelo princípio do prazer. Na teoria winnicottiana, a liberdade não se opõe à sociabilidade. Ao contrário, é o exercício criativo e livre de olhar para o mundo externo que permite a transição da onipotência para o reconhecimento do outro: a ética da existência desdobra-se na ética da responsabilidade. Esta transição ocorre de modo saudável e natural a partir de um ambiente facilitador e

---

<sup>213</sup> FREUD, Sigmund. *O Mal-estar na cultura*. Porto Alegre: L&PM, 2016. (Coleção L&PM Pocket).

<sup>214</sup> MARTINS, André. Prefácio. In: ARMONY, Nahman. *O homem transicional: para além do neurótico & borderline*. São Paulo: Zagodoni, 2013, p. 10.

<sup>215</sup> *Ibid.*, 2013.

acolhedor que, no desenvolvimento emocional primitivo, consiste na mãe, ou seja, em um ser humano exercendo a função de maternagem.

Se a primeira fase do desenvolvimento emocional demanda a ilusão de onipotência, a sua culminação ocorre com a limitação do mundo subjetivo do bebê e a introdução do mundo objetivo. Tal fase é possibilitada pela conquista da integração e da personalização: o externo somente é reconhecido na medida em que existe um interno diferenciado do todo. O papel da mãe é frustrar de modo acolhedor, facilitando a administração da ambivalência que o bebê começa a perceber em si, transformando o sentimento de culpa em preocupação com o outro e em capacidade de reparação. O supereu, para Winnicott, surge espontaneamente a partir do cuidado e do limite materno e enriquece o sujeito, diferente da concepção freudiana que atribui seu surgimento à imposição da vontade paterna. Estes aspectos da teoria do desenvolvimento emocional primitivo de Winnicott serão apresentados a seguir.

### 3.2.1.

#### **A descoberta da mãe e a capacidade de preocupação**

*Finalmente, chegamos à fascinante questão filosófica: pode alguém comer seu próprio bolo e continuar a possuí-lo?*  
(Winnicott, “Agressão, culpa e reparação”)

Winnicott observou a importância de um ambiente favorável para a realização das tendências do desenvolvimento emocional primitivo. Tal ambiente consiste na função de maternagem adaptativa que um ser humano exerce quanto à necessidade do bebê. No estágio inicial do desenvolvimento, por volta dos primeiros seis meses, a criança depende absolutamente da mãe, não apenas fisicamente, mas emocionalmente. A fusão ocorre de modo tão intenso que a mãe não existe no psiquismo do bebê. Apenas o observador externo os percebe de modo separado<sup>216</sup>. Nesse primeiro momento, o ambiente materno ilude o bebê quanto à sua onipotência, ou seja, permite que o bebê acredite que ele cria os objetos que lhe são apresentados. Ele alucina o seio, por exemplo, e este é prontamente apresentado pela mãe, que possui a “capacidade materna primária”

<sup>216</sup> WINNICOTT, W.D. A posição depressiva e o desenvolvimento normal. In: :\_\_\_\_\_. *Da pediatria à psicanálise*. Trad.: Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

de sacar as necessidades do filho e impedir que ele sinta a invasão do ambiente externo.

Essas características da fase do “narcisismo primário” winnicottiano foram anteriormente explicadas. O objetivo deste tópico é abordar a fase posterior e igualmente necessária do desenvolvimento emocional primitivo: a passagem para a dependência relativa. Este ponto tem seu início com a conquista da tendência à integração, ou seja, do sentimento de unidade psíquica, do “EU SOU”. Somente com a conquista do sentimento do “eu” o bebê tem maturidade para começar a transição do mundo exclusivamente subjetivo para a percepção dos objetos objetivamente apresentados. Lembremos que a conquista da unidade psíquica pressupõe a conquista da unidade psicossomática, ou seja, o encaixe do psiquismo no próprio corpo (tendência à personalização). O que se segue ao estágio da integração é a fase da realização ou da “posição depressiva”, na qual o desenvolvimento emocional primitivo tem seu fim e o bebê consegue estabelecer-se como pessoa inteira e relacionar-se com pessoas inteiras<sup>217</sup>. Ou seja, a conquista do “eu” não implica a negação do outro ou do mundo externo, mas constrói a base para o seu reconhecimento.

Winnicott explica que o bebê imaturo concebe duas mães ou duas funções maternas<sup>218</sup>. A primeira é a que ele denomina mãe-objeto, percebida pelo bebê nos momentos de excitação. Ela detém um objeto parcial que satisfaz as necessidades da criança, é o alvo da sua tensão instintiva. Em geral, a tensão é aliviada pela mamada e o objeto parcial é o seio. A outra função é a mãe-ambiente, que se apresenta nos momentos de tranquilidade do bebê. É a que cuida da criança, adaptando-se às suas necessidades em uma relação de afeto e sensualidade. Ao mesmo tempo em que o bebê ataca no impulso destrutivo a mãe-objeto, ele tem uma relação de afeto e proteção pela mãe-ambiente, que é o conjunto do toque, das técnicas de maternagem, do gestual, das características físicas da mãe. Portanto, o bebê que ataca a mãe-objeto protege a mãe-ambiente.

Importante retomar o tema da destrutividade como expressão da força vital do bebê. Não apenas da força vital, mas do amor primitivo. Winnicott ressalta a relação entre amor, destruição e alimentação: “[...] ela protege os objetos de amor

<sup>217</sup> WINNICOTT, W.D. A posição depressiva e o desenvolvimento normal. In: \_\_\_\_\_. *Da pediatria à psicanálise*. Trad.: Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

<sup>218</sup> Ibid., 2000.; \_\_\_\_\_. O desenvolvimento da capacidade de envolvimento. In: \_\_\_\_\_. *Privação e delinquência*. Trad.: Álvaro Cabral. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

da explosão desmedida do amor primordial, sendo esse implacável e tendo por fim apenas a satisfação dos impulsos instintivos.”<sup>219</sup>. Ele aponta que o bebê imaturo não tem a intenção de ser impiedoso com o objeto do seu ataque, mas apenas expressar os impulsos do Id. O ato destrutivo do bebê é impiedoso apenas aos olhos de quem o observa<sup>220</sup>. Contudo, se a criança teve uma maternagem suficientemente boa, que lhe proporcionou confiança no ambiente e o alcance da integração e da personalização, aos pouco ela adquire a capacidade de fixar por mais tempo a *imago* da mãe. O bebê vai percebendo a identificação entre as duas funções maternas, ou seja, a percepção de que a mãe é uma “pessoa total” e diferente de si: “Ele junta um mais um e começa a perceber que a resposta é um, e não dois. A mãe da relação de dependência (anaclítica) é também o objeto do amor instintivo (impulsionado biologicamente)”<sup>221</sup>.

Com a junção das duas mães, o bebê passa a imaginar um buraco no seio materno após a expressão da tensão destrutiva, o que leva a um conflito em seu interior entre o que seria bom e o que seria mau, ou seja, a retenção da imagem do bom e do mau<sup>222</sup>. Essa é uma fase de ambivalência entre a pulsão erótica e a agressividade pelo mesmo objeto, o que deriva da capacidade cada vez maior de se relacionar com objetos objetivamente percebidos, começando pela mãe, que se torna uma “pessoa total” para o bebê. A ambivalência gerará angústia e o sentimento de culpa por destruir algo que é bom: a mãe-ambiente, que agora é identificada à mãe-objeto<sup>223</sup>.

Contudo, diferente do pensamento freudiano que percebe o sentimento de culpa como um mal-estar inevitável e a ambivalência como um conflito insolúvel que leva à repressão, para Winnicott existe o lado positivo da culpa. Para Freud, como anteriormente explicado, a culpa está atrelada a uma violência primitiva contra o pai, que leva à introjeção de sua vontade de modo igualmente violento para o indivíduo. Para Winnicott, o sentimento de culpa é uma conquista que leva

<sup>219</sup> WINNICOTT, W.D.. O primeiro ano de vida. In: \_\_\_\_\_ . *A Família e o Desenvolvimento Individual*. Trad.: Marcelo Brandão Cipolla. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 16.

<sup>220</sup> WINNICOTT, W.D.. O desenvolvimento da capacidade de envolvimento. In: \_\_\_\_\_. *Privação e delinquência*. Trad.: Álvaro Cabral. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

<sup>221</sup> WINNICOTT, W.D. A posição depressiva e o desenvolvimento normal. In: :\_\_\_\_\_. *Da pediatria à psicanálise*. Trad.: Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000, p. 362.

<sup>222</sup> Ibid., 2000.

<sup>223</sup> WINNICOTT, W.D., 2012, op. cit.

ao envolvimento e ao senso de responsabilidade<sup>224</sup>, que associa a destruição à oportunidade de contribuição<sup>225</sup>. A passagem da impiedade, quando o bebê não tem a intenção de destruir, ainda que o faça, para a piedade ou compaixão ocorre no estágio do desenvolvimento emocional pré-edípico que Melanie Klein denominou “posição depressiva”<sup>226</sup>.

Em seu artigo “A posição depressiva no desenvolvimento normal” Winnicott apresenta a sua versão dessa descoberta Kleiniana, que pode ser equiparada, em importância, à descoberta do complexo de Édipo<sup>227</sup>. Winnicott explica que se trata de uma etapa normal e saudável do desenvolvimento emocional, ressaltando que é uma conquista do indivíduo. Ele critica a denominação atribuída por Klein, tendo em vista que “depressão” remete a doença, e sugere a denominação “estágio de concernimento (preocupação)”<sup>228</sup>.

Ao conquistar a “posição depressiva” ou o “estágio de concernimento”, o bebê conseguirá distinguir amor e ódio, relacionando-os e controlando-os a partir de dentro<sup>229</sup>. Essa conquista depende da sustentação materna durante todo o processo. O papel da mãe, enquanto objeto, é sobreviver aos ataques do bebê e, enquanto ambiente, manter-se acolhedora. Ao perceber que a mãe sobrevive ao seu ataque, o bebê começará a distinguir sua fantasia dos fatos objetivos, encontrando conforto no limite ao potencial destrutivo de suas ideias.

O medo da perda é transformado em oportunidade de contribuição em virtude da confiança proporcionada pelo ambiente. A ambivalência pode ser dominada e transformada em sentimento de culpa, que é a capacidade de lidar com o buraco imaginado no seio materno. O bebê consegue equilibrar ou eliminar o que seria bom e o que seria mau, doando tais elementos à mãe. É o bebê começando a dar algo. Cabe a ela distinguir o bom do ruim e aceitar a oferta. Quando a mãe sobrevive e reconhece o gesto de doação, a criança sente que pode fazer algo a respeito do buraco imaginado na mãe.

<sup>224</sup> WINNICOTT, W.D.. O desenvolvimento da capacidade de envolvimento. In: \_\_\_\_\_. *Privação e delinquência*. Trad.: Álvaro Cabral. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

<sup>225</sup> WINNICOTT, W.D. Agressão, culpa e reparação. In: \_\_\_\_\_. *Tudo começa em casa*. Trad.: Paulo Sandler. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

<sup>226</sup> WINNICOTT, W.D. A posição depressiva e o desenvolvimento normal. In: \_\_\_\_\_. *Da pediatria à psicanálise*. Trad.: Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

<sup>227</sup> ABRAM, Jan. *A linguagem de Winnicott: dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott*. Trad.: Marcelo Del Grande da Silva. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

<sup>228</sup> WINNICOTT, W.D., 2000, op. cit.

<sup>229</sup> WINNICOTT, W.D., 2011, op. cit.

A culpa surge através da junção das duas mães, e do amor tranquilo ao amor excitado, e do amor ao ódio, e este sentimento vem compor, à medida que cresce, uma fonte normal e saudável de atividade nos relacionamentos. Esta é uma das fontes da potência e da construtividade sociais e também do desempenho artístico (mas não da arte em si mesma, cuja origem é mais profunda).<sup>230</sup>

Winnicott apresenta o lado positivo da culpa, que é o envolvimento, a responsabilidade pelos impulsos, a oportunidade de reparação e contribuição<sup>231</sup>. Ele aponta que um círculo benigno<sup>232</sup> se estabelece entre a mãe e o bebê, cujas fases são: 1- experiência instintiva; 2- buraco imaginado; 3- triagem e elaboração interna da experiência; 4- capacidade de doação, que vem da separação entre o bom e o mau; e 5- reparação. Destruição e construção passam a relacionar-se a partir do sentimento de culpa. O sentimento de destruir algo bom é transformado em responsabilidade e concernimento. O amor manifesta-se na administração da ambivalência e na capacidade de reparação, adquiridas em um ambiente que dê ao bebê a sensação de confiança. Afinal, como aponta Winnicott, o sentimento de culpa não pode ser implantado na criança, mas surge espontaneamente em um ambiente suficientemente bom<sup>233</sup>.

No pensamento patriarcal freudiano, o sentimento de culpa também decorre da ambivalência e dá origem à organização social. Contudo, o sentimento de culpa advém da violência e gera um mal-estar inevitável pela impossibilidade humana de fugir à pulsão de morte. O parricídio está na gênese da cultura e deixa sua marca no modo violento a partir do qual os sujeitos devem reprimir seus instintos para evitar um novo ato de agressão.

Winnicott apresenta uma leitura alternativa à ambivalência e ao sentimento de culpa, que podemos apontar como não patriarcal ou como matricial. Ele não nega o conflito interno ao indivíduo e a tendência destrutiva, mas coloca na relação amorosa com a mãe a possibilidade de administrar a ambivalência e a destruição. O sentimento de culpa é uma conquista que permite reconhecer a responsabilidade pelos atos do indivíduo. A conquista do sentimento do “eu” desdobra-se na percepção de que há um outro externo. Esse outro, que é inicialmente a mãe, é objeto do amor primitivo da criança. Se a mãe continuar

<sup>230</sup> WINNICOTT, W.D. A posição depressiva e o desenvolvimento normal. In: :\_\_\_\_\_. *Da pediatria à psicanálise*. Trad.: Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000, p. 365.

<sup>231</sup> WINNICOTT, W.D.. O desenvolvimento da capacidade de envolvimento. In: \_\_\_\_\_. *Privação e delinquência*. Trad.: Álvaro Cabral. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

<sup>232</sup> WINNICOTT, W.D., 2000, op. cit.

<sup>233</sup> Ibid., 2000.

proporcionando um ambiente empático e acolhedor, a tendência é que a culpa torne-se reparação, gerando alívio e oportunidade para que a criança sinta que pode contribuir com o ambiente.

Por um longo período, a criança precisa de alguém que não é apenas amado, mas que se disponha a aceitar a potência (não importa se se trata de um menino ou de uma menina) em termos de restituição e reparação. Dito de outro modo, a criança pequena precisa ter a chance de dar em relação à culpa derivada das experiências instintivas, porque é deste modo que se cresce. Aqui há dependência em alto grau, mas não a dependência absoluta dos estágios iniciais.<sup>234</sup>

Na perspectiva matricial winnicottina, o sentimento de culpa e a relação com o mundo externo não levam à violência e à repressão, mas à construção e à responsabilidade. Deste modo, “comer o bolo” implica em perdê-lo na fantasia, mas ter o alívio de reencontrá-lo inteiro na experiência objetiva.

### 3.2.2.

#### **O supereu winnicottiano: a ética como um movimento espontâneo para a responsabilidade**

*É este desenvolvimento do controle interno que proporciona a única base verdadeira da moralidade, e a moralidade tem início já no primeiro ano de vida da criança.*  
(Winnicott, “O primeiro ano de vida”)

A importância do viver espontâneo, da liberdade e da confiança no ambiente não implica que o indivíduo nunca possa sofrer frustração. Ao contrário, após a conquista da integração e da personalização o bebê precisa que o ambiente comece a falhar, ou seja, que suas fantasias onipotentes não sejam prontamente atendidas<sup>235</sup>. É o período no qual a mãe começa a perder a sua fantasia inconsciente denominada “preocupação materna primária”. Conforme anteriormente explicado, o bebê começará a perceber que a mãe-objeto dos seus ataques no momento de excitação, quando sacia a fome e estimula a musculatura no mamilo, e a mãe-ambiente nos seus momentos de descanso são a mesma pessoa, o que lhe permitirá começar a diferenciar imaginação e mundo exterior. O

<sup>234</sup> WINNICOTT, W.D. A posição depressiva e o desenvolvimento normal. In: :\_\_\_\_\_. *Da pediatria à psicanálise*. Trad.: Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000, p. 367.

<sup>235</sup> WINNICOTT, W.D. Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: \_\_\_\_\_. *O brincar e a realidade*. Trad.: José Octávio de Aguiar Abreu; Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

bebê também se irrita com a mãe que falha e a aniquila em sua fantasia onipotente, mas a mãe objetiva sobrevive, não devendo retaliá-lo. Quando a mãe não retalia e continua dedicando afeto ao bebê, emerge neste um sentimento de culpa e concernimento (ou capacidade de se preocupar). Winnicott aponta que a capacidade de se preocupar é um estado complexo que permite à criança responsabilizar-se por sua fantasia, transformando-se, posteriormente, em responsabilidade por seus atos.

É na responsabilidade e no concernimento que se encontra a base da ética winnicottina. Diferente do pensamento patriarcal freudiano, para Winnicott a ética só pode advir de um controle interno, resultando do acolhimento materno.

A severidade das mães, portanto, tem um significado inesperado: leva, de modo gradual e gentil, à complacência, e salva a criança da ferocidade do autocontrole. Por uma evolução natural (supondo-se que as condições exteriores permaneçam favoráveis), a criança estabelece uma severidade interna de caráter “humano”, adquirindo seu autocontrole sem perder demais daquela espontaneidade que, só ela, faz a vida valer a pena.<sup>236</sup>

A uma imposição ética patriarcal arbitrária na qual o indivíduo não tem nenhuma participação, apresenta-se como alternativa um movimento espontâneo para a moralidade cuja origem matricial demanda uma alteridade “mais humana”. A criança que conquistou a posição depressiva e o sentimento de culpa terá uma percepção interna de bom e mau a partir da preocupação com o outro. Apenas às crianças que não tiveram um desenvolvimento emocional saudável, ou seja, que não alcançaram a posição depressiva, devem ser ensinadas as noções de certo e de errado<sup>237</sup>. Ressalte-se que Freud, em “O mal-estar na cultura”, defende que não há bom ou mau inatos, e sim decorrentes dos elementos externos que formam o supereu. Este tem uma origem patriarcal: a imposição da vontade do pai é a gênese do bom e do mau na cultura. Ao retirar o supereu da relação triangular e apontar sua formação no contexto da relação dual mãe-bebê, Winnicott defende a percepção espontânea do certo e errado a partir do limite carinhosamente colocado pela mãe.

---

<sup>236</sup> WINNICOTT, D.W. O primeiro ano de vida. In: \_\_\_\_\_. *A Família e o Desenvolvimento Individual*. Trad.: Marcelo Brandão Cipolla. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

<sup>237</sup> WINNICOTT, W.D. A posição depressiva e o desenvolvimento normal. In: \_\_\_\_\_. *Da pediatria à psicanálise*. Trad.: Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

Armony<sup>238</sup> esclarece a contraposição entre o supereu freudiano e o supereu winnicottiano apontando que o primeiro tem como referencial o pai, sendo cruel, impiedoso, impondo ao ego prescrições que este não pode cumprir apenas para castigá-lo. O supereu freudiano se baseia na agressão. O modelo paterno deve ser estritamente obedecido, não há espaço para a criatividade, apenas para a repetição da ordem externa. O supereu winnicottiano, explica Armony, tem como referencial a mãe, em uma ética que se vincula ao amor e ao desejo de preservá-la, transformando a culpa em algo positivo. Em oposição à rigidez do supereu freudiano, o potencial criativo do verdadeiro *self* é preservado na concepção winnicottiana do supereu, pois a ideia de certo e errado vem do interior, do medo de destruir a mãe-ambiente, permitindo, na ampliação para a sociedade, lidar com as situações concretas de modo flexível, e não a partir de modelos impostos:

Na perspectiva ética – insinúncias que atravessam o psiquismo - , estamos mais aptos a considerar as questões que se apresentam para tomar uma decisão sem que esta decisão tenha de estar amarrada a um modelo. Como o superego winnicottiano forma-se gradativamente na relação com a mãe, ele apresenta uma flexibilidade capaz de ajustar-se às situações sem deixar de ser ético.<sup>239</sup>

Diferente do modelo patriarcal da ética repressora, na qual não há espaço para a criatividade, a ética matricial winnicottiana permite a atuação do indivíduo nas decisões éticas a partir de um movimento que parte do interior, e não de padrões externos. O desenvolvimento do sentimento ético através da relação singular e acolhedora da mãe com o bebê apresenta o paradigma a ser estendido para as relações sociais: a vivência em comunidade não pelo medo da autoridade externa, e sim pela responsabilidade com o outro. Na perspectiva matricial, o controle não vem do exterior e tampouco decorre do medo, mas é autocontrole que se inicia por amor à mãe.

Quando saudáveis, pois, as crianças desenvolvem suficientemente bem uma crença em si mesmas e nos outros, o que faz com que passem a odiar todo tipo de controle externo; o controle se muda em autocontrole. Neste, *o conflito é trabalhando com antecedência no interior da própria pessoa*. É assim, pois, que entendo a questão: as boas condições de cuidado num primeiro estágio de vida geram um sentido de segurança, que por sua vez gera o autocontrole; e, quando o autocontrole se realiza de fato, a segurança imposta de exterior transforma-se num insulto.<sup>240</sup>

<sup>238</sup> NAHMAN, Armony. Poderiam Freud e Winnicott nos ajudar a compreender as transformações morais e éticas de nossos tempos? In: \_\_\_\_\_. *O homem transicional: para além do neurótico & borderline*. São Paulo: Zagodoni, 2013.

<sup>239</sup> Ibid., 2013, p. 136.

<sup>240</sup> WINNICOTT, D.W. Segurança. In: \_\_\_\_\_. *A Família e o Desenvolvimento Individual*. Trad.: Marcelo Brandão Cipolla. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 48, grifado no original.

A rejeição ao controle externo pela criança saudável não significa que ela prescindia de limites. Mizhari pontua que a sobrevivência da mãe objetiva é importante na medida em que proporciona um ambiente que oferece resistência à agressividade do bebê<sup>241</sup>. Agressividade não como força destruidora, mas como força vital. Um ambiente seguro é aquele que, ao mesmo tempo, protege a criança de intrusões indesejáveis e dos efeitos dos seus próprios impulsos<sup>242</sup>. Caso o ambiente não apresente a resistência e a confiança para expressar sua força vital, ou o indivíduo retrai sua agressividade ou reage violentamente em busca desse ambiente<sup>243</sup>. A inação ou a violência decorrem de uma falha ambiental, e não de uma condição natural: “A criança anti-social tem duas alternativas – aniquilar o self verdadeiro ou cutucar a sociedade até que esta lhe ofereça cobertura.”<sup>244</sup>. O potencial de agressividade, portanto, funde-se com a vida erótica em um movimento espontâneo para a alteridade.

A saúde emocional só pode ser alcançada em um ambiente que apresente as condições adequadas, sendo necessariamente intersubjetivo. O movimento, portanto, não leva ao choque com o outro, mas ao encontro. A sociabilidade não é uma imposição, e sim parte da própria constituição do sujeito. Qualquer tentativa de controle externo para um indivíduo saudável é uma afronta,<sup>245</sup> o que não implica a ausência de controle, mas este não pode ser mecânico nem motivado pelo medo<sup>246</sup>, e sim decorrer de um ambiente que propicie confiança, colaboração, cuidado e um acolhimento matricial.

<sup>241</sup> MIZRAHI, Beatriz Gang. A Vida Criativa em Winnicott: um contraponto ao biopoder e ao desamparo no contexto contemporâneo. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

<sup>242</sup> WINNICOTT, D.W. Segurança. In:\_\_\_\_\_. *A Família e o Desenvolvimento Individual*. Trad.: Marcelo Brandão Cipolla. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

<sup>243</sup> MIZRAHI, 2010, op. cit.

<sup>244</sup> WINNICOTT, D.W. Influências de grupo e a criança desajustada. In:\_\_\_\_\_. *A Família e o Desenvolvimento Individual*. Trad.: Marcelo Brandão Cipolla. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

<sup>245</sup> WINNICOTT, D.W. Integração e desintegração na vida familiar. In: \_\_\_\_\_. *A Família e o Desenvolvimento Individual*. Trad.: Marcelo Brandão Cipolla. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

<sup>246</sup> WINNICOTT, D.W. Segurança. In: WINNICOTT, D. W..\_\_\_\_\_. Trad.: Marcelo Brandão Cipolla. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

## 4

### **A experiência matrística na vida adulta: uma transição para a democracia**

*[...] vou estudar o conceito da saúde do indivíduo, porque a saúde social depende da saúde individual; a sociedade não passa de uma duplicação maciça de indivíduos.*  
(Winnicott, “O conceito de indivíduo saudável”)

Na Introdução deste trabalho, justifica-se o questionamento do modo de vida e de percepção patriarcais em decorrência do conflito inerente ao seu emocional, que aparece como conflito inerente à natureza humana. Conforme exposto anteriormente, Maturana<sup>247</sup> defende que a contradição no emocional patriarcal origina-se na diferença entre o espaço psíquico matrístico da infância, no qual há confiança, respeito pela singularidade, colaboração e afeto, e entre o espaço psíquico patriarcal no qual a criança é inserida posteriormente, onde se valoriza a competição, as hierarquias e a dominação. O choque entre a infância matrística e o subsequente modo de vivência patriarcal se expressa nos dualismos natureza/cultura e indivíduo/sociedade, devendo o primeiro polo ser dominado para viabilizar o segundo polo. No pensamento de Freud, pode-se observar esta passagem e os referidos dualismos em sua concepção da violenta entrada na vida cultural a partir da introjeção da lei paterna, o que ocorre na fase do desenvolvimento que ele denominou complexo de Édipo.

Ao longo dos capítulos anteriores, buscou-se demonstrar o caráter matrístico da gênese da construção da subjetividade, tendo como base a teoria do desenvolvimento emocional primitivo de Winnicott. A formulação teórica da sua experiência clínica com crianças e com o par mãe-bebê aponta que a primeira necessidade humana é de empatia, acolhimento, confiança no ambiente e de diálogo pré-verbal, que ocorre através do contato corporal entre a mãe e o seu bebê, bem como pelo tom da fala.

---

<sup>247</sup> MATURANA, Humberto. Conversações Matrísticas e Patriarcais. In: MATURANA, Humberto; VERDEN-ZOLLER, Gerda. *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do ser humano*. Trad.: Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2004.

Contudo, a modificação do espaço psíquico patriarcal, no qual, enquanto ocidentais, estamos inseridos<sup>248</sup>, demanda a extensão do viver matrístico para além da matriz materno-infantil. Ou seja, o desafio consiste em levar as relações pautadas na empatia, na colaboração, na confiança, na espontaneidade e na ética da responsabilidade para a vida adulta e para as relações em sociedade. É este desafio que se almeja enfrentar nas próximas páginas, mobilizando os conceitos winnicottianos de criatividade e de objeto transicional para refletir acerca do papel criador e histórico do ser humano e acerca do modo como ocorre a passagem da relação de dependência absoluta mãe-bebê para a entrada na cultura e na dependência relativa. Por fim, propõe-se a associação entre o conceito de Maturana de democracia enquanto um modo de vivência neo-matrístico e entre o conceito winnicottiano de democracia enquanto o coletivo de subjetividades saudáveis ou maduras.

#### 4.1.

##### **Objeto transicional: o primeiro elemento da cultura**

*De acordo com Winnicott, será no espaço transicional, espaço do jogo e do brincar, que será possível conservar viva a função-mãe.*

(Nahman Armony, “Van Gogh: cem anos de presença”)

Para refletir acerca de um espaço psíquico não-patriarcal, ou matrístico, na vida adulta, faz-se relevante questionar como levar o emocional da relação materno-infantil para as demais áreas de sociabilidade. O modo aqui escolhido para efetivar tal reflexão é o estudo da passagem do vínculo de dependência do par mãe-bebê para relações mais amplas (família, escola, sociedade).

Para Freud há um choque na transição entre o princípio da realidade e o princípio do prazer: algo se perde na onipotência do indivíduo, mitigando-o e impossibilitando a felicidade humana<sup>249</sup>. Porém, como aponta Abram<sup>250</sup>, ainda

---

<sup>248</sup> MATURANA, Humberto. Conversações Matrísticas e Patriarcais. In: MATURANA, Humberto; VERDEN-ZOLLER, Gerda. *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do ser humano*. Trad.: Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2004.

<sup>249</sup> FREUD, Sigmund. *O Mal-estar na cultura*. Porto Alegre: L&PM, 2016. (Coleção L&PM Pocket).

que a explicação freudiana ajude a compreender a transição que o bebê enfrenta entre o subjetivo e o objetivo, é Winnicott quem apresenta o conceito inédito de área intermediária que não está nem inteiramente no mundo objetivo, nem inteiramente no mundo subjetivo. Na explicação de Phillips:

O fenômeno transicional que oferecia uma ponte entre os mundos interno e externo dava continuidade a um processo no qual, anteriormente, de um ponto de vista psicanalítico, parecia haver apenas opções mutuamente exclusivas: subjetividade ou objetividade, unidade com a mãe ou separação dela, invenção ou descobrimento. O objeto transicional é sempre uma combinação, mas uma combinação que oferece, em virtude de ser mais do que a soma de suas partes, uma nova, terceira alternativa. E nunca é meramente um substituto para alguma coisa.<sup>251</sup>

Para Winnicott, a experiência cultural humana ocorre no espaço intermediário, uma terceira dimensão que não se encontra nem no mundo interno nem no mundo externo<sup>252</sup>. Ele entende que é um problema básico da natureza humana aceitar a realidade externa sem perder totalmente o impulso pessoal, ou seja, o viver criativo. A capacidade de lidar com esse problema é adquirida no desenvolvimento emocional primitivo, pois o princípio da realidade não deixa de ser uma afronta ao bebê onipotente<sup>253</sup>. Para lidar de modo saudável com essa “afronta”, é necessário o emprego da criatividade ao olhar o mundo objetivo, bem como a ilusão no viver humano, que inicia no estímulo oral, passa pelo brincar e difunde-se nas artes, na religião, na filosofia e, como será defendido posteriormente<sup>254</sup>, na democracia, caracterizando o ser humano como intrinsecamente criativo.

A primeira vivência cultural se dá no espaço potencial do bebê com sua mãe, cuja relação de confiança abre caminho para a transição suave da experiência onipotente totalmente subjetiva ao contato com a realidade objetiva<sup>255</sup>. A passagem do princípio do prazer para o princípio da realidade depende de uma mãe “suficientemente boa” devotada, cuja adaptação às necessidades do bebê

<sup>250</sup> ABRAM, Jan. *A linguagem de Winnicott: dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott*. Trad.: Marcelo Del Grande da Silva. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

<sup>251</sup> PHILLIPS, Adam. *Winnicott*. Trad.: Alessandra Siedschlag. Aparecida: Ideias&Letras, 2006, p. 165.

<sup>252</sup> WINNICOTT, W.D. Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: \_\_\_\_\_. *O brincar e a realidade*. Trad.: José Octávio de Aguiar Abreu; Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

<sup>253</sup> WINNICOTT, W.D.. Vivendo de modo criativo. In: \_\_\_\_\_. *Tudo começa em casa*. Trad. : Paulo Sandler. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

<sup>254</sup> WINNICOTT, W.D., 1975, op. cit.

<sup>255</sup> WINNICOTT, W.D.. O conceito de indivíduo saudável. In: \_\_\_\_\_. *Tudo começa em casa*. Trad. : Paulo Sandler. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

diminua gradativamente de acordo com a capacidade da criança para tolerar a frustração. A mãe diminui, portanto, o impacto decorrente do contato com o princípio da realidade<sup>256</sup>.

Em um primeiro momento, quando a mãe se adapta às necessidades do bebê, ela o ilude de que há uma realidade externa correspondente à sua capacidade criativa. O seio é criado repetidas vezes, pois a mãe o oferece exatamente quando o bebê está pronto para criá-lo em sua fantasia onipotente. O bebê recebe o seio que é parte dele, visto que o criou em sua fantasia, e a mãe oferece o seio a um bebê que, na fantasia dela, é uma parte de si<sup>257</sup>. Esta primeira relação de mutualismo entre a mãe e o bebê consiste na fase da dependência absoluta, na qual a criança vive a experiência de modo inteiramente subjetivo. Na transição para a dependência relativa, a frustração é positiva, na medida em que permite que os objetos se tornem reais, sendo tanto amados quanto odiados. Depois de iludir, cabe à mãe desiludir<sup>258</sup>. Contudo, é fundamental que à desilusão anteceda a ilusão, pois o movimento para o ambiente deve ser espontâneo e criativo, e não imposto ao bebê. A maturidade para lidar com a frustração do sentimento de onipotência, alcançada pela conquista da integração e da personalização, é necessária para a transição saudável da percepção (ou apercepção) inteiramente subjetiva para o reconhecimento de objetos objetivos.

O bebê terá dois mecanismos para lidar com os limites que a mãe vai paulatinamente colocando à sua fantasia onipotente<sup>259</sup>. O primeiro, anteriormente abordado, é a destruição da mãe subjetiva, que deve sobreviver objetivamente aos ataques do bebê. Na luta (destruição), o bebê encontra sua dependência em relação ao amor de um ser que é diferente dele, com pretensões próprias. Ao mesmo tempo, a mãe também começa a reconhecer seu filho como um ser autônomo, que está se individuando e que tem desejos que não correspondem aos seus<sup>260</sup>. Winnicott não percebe a agressividade que se apresenta nesse processo

<sup>256</sup> WINNICOTT, W.D. A criança no grupo familiar. In: \_\_\_\_\_. *Tudo começa em casa*. Trad.: Paulo Sandler. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

<sup>257</sup> WINNICOTT, W.D. Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: \_\_\_\_\_. *O brincar e a realidade*. Trad.: José Octávio de Aguiar Abreu; Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

<sup>258</sup> *Ibid.*, 1975.

<sup>259</sup> HONNETH, Axel. *A Luta por Reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. Trad. Luiz Repa. São Paulo: 34, 2009.

<sup>260</sup> A correspondência entre os desejos da mãe e do bebê na fase da dependência absoluta é, na verdade, decorrente da fantasia proporcionada pela capacidade empática da mãe de sentir as necessidades do bebê, o que Winnicott denominou “capacidade materna primária”. Na transição

como intrinsecamente destrutiva, mas como um caminho construtivo que leva ao reconhecimento da mãe e ao amor para além do “narcisismo primário”, proporcionado um equilíbrio entre autonomia e dependência (individuação)<sup>261</sup>.

O segundo mecanismo psíquico utilizado pela criança para lidar com a desilusão é o uso de objetos transicionais. Em seu artigo pioneiro sobre o tema, “Objetos transicionais e fenômenos transicionais”, Winnicott<sup>262</sup> formula uma hipótese acerca da relação entre o uso que os bebês recém-nascidos fazem dos dedos e dos punhos para estimular a zona erógena oral e entre o objeto especial, em geral bonecas, mas também ursinhos, panos ou partes do corpo, que os bebês adotam um pouco mais tarde. Esse objeto ocupará um lugar de fronteira entre o dentro e o fora, pois será reconhecido pelo bebê como “não eu”, ao mesmo tempo em que é criado por ele. Segundo Winnicott, este é um paradoxo que deve ser aceito, nunca podendo ser questionado à criança se o objeto transicional é criado ou encontrado pelo bebê. O objeto transicional representa o seio e, assim como o seio, é um objeto parcial. Contudo, é importante que seja um elemento da realidade que se distinga do seio materno. Trata-se, na verdade, de uma possessão que a criança faz de um objeto externo a si. Ela terá direitos sobre o objeto e desenvolverá com este uma relação de afeto, mas deixará de lado a onipotência ao manipulá-lo: “O objeto transicional jamais está sob controle mágico, como o objeto interno, nem tampouco fora de controle, como a mãe real.”<sup>263</sup>. Para o observador, é um objeto que se encontra no exterior, mas não para a criança, ainda que não decorra de sua alucinação ou inteiramente da sua experiência subjetiva. Somente o bebê pode escolhê-lo e só ele pode mudá-lo. Em geral, é um objeto que tem algo de “vivo”, que possui textura ou passa a sensação de calor.

O que é transicional não é o objeto, e sim a passagem da criança da dependência absoluta para a dependência relativa. Trata-se do espaço intermediário que não implica na separação absoluta ou na total união com a mãe, mas possibilita a transição para a relação com o mundo objetivo. Mizhari<sup>264</sup>

---

saudável para a dependência relativa, a frustração decorre da gradual perda da “capacidade materna primária” pela mãe.

<sup>261</sup> HONNETH, Axel. *A Luta por Reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. Trad. Luiz Repa. São Paulo: 34, 2009.

<sup>262</sup> WINNICOTT, W.D. *Objetos transicionais e fenômenos transicionais*. In: \_\_\_\_\_. *O brincar e a realidade*. Trad.: José Octávio de Aguiar Abreu; Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

<sup>263</sup> *Ibid.*, 1975, p. 24.

<sup>264</sup> MIZRAHI, Beatriz Gang. *A Vida Criativa em Winnicott: um contraponto ao biopoder e ao desamparo no contexto contemporâneo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

aponta o paradoxo da relação entre a criança e o objeto transicional como um paradoxo da necessidade de separar-se e manter-se unida à mãe. Relacionar-se com o objeto transicional é vincular-se a algo diferente da figura materna, mas que, ao mesmo tempo, simboliza a relação com essa mãe. É o espaço transicional, terceira dimensão ao subjetivo e ao objetivo, que permite a coexistência da separação e da união<sup>265</sup>.

A relevância está no uso simbólico que a criança faz do objeto e na própria singularidade na relação simbólica: cada um desenvolve o que é simbólico para si. No exemplo apresentado por Winnicott, a hóstia para o católico é o corpo de Cristo, ao passo que o protestante a considera a *representação* do corpo de Cristo<sup>266</sup>. As duas seriam experiências simbólicas. Do mesmo modo, cada criança desenvolve a *sua* experiência simbólica com o objeto transicional, que lhe permite manter a ilusão e a criatividade ao mesmo tempo em que se relaciona com a realidade externa.

Desde o nascimento, portanto, o ser humano está envolvido com o problema da relação entre aquilo que é objetivamente percebido e aquilo que é subjetivamente concebido e, na solução desse problema, não existe saúde para o ser humano que não tenha sido iniciado suficientemente pela mãe. *A área intermediária a que me refiro é a área que é concedida ao bebê, entre a criatividade primária e a percepção objetiva baseada no teste da realidade.* Os fenômenos transicionais representam os primeiros estádios [*sic*] do uso da ilusão, sem os quais não existe, para o ser humano, significado na ideia de uma relação com um objeto que é por outros percebido como externo a esse ser.<sup>267</sup>

A ilusão, que nos primeiros estágios da existência permite o exercício onipotente criativo, torna-se o modo a partir do qual o indivíduo dá sentido aos contatos iniciais com a realidade. O que possibilita a transição da criação mágica subjetiva para a relação com objetos objetivamente percebidos é uma área de fronteira entre o externo e o interno, que começa com o uso de objetos transicionais. O uso de objetos transicionais pela criança permite a continuidade no viver criativo através de uma ponte simbólica entre realidade interna e externa. É importante ressaltar que o uso criativo do objeto transicional leva à busca da realidade externa como modo de exercer a criatividade. A criatividade não age no

<sup>265</sup> NAHMAN, Armony. Borderline e espaço potencial winnicottiano. In: : \_\_\_\_\_. *O homem transicional: para além do neurótico & borderline*. São Paulo: Zagodoni, 2013.

<sup>266</sup> WINNICOTT, W.D. Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: \_\_\_\_\_. *O brincar e a realidade*. Trad.: José Octávio de Aguiar Abreu; Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

<sup>267</sup> *Ibid.*, 1975, p. 26, grifado no original.

vácuo: ela ocorre na relação com o ambiente externo. A criação, portanto, é recriação daquilo que está objetivamente posto.

O fato é que aquilo que criamos já estava lá, mas a criatividade reside no modo como conseguimos a percepção, através da concepção e da apercepção. Assim, quando olho o relógio, como preciso fazer agora, por exemplo, crio um relógio, mas tenho o cuidado de não ficar vendo relógios a não ser quando já sei que existe um. Por favor, não deixe de lado este fragmento da ilógica absurda – em vez disso, examine-o e use-o.<sup>268</sup>

O que Winnicott esclarece acerca da criatividade e da experiência transicional em seu exemplo do relógio é a necessidade do relógio objetivo para que subjetivamente se crie um relógio. Ou seja, a criatividade demanda o objeto externo e seu uso simbólico. A relevância do objeto transicional está no fato de que é a primeira apropriação – ou possessão, para usar o termo winnicottiano – de um objeto externo. Possuir significa recriá-lo e recriar pressupõe algo anteriormente colocado.

É interessante que nos dois métodos psíquicos que o bebê utiliza para lidar com a frustração de sua onipotência (a destruição e os objetos transicionais) o ambiente torna-se necessário enquanto lugar para a construção de algo. Em outras palavras, na expressão de sua agressividade, o bebê precisa encontrar a barreira externa ou seu movimento perde sentido. Somente reconhecendo seu potencial destrutivo, poderá construir algo positivo a partir do limite objetivo que é imposto à sua fantasia quando a mãe sobrevive aos seus ataques<sup>269</sup>. Do mesmo modo, o uso do objeto transicional transforma a fantasia onipotente do bebê em uma ilusão que recria o ambiente e enriquece seu potencial criativo. No estágio de onipotência sustentado por uma mãe “suficientemente boa” o bebê aprende a criar. Posteriormente, esse aprendizado é utilizado na capacidade de recriar o mundo externo.

Pode-se defender que não há mera coincidência no fato de que os dois métodos psíquicos que o bebê utiliza para lidar com o princípio da realidade identificados por Winnicott levem à construção a partir do ambiente externo. A necessidade paradoxal de ligação e separação estende-se da relação com a mãe para a vida cultural: o ambiente externo ancora as experiências espontâneas,

<sup>268</sup> WINNICOTT, W.D.. Vivendo de modo criativo. In: \_\_\_\_\_. *Tudo começa em casa*. Trad. : Paulo Sandler. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011, p. 37.

<sup>269</sup> WINNICOTT, W.D. Agressão, culpa e reparação. In: \_\_\_\_\_. *Tudo começa em casa*. Trad.: Paulo Sandler. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

levando a uma percepção diferente da patriarcal acerca da liberdade e da autonomia. A liberdade e a autonomia não se oporiam à realidade, mas encontrariam nesta o suporte às suas necessidades<sup>270</sup>. O mesmo ocorre com o encontro do limite ambiental à expressão da agressividade saudável: a barreira ambiental é uma necessidade. A percepção de Winnicott acerca da relação construtiva do encontro espontâneo do indivíduo com o ambiente afasta-se da percepção patriarcal do inevitável conflito entre liberdade individual e realidade externa.

A modificação que o pensamento winnicottiano traz à concepção patriarcal do inevitável conflito entre a liberdade do indivíduo para efetivar o princípio do prazer e as imposições do princípio da realidade relaciona-se ao modo como ele emprega o conceito de criatividade. Em “O mal-estar na cultura”, Freud aponta a arte, a religião, a ciência e o exercício criativo como modos de fugir às frustrações que o mundo externo impõe ao princípio do prazer<sup>271</sup>. Neste sentido, a criatividade se oporia à realidade, implicaria em sua negação e na busca da manutenção da fantasia onipotente.

Contudo, em seu texto “O poeta e o fantasiar”, de 1908, anterior ao “O mal-estar na cultura”, Freud se volta para uma das expressões da criatividade: a criação poética. Ele defende que sua gênese deve ser buscada no brincar das crianças, que transpõem aspectos da realidade para seu próprio mundo, levando a sério a fantasia: “O poeta faz algo semelhante à criança que brinca; ele cria um mundo de fantasia que leva a sério, ou seja, um mundo formado por grande mobilização afetiva, na medida em que se distingue rigidamente da realidade.”<sup>272</sup> Freud ainda não tratava do espaço transicional quando se referia ao brincar da criança como um ato de criatividade semelhante ao do poeta, mas pode-se vislumbrar em sua afirmação um *insight* do que seria apontado por Winnicott como uma área intermediária entre o mundo interno e a realidade.

Ao defender a existência de um espaço de fronteira entre o dentro e o fora, Winnicott permite uma nova percepção acerca da fantasia e do potencial criativo do ser humano: não mais uma negação da realidade, mas um modo de participar

---

<sup>270</sup> MIZRAHI, Beatriz Gang. *A Vida Criativa em Winnicott: um contraponto ao biopoder e ao desamparo no contexto contemporâneo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

<sup>271</sup> FREUD, Sigmund. *O Mal-estar na cultura*. Porto Alegre: L&PM, 2016. (Coleção L&PM Pocket).

<sup>272</sup> FREUD, Sigmund. O poeta e o fantasiar. In: \_\_\_\_\_. *Arte, literatura e os artistas*. Trad.: Ernani Chaves. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, p. 54.

da sua formulação, de reconstruí-la: “A criatividade é, portanto, a manutenção através da vida de algo que pertence à experiência infantil: a capacidade de criar o mundo.”<sup>273</sup>. A criatividade é a brincadeira que a criança leva a sério, a manutenção da capacidade de empregar um novo olhar ao mundo objetivamente posto. Para Winnicott, criatividade é criar o existente<sup>274</sup>, sendo exercida no espaço potencial ou intermediário, que começa com o uso do objeto transicional: o primeiro elemento da cultura ao qual a criança emprega a sua percepção sem a fantasia onipotente.

Segundo Winnicott<sup>275</sup>, a realidade objetiva nunca é completamente aceita. A ilusão faz parte da experiência humana. O alívio da tensão entre o externo e o interno ocorre no espaço transicional, que se expande para as expressões culturais do ser humano, permitindo o compartilhamento de espaços transicionais. Com o tempo, o objeto transicional perde seu significado para a criança, o que implica na ampliação dos interesses culturais. Ou seja, na expansão da área intermediária para o brincar, para o sentimento religioso, para a atividade artística, científica, filosófica. Diferente da percepção patriarcal freudiana, tais atividades consistiriam, em uma perspectiva winnicottiana, não na negação da realidade, mas em um movimento criativo para ela.

A transicionalidade liga-se assim a um jogo sutil onde a separação entre os indivíduos é ao mesmo tempo afirmada e negada, jogo este que pode também ser encontrado em grande parte da vida cultural: seja na arte, na religião ou nas demais trocas sociais.

[...]

Ao ser original, o indivíduo transforma o que foi construído por outros antes dele, mas, ao mesmo tempo, faz isso apoiado nas construções sociais já existentes e não num gesto solitário, movido pelo desamparo.<sup>276</sup>

É o compartilhamento das ilusões que está na raiz dos agrupamentos humanos e da cultura<sup>277</sup>, em um “encontro de experiências transicionais”<sup>278</sup>. O ser

<sup>273</sup> WINNICOTT, W.D. Vivendo de modo criativo. In: \_\_\_\_\_. *Tudo começa em casa*. Trad.: Paulo Sandler. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011, p. 24.

<sup>274</sup> NAHMAN, Armony. Confrontando Winnicott com os azares da hipermodernidade. In: \_\_\_\_\_. *O homem transicional: para além do neurótico & borderline*. São Paulo: Zagodoni, 2013.

<sup>275</sup> WINNICOTT, W.D. Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: \_\_\_\_\_. *O brincar e a realidade*. Trad.: José Octávio de Aguiar Abreu; Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

<sup>276</sup> MIZRAHI, Beatriz Gang. A Vida Criativa em Winnicott: um contraponto ao biopoder e ao desamparo no contexto contemporâneo. Rio de Janeiro: Garamond, 2010, p. 99-100.

<sup>277</sup> WINNICOTT, W.D., 1975, op. cit.

<sup>278</sup> MIZRAHI, Beatriz Gang. A Vida Criativa em Winnicott: um contraponto ao biopoder e ao desamparo no contexto contemporâneo. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

humano consiste, portanto, em um ser que (re)cria sua realidade inserido na tradição que o precede. Para fazer filosofia ou arte, por exemplo, estuda-se o que já existe e emprega-se um novo olhar<sup>279</sup>, que une e singulariza os membros da sociedade. Tal perspectiva da relação do indivíduo com a sociedade é matricial, na medida e que leva para áreas mais amplas da experiência cultural aspectos da relação mãe-bebê: a criatividade, a singularidade, o paradoxo da união e da separação. A expansão dos referidos aspectos desvela uma concepção do ser humano como histórico, visto que tem o potencial de recriar a cultura partilhada. A característica do humano é construir sua realidade através do espaço transicional de modo espontâneo, sem a imposição de modelos repressores decorrente da perspectiva patriarcal. Para Winnicott, a experiência humana de destruição do planeta e de outros seres humanos a partir do seu potencial criativo, como é o caso da bomba atômica, é uma expressão do medo, ou seja, da falha social em conceder o suporte necessário aos seus membros.

Os seres humanos, no entanto, têm uma coisa só sua, e, quando são suficientemente saudáveis, têm experiências culturais superiores às de qualquer animal (exceto talvez as baleias e seus parentes).

Provavelmente será o ser humano que destruirá o mundo. Se assim for, talvez possamos morrer na próxima explosão atômica sabendo que isso não é saúde, mas medo; é uma decorrência do fracasso das pessoas e da sociedade saudáveis em dar suporte a seus membros doentes.<sup>280</sup>

Logo, é possível que o olhar criativo sobre a experiência cultural leve o ser humano para um espaço psíquico patriarcal de medo, controle e violência. Porém, quando encontra um ambiente facilitador, pode levá-lo para o espaço psíquico matricial de confiança, espontaneidade, singularidade e contribuição em relação ao mundo externo. Para Winnicott, apenas o segundo caso expressa saúde emocional<sup>281</sup>. Em nível coletivo, o exercício criativo de indivíduos emocionalmente maduros leva à ilusão partilhada intitulada democracia.

<sup>279</sup> WINNICOTT, W.D. Vivendo de modo criativo. In: \_\_\_\_\_. *Tudo começa em casa*. Trad.: Paulo Sandler. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

<sup>280</sup> WINNICOTT, W.D. O conceito de indivíduo saudável. In: \_\_\_\_\_. *Tudo começa em casa*. Trad.: Paulo Sandler. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011, p. 21.

<sup>281</sup> *Ibid.*, 2011.

## 4.2.

### Democracia: o coletivo de subjetividades maduras

*A democracia não é uma solução. É um ato poético, que define um ponto de partida para uma vida adulta neomatrística [...].*

(Humberto Maturana, “Conversações matrísticas e patriarcais”)

Objetiva-se, no caminho para o encerramento deste trabalho, refletir acerca da expansão da vivência não patriarcal da relação materno-infantil para a vida adulta e para vínculos mais amplos. Apontou-se, anteriormente, o conceito winnicottiano de espaço transicional entre o mundo interno e o mundo externo do indivíduo como uma extensão do paradoxo de união e separação com a mãe para a vida cultural. Diferente da perspectiva patriarcal freudiana, que compreende o contato com a realidade como um choque que mitiga o “eu”, a formulação teórica de Winnicott acerca do ingresso do sujeito na experiência cultural desvela o enriquecimento do potencial criativo humano na relação com o mundo objetivo. Liberdade e autonomia podem ser percebidas não mais como opostas à cultura, mas como ancoradas nela<sup>282</sup>. Para Winnicott, a base da transição do mundo inteiramente subjetivo para a experiência ilusória partilhada está em um ambiente de confiança proporcionado por uma mãe “suficientemente boa”. Ou seja, a vida cultural tem sua origem no espaço potencial entre a mãe e o seu bebê<sup>283</sup>.

Contudo, não é apenas o conceito de espaço transicional que permite refletir acerca da extensão do viver matrístico para relações mais amplas. Winnicott associava o desenvolvimento da sociedade ao desenvolvimento individual. Um coletivo de indivíduos saudáveis, ou seja, que passaram de modo saudável pelas fases do desenvolvimento emocional, implica em uma sociedade saudável. A esse coletivo Winnicott denominou democracia<sup>284</sup>.

O que se pretende desenvolver neste tópico é a ideia de que a concepção winnicottiana de democracia implica em uma sociedade matrística, visto que sua

<sup>282</sup> MIZRAHI, Beatriz Gang. *A Vida Criativa em Winnicott: um contraponto ao biopoder e ao desamparo no contexto contemporâneo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

<sup>283</sup> WINNICOTT, W.D. O conceito de indivíduo saudável. In: \_\_\_\_\_. *Tudo começa em casa*. Trad.: Paulo Sandler. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

<sup>284</sup> WINNICOTT, W. D. . Algumas considerações sobre o significado da palavra democracia. In: \_\_\_\_\_. *A Família e o Desenvolvimento Individual*. Trad.: Marcelo Brandão Cipolla. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

gênese é a relação materno-infantil. Para tanto, apontam-se as aproximações entre o que Winnicott e o que Maturana entendiam por democracia, na medida em que Maturana considera a democracia uma ruptura nas relações patriarcais, que expande o viver matrístico para a vida adulta<sup>285</sup>.

É importante ressaltar que nem Winnicott nem Maturana pretendem discutir teoria democrática. Tampouco existe a pretensão de fazê-lo aqui. Ao referir-se à democracia, mobilizam-se unicamente as conotações atribuídas por Winnicott e por Maturana a essa palavra. Winnicott inicia seu artigo “Algumas considerações sobre o significado da palavra democracia” justificando que *aborda um tema fora da sua área de conhecimento*, mas aponta sua *intenção de interpretá-lo a partir da sua especialidade*: “Tenta-se, aqui, dar início a um estudo psicológico do termo democracia”<sup>286</sup>. Por estudo psicológico ele entende desvelar o significado latente da palavra democracia que, em sua concepção, é uma sociedade composta por uma maioria considerável de indivíduos maduros. Maturidade, para Winnicott, corresponde à saúde adequada a cada estágio do desenvolvimento emocional. Um indivíduo maduro é um indivíduo emocionalmente saudável.

Não é à toa que Winnicott conecta o estudo da sociedade e do indivíduo: uma sociedade democrática começa pela saúde emocional de cada membro. A saúde emocional de cada membro, por sua vez, começa na relação de afeto, confiança, singularidade e empatia com a mãe.

[...] o contato entre mãe e bebê nos primeiros dias e com o processo pelo qual a mãe apresenta a realidade exterior ao bebê. Esse processo representa, na realidade, a base da capacidade que o indivíduo pode ter de relacionar-se com uma realidade externa cada vez mais ampla; se a importantíssima contribuição da mãe – baseada em sua devoção – for prejudicada ou impedida, não haverá a menor esperança de que o indivíduo possa integrar aqueles 100 – (X + Y + Z) por cento dos membros da sociedade que compõem e geram o fator democrático inato.<sup>287</sup>

A base da democracia é o espaço psíquico matricial no qual se forma e se distingue o par mãe-bebê. É a confiança no ambiente proporcionada pela mãe que se adapta às necessidades da criança que leva à ampliação da relação com o

<sup>285</sup> MATURANA, Humberto. Conversações Matrísticas e Patriarcais. In: MATURANA, Humberto; VERDEN-ZOLLER, Gerda. *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do ser humano*. Trad.: Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2004.

<sup>286</sup> WINNICOTT, W. D. . Algumas considerações sobre o significado da palavra democracia. In: \_\_\_\_\_.. *A Família e o Desenvolvimento Individual*. Trad.: Marcelo Brandão Cipolla. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 228.

<sup>287</sup> Ibid., 2011, p. 237.

ambiente externo, em uma experiência criativa que adquire caráter partilhado na cultura. Quando o desenvolvimento emocional primitivo ocorre de modo saudável, a tendência é que suas características matriciais sejam estendidas à vida social, constituindo o viver democrático.

Ainda que não use os mesmos argumentos de Winnicott, Maturana identifica a relação mãe-bebê como semente que dá frutos através da democracia. Ele apresenta a democracia como uma ameaça ao modo de viver patriarcal, na medida em que expande as conversações matrísticas da infância. Maturana<sup>288</sup> propõe que a nostalgia inconsciente pela coexistência respeitosa e fácil da infância é o fundamento emocional para o surgimento da democracia na Grécia, possuindo um emocional de natureza matrística.

Além da identificação do viver matrístico que se encontra na relação mãe-bebê na origem da democracia, o pensamento de Winnicott e o de Maturana acerca do termo aproximam-se no que diz respeito ao vínculo de pessoas totais que contribuem de modo responsável para a vida em sociedade. Na teoria do desenvolvimento emocional de Winnicott, a experiência cultural só pode ter início com a conquista do sentimento do “EU SOU”, ou seja, com a percepção de ser pessoa inteira, de possuir um dentro e um fora. Para Winnicott, a democracia implica na união de pessoas inteiras que contribuem para a vida em sociedade. O voto secreto, traço dos sistemas democráticos, consistiria numa forma de proporcionar ao indivíduo o exercício espontâneo de reflexão acerca do seu mundo interno que gera efeitos no mundo externo, ao mesmo tempo em que o internaliza<sup>289</sup>. Em outras palavras, o voto democrático estaria no espaço transicional entre o mundo subjetivo e o mundo objetivo, permitindo ao sujeito contribuir para a construção da sociedade.

De modo semelhante, Maturana identifica no viver democrático a possibilidade de cada membro responsabilizar-se pelas decisões comunitárias. Ele explica que a democracia surge da conversa livre no mercado sobre os assuntos da comunidade, dando acesso a todos os iguais àqueles problemas. Foi um acontecimento espontâneo que fez com que esses assuntos fossem conhecidos

---

<sup>288</sup> MATURANA, Humberto. *Conversações Matrísticas e Patriarcais*. In: MATURANA, Humberto; VERDEN-ZOLLER, Gerda. *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do ser humano*. Trad.: Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2004.

<sup>289</sup> WINNICOTT, W. D. . Algumas considerações sobre o significado da palavra democracia. In: \_\_\_\_\_.. *A Família e o Desenvolvimento Individual*. Trad.: Marcelo Brandão Cipolla. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

como “públicos”, não apropriáveis pelo rei. O ofício real tornou-se indesejável na medida em que a prática de conversar os assuntos na Ágora constitui-se em hábito, levando ao ato declaratório, em algumas cidades, de extinção da monarquia. Tais atos declararam a democracia como um Estado, ou seja, uma forma de existência comunitária, acessível a todos os cidadãos; decisões de responsabilidade dos cidadãos; tarefas administrativas transitórias e decorrentes de eleição, que também geram responsabilidade<sup>290</sup>. A ênfase que Maturana atribui ao caráter de responsabilidade dos membros de uma sociedade democrática pelas decisões compartilhadas aproxima-se da ética da responsabilidade winnicottiana<sup>291</sup>. A responsabilidade adquirida por amor à mãe no desenvolvimento emocional primitivo amplia-se para a sociedade na vida democrática.

Outro aspecto matrístico que converge na percepção que os autores têm da democracia é o seu caráter espontâneo. Para Winnicot<sup>292</sup>, a democracia nunca pode ser imposta. Assim como as tendências do desenvolvimento emocional primitivo, ela é uma conquista inata que decorre da proporção de indivíduos saudáveis que a compõem. Maturana<sup>293</sup>, em pensamento afim, afirma que a democracia nunca pode ser defendida: ela precisa ser vivida. A defesa já pressupõe a imposição, que seria um contrassenso ao viver espontâneo democrático. Ressalte-se que a espontaneidade é um elemento matricial, na medida em que o viver espontâneo é possibilitado, na gênese da construção da subjetividade, pela adaptação empática da mãe às necessidades do bebê. Tal adaptação, denominada por Winnicott de “capacidade materna primária”, impede que o mundo externo se imponha ao bebê, apresentando a realidade de modo gradual e submetendo-a ao seu olhar criativo.

A democracia, segundo Maturana<sup>294</sup>, é uma obra de arte, um ato poético. Em termos winnicottianos, podemos pensá-la como uma ilusão na fronteira entre

<sup>290</sup> MATURANA, Humberto. Conversações Matrísticas e Patriarcais. In: MATURANA, Humberto; VERDEN-ZOLLER, Gerda. *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do ser humano*. Trad.: Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2004.

<sup>291</sup> Ver tópico 3.2.2..

<sup>292</sup> WINNICOTT, W. D. . Algumas considerações sobre o significado da palavra democracia. In: \_\_\_\_\_.. *A Família e o Desenvolvimento Individual*. Trad.: Marcelo Brandão Cipolla. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

<sup>293</sup> MATURANA, 2004, op. cit.

<sup>294</sup> MATURANA, Humberto. Conversações Matrísticas e Patriarcais. In: MATURANA, Humberto; VERDEN-ZOLLER, Gerda. *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do ser humano*. Trad.: Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2004.

o externo e o interno que possibilita aos seus membros estarem conectados e individuados ao mesmo tempo. Como explica Winnicott, não há uma fórmula para o viver democrático<sup>295</sup>: cada lugar encontra o seu modo singular de democracia, sua forma de criá-la poeticamente. Porém, no espaço psíquico patriarcal, buscam-se razões transcendentais de justiça e de direito para justificá-la, recorrendo ao uso da força baseada em teorias filosóficas que visam implantá-la. Contudo, a democracia existe apenas a partir da confiança, do respeito, do autorrespeito e da dignidade. É preciso vivê-la conservando o equilíbrio entre a dignidade individual e a legitimidade social enquanto atos de responsabilidade pública que constituem a forma matrística de vida<sup>296</sup>.

Para Winnicott, o que se opõe à democracia é a insegurança, pois esta leva à busca do autoritarismo. O autoritarismo é a expressão social da doença emocional, decorrente de um número expressivo de indivíduos com “tendências antissociais” na comunidade. A “tendência antissocial”, como anteriormente explicado, é consequência de um ambiente que falhou, ou seja, de um ambiente destituído das características matrísticas, que retira do sujeito a sua espontaneidade e criatividade.

Se, num momento qualquer de uma sociedade, há uma quantidade X de indivíduos cuja falta de sentido social manifesta-se no desenvolvimento de uma tendência anti-social, há sempre também uma quantidade Z de indivíduos que reagem à insegurança interna por meio de uma via alternativa – a identificação com a autoridade. Trata-se de uma identificação doentia, imatura, pois não revela do autoconhecimento. É uma moldura sem retrato, uma forma sem espontaneidade. É uma tendência a favor da sociedade, mas contra o indivíduo. As pessoas que desenvolvem essa tendência podem ser chamadas “anti-sociais ocultos”.<sup>297</sup>

A partir da citação acima transcrita de Winnicott, pode-se apreender que a perspectiva patriarcal da repressão como possibilitadora da sociabilidade afasta-se da concepção winnicottiana de uma sociedade madura ou saudável. É o medo e a imaturidade emocional que levam à busca por autoritarismo, gerando a perda da espontaneidade e do componente singular da criatividade. O modelo estabelecido de fora se impõe. Para Winnicott, este é o retrato de uma sociedade doente. A relação de confiança, sustentação e acolhimento que se inicia na relação mãe-bebê

<sup>295</sup> WINNICOTT, W. D. . Algumas considerações sobre o significado da palavra democracia. In: \_\_\_\_\_.. *A Família e o Desenvolvimento Individual*. Trad.: Marcelo Brandão Cipolla. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

<sup>296</sup> MATURANA, 2004, op. cit.

<sup>297</sup> WINNICOTT, 2011, p. 232, op. cit.

deve se estender para a comunidade. Cabe à sociedade democrática sustentar seus membros em um ambiente no qual a confiança, e não o medo, consista no sentimento norteador das relações.

Talvez cause estranhamento ou pareça ingenuidade pensar a democracia nesses termos quando a realidade demonstra um quadro diferente nas sociedades democráticas atuais. Como observa Plastino: “alguns poderão certamente afirmar que todas essas expectativas constituem uma utopia irrealizável, mas a essa afirmação podemos responder que ninguém sabe do que é capaz uma sociedade realmente democrática”<sup>298</sup>. Ainda que muitas nações adotem a democracia como forma de governo, o seu caráter matrístico é apenas literário ou parcial<sup>299</sup>. Maturana explica que frequentemente a perspectiva patriarcal de políticas de apropriação, hierarquia e guerra predomina no que é defendido como democracia, gerando contradições que podem ser assim resumidas: a) confunde democracia com obtenção de poder através de eleição. Mascara relações de dominação e coerção intrínsecas à ideia de poder. Predomina o emocional da dominação do comportamento dos outros para satisfação da vontade privada. A democracia só pode existir em conversações de consenso, cooperação e co-inspiração; b) exclusão de membros de ação e opinião quanto a assuntos da comunidade com base em argumentos de justiça e princípios transcendentais. Predomina o emocional da hierarquia. A democracia não é transcendental, mas forma de viver, acordo aberto, nostalgia da vida matrística; c) negar a membros acesso a meios de subsistência sob a justificativa da livre empresa e da competição. Predomina o emocional da inimizade e da competição. A democracia só pode existir no compartilhamento e na distribuição participativa; d) argumentos de que os direitos do indivíduo e da comunidade se negam mutuamente, que há conflito. Predomina o emocional da apropriação e inimizade, de que cada individualidade humana se opõe à outra. Porém, o desenvolvimento humano ocorre em relações de confiança e respeito mútuo, o que é demonstrado pela teoria do desenvolvimento emocional primitivo de Winnicott. A democracia não é a solução de um conflito, é um ato poético em direção à vida adulta neomatrística, a constituição de um estado de

---

<sup>298</sup> PLASTINO, Carlos Alberto. *Vida, Criatividade e Sentido no Pensamento de Winnicott*. Rio de Janeiro: Garamond, 2014, p. 154-155.

<sup>299</sup> MATURANA, Humberto. *Conversações Matrísticas e Patriarcais*. In: MATURANA, Humberto; VERDEN-ZOLLER, Gerda. *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do ser humano*. Trad.: Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2004.

cooperação, respeito, de um sistema social humano, e de coparticipação; e) necessidade de ordem para livre competição, que levaria ao progresso social como um valor em si. Predomina o emocional do desejo de apropriação e autoridade, hierarquia, controle e subordinação, acumulação de bem-estar apropriando-se dos meios de vida dos outros. Gera a criação de meninos e de meninas patriarcais educados para competir, o que acarreta a contradição emocional do espaço psíquico patriarcal; f) poder, confrontação e controle para manutenção ou resolução de conflitos na democracia. Predomina o emocional que leva à perda de confiança no outro e à busca de segurança em autoridade. O desacordo é percebido como ameaça que deve ser resolvida pela guerra, pela luta. Nega o respeito mútuo, fundamental à democracia; g) valorização de relações hierárquicas, de autoridade e obediência para assegurar ordem nas relações humanas. O emocional predominante é o do desejo de manter privilégios; h) aponta qualquer desacordo como luta de poder e a democracia como oportunidade para que todas as forças sociais participem da luta. O emocional predominante é o do desejo de dominação e controle. O desacordo é percebido como ameaça à identidade e não como expressão de singularidade. Nega a totalidade da vida democrática; j) ações tomadas de modo imediato sob o argumento da desconfiança e urgência, sem que haja reflexão pública. Predomina o desejo de controle, que destrói a democracia ao possibilitar ações autoritárias.

O panorama apresentado por Maturana desvela que muito do que se atribui à democracia afasta-se ou nega o viver democrático enquanto ampliação da experiência matrística. A verdadeira democracia em termos winnicottianos não se pauta na repressão do inevitável conflito entre indivíduo e sociedade, mas na valorização do potencial empático do ser humano para desenvolver relações justas e solidárias<sup>300</sup>, que amparem os membros da comunidade. O ato da mãe de “segurar” estende-se para a sociedade. A origem da confiança, da empatia, da criatividade e do respeito à singularidade encontra-se no vínculo que todo ser humano tem com a figura materna na gênese da construção da subjetividade. A mãe “suficientemente boa”, portanto, é o paradigma da sociedade democrática.

---

<sup>300</sup> PLASTINO, Carlos Alberto. *Vida, Criatividade e Sentido no Pensamento de Winnicott*. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

## 5

### Considerações finais

Espera-se ter alcançado o objetivo proposto no início deste trabalho, qual seja: refletir acerca de uma abordagem não patriarcal da construção da subjetividade a partir da obra de Winnicott. Para tanto, apontou-se a perspectiva patriarcal da constituição do sujeito que estaria presente no trabalho teórico de Freud, apesar de suas descobertas não patriarcais na experiência clínica psicanalítica, e as modificações matriciais que a teoria do desenvolvimento emocional primitivo winnicottiana trouxe. Buscou-se responder, ao longo do presente texto, em que sentido o trabalho de Winnicott apresenta uma concepção não patriarcal do sujeito e de que modo tal concepção desvela uma percepção diferente da relação entre natureza/cultura e indivíduo/sociedade daquela naturalizada na perspectiva patriarcal.

Apontou-se que a psicanálise é uma área do conhecimento que não pode ser ignorada no estudo do ser humano, em especial quando se pretende refletir acerca da sua personalidade, dos seus conflitos e da sua natureza. A descoberta, por Freud, do modo de funcionamento e acesso ao psiquismo inconsciente e o seu caráter genuíno colocou em xeque as ideias dualistas e racionalistas vigentes no paradigma da modernidade acerca do conhecer, do real e do ser humano, possibilitando a compreensão da complexidade epistemológica, ontológica e antropológica. Pautada na relação sujeito/sujeito, no primado dos afetos, na transferência, contratransferência e comunicação direta entre inconscientes, a psicanálise apresenta-se como uma nova forma de conhecer que possui características não patriarcais, na medida em que sai da lógica dual e hierárquica que separa mente/corpo, razão/emoção e sujeito do conhecimento(racional)/objeto do conhecimento (máquina-burra). A valorização dos aspectos femininos – intuição, empatia, singularidade – na experiência clínica psicanalítica justifica o estudo, neste trabalho, de dois autores que pautaram suas obras no conhecimento psicanalítico.

Defendeu-se que os aspectos não patriarcais do modo de conhecimento psicanalítico foram herdados por Winnicott da clínica freudiana. Apontou-se, contudo, que Freud, enquanto um homem de sua época, forjado intelectualmente

em ideias platônico-cartesianas, reproduziu os pressupostos patriarcais na formulação teórica das suas descobertas clínicas. Especialmente em seus escritos de psicologia das massas, nos quais ele pretendeu usar os conhecimentos obtidos no estudo das neuroses para pensar fenômenos sociais como a moral, o direito e a religião, Freud apresenta a concepção de um inevitável conflito entre o indivíduo e a sociedade. A sua percepção é de que o projeto humano de felicidade, centrado na efetivação do princípio do prazer, encontra-se em oposição ao princípio da realidade, que mitiga o indivíduo. O mundo externo, em especial a relação com outros seres humanos, é necessário para atingir plenamente o princípio do prazer, mas, ao mesmo tempo, coloca barreiras à sua efetivação. Tal conflito encontra seu reflexo no interior de cada ser humano, entre a pulsão erótica que leva à reunião de mais e mais pessoas, possibilitando a cultura, e a pulsão de morte, que leva à destruição e ameaça a vida em sociedade. O caminho para viabilizar a cultura é a repressão, internalizada na instância psíquica do supereu, tornando a culpa um mal-estar inevitável. Tanto o ingresso na cultura quanto a ética são pautadas na violência e na internalização da vontade autoritária da função-pai, levando à reprodução de modelos externos impostos e na desvalorização do feminino enquanto inimigo da cultura e agente passivo em sua formação. O centro desta perspectiva é o complexo de Édipo, no qual o filho deseja assemelhar-se ao pai, matando-o e permanecendo com a mãe. Quanto mais rápida a sua dissolução pela ação violenta do supereu, com mais força desfaz-se a matriz materno-infantil e impõe-se a culpa pelo desejo de desobediência ao pai. A perspectiva patriarcal freudiana, portanto, é a da repressão dos instintos, do direito e da sociedade como fontes de frustração que mitigam o “eu”, reproduzindo o conflito liberdade *versus* segurança e impondo modelos rígidos que devem ser fielmente cumpridos para que a vida em sociedade seja possível. A condição da sociabilidade é a frustração e o autoritarismo, visto que em cada ser humano encontra-se uma força destrutiva inata, a pulsão de morte. A desconfiança, portanto, permeia as relações.

Expõe-se, ao longo do trabalho, que Winnicott desenvolve os mesmos conceitos que Freud, atribuindo-lhes, porém um novo olhar, um olhar criativo. Se Freud refletia a subjetividade da modernidade, a formulação teórica da experiência clínica winnicottiana abre espaço para uma nova subjetividade, denominada, aqui, de não patriarcal ou matricial.

Winnicott encontra na relação de confiança, empatia, singularidade, corporeidade e sensualidade do par mãe-bebê o paradigma não apenas para o *setting* analítico, mas para a sociedade democrática. A sua teoria permite a extensão da matriz-materno infantil para a vida adulta em um constante jogo cultural do brincar, prescindindo da violência do corte paterno para a entrada na cultura. Ao contrário, é a relação de afeto com a mãe “suficientemente boa” que proporciona o desenvolvimento de uma área intermediária entre o mundo interno e o mundo externo, possibilitando o viver criativo e a (re)criação da realidade externa pelo sujeito. Deste modo, na perspectiva winnicottiana, a relação do indivíduo com a cultura não é de frustração, mas de contribuição. A agressividade, nesta toada, é ressignificada por Winnicott: não mais uma força destrutiva inata para a morte, mas um movimento para a vida que demanda o encontro com o ambiente externo. A agressividade torna-se “tendência antissocial” quando o ambiente falha, exigindo da sociedade que “segure” os seus membros emocionalmente doentes como uma mãe “suficientemente boa”.

Winnicott também ressignifica o conceito de supereu, localizando sua formação não na imposição externa da vontade paterna, mas na conquista espontânea do sentimento ético por amor à mãe. A ética winnicottiana inicia na responsabilidade pela fantasia e culmina na responsabilidade pelos atos, permitindo ao indivíduo encontrar em cada situação, de modo singular, o certo e o errado a partir da responsabilidade que tem pelo outro, e não pelo medo da repressão externa. A culpa, para Winnicott, tem um aspecto positivo, na medida em que leva ao envolvimento com o outro e à capacidade de reparação dos erros cometidos.

A teoria do desenvolvimento emocional de Winnicott coloca em xeque o pressuposto individualista e intrinsecamente antissocial do ser humano presente na perspectiva patriarcal. Se tal perspectiva demanda a repressão, a formulação teórica winnicottiana demonstra que a primeira necessidade humana é de afeto é de encontro físico e emocional com outro ser humano, levando à reflexão de outras possibilidades de coexistência que não aquelas pautadas no autoritarismo ou na completa indiferença/missividade. A descrição winnicottiana da gênese matricial da construção da subjetividade permite pensar o viver democrático não como mera utopia, mas como uma virtualidade humana, um caminho possível em uma sociedade “suficientemente boa”, que sustente seus membros e pautar suas

relações na confiança, na empatia e na colaboração. O que Winnicott nos apresenta é uma alternativa ao individualismo e ao autoritarismo: a área intermediária da individuação, do paradoxo entre união e separação, simbiose e autonomia, realidade externa e criatividade.

## Referências bibliográficas

ABRAM, Jan. *A linguagem de Winnicott: dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott*. Trad.: Marcelo Del Grande da Silva. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

ARMONY, Nahman. Bem-estar e mal-estar do homem moderno e pós-moderno. In: \_\_\_\_\_. *O homem transicional: para além do neurótico & borderline*. São Paulo: Zagodoni, 2013.

\_\_\_\_\_. Borderline e espaço potencial winnicottiano. In: \_\_\_\_\_. *O homem transicional: para além do neurótico & borderline*. São Paulo: Zagodoni, 2013.

\_\_\_\_\_. Confrontando Winnicott com os azares da hipermodernidade. In: \_\_\_\_\_. *O homem transicional: para além do neurótico & borderline*. São Paulo: Zagodoni, 2013.

\_\_\_\_\_. De Édipo a Narciso. In: \_\_\_\_\_. *O homem transicional: para além do neurótico & borderline*. São Paulo: Zagodoni, 2013.

\_\_\_\_\_. Poderiam Freud e Winnicott nos ajudar a compreender as transformações morais e éticas de nossos tempos? . In: \_\_\_\_\_. *O homem transicional: para além do neurótico & borderline*. São Paulo: Zagodoni, 2013.

\_\_\_\_\_. Van Gogh: cem anos de presença. In: \_\_\_\_\_. *O homem transicional: para além do neurótico & borderline*. São Paulo: Zagodoni, 2013.

DESCARTES, René. *O discurso do Método*. São Paulo: Nova Cultura Ltda, 2004.

ENDO, Paulo; SOUSA, Edson. Itinerário para uma leitura de Freud. In: FREUD, Sigmund. *O homem Moisés e a religião monoteísta*. Trad.: Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2014.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. *Obras Completas, volume 14*. Trad.: Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. Introdução ao narcisismo. *Obras Completas, volume 12*. Trad.: Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. O eu e o id. *Obras Completas, volume 16*. Trad.: Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. *O homem Moisés e a religião monoteísta*. Trad: Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2014.

\_\_\_\_\_. *O Mal-estar na cultura*. Porto Alegre: L&PM, 2016. (Coleção L&PM Pocket).

\_\_\_\_\_. O poeta e o fantasiar. In: \_\_\_\_\_. *Arte, literatura e os artistas*. Trad.: Ernani Chaves. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

\_\_\_\_\_. Os delírios e os sonhos na *Gradiva* de W. Jensen. *Obras Completas, volume 8*. Trad.: Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

\_\_\_\_\_. *Totem e tabu*. Porto Alegre: L&PM, 2013. (Coleção L&PM Pocket).

GEISLER, Adriana Ribeiro Rice. *Sociabilidade e criatividade como fundamentos para a elaboração jurídica: um banquete entre Hobbes, Rousseau, Freud e Winnicott*. 2009. 207 f. Tese (Doutorado em Direito) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

HOBBS, Thomas. *Leviatã ou Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil*. Trad.: Rosina D'Angina. São Paulo: Martin Claret, 2014.

HONNETH, Axel. *A Luta por Reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. Trad. Luiz Repa. São Paulo: 34, 2009.

KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade*. 2ª ed.. São Paulo: Boitempo, 2016.

MÃE, Valter Hugo. *A desumanização*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2017.

MARTINS, André. Prefácio. In: ARMONY, Nahman. *O homem transicional: para além do neurótico & borderline*. São Paulo: Zagodoni, 2013.

\_\_\_\_\_. *Prefácio*. In: MIZRAHI, Beatriz Gang. *A vida criativa em Winnicott: um contraponto ao biopoder e ao desamparo no contexto político contemporâneo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

MATURANA, Humberto. Conversações Matrísticas e Patriarcais. In: \_\_\_\_\_.; VERDEN-ZOLLER, Gerda. *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do ser humano*. Trad.: Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MIZRAHI, Beatriz Gang. *A Vida Criativa em Winnicott: um contraponto ao biopoder e ao desamparo no contexto contemporâneo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

PATEMAN, Carole. *O Contrato Sexual*. Trad.: Marta Avancini. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PHILLIPS, Adam. *Winnicott*. Trad.: Alessandra Siedschlag. Aparecida: Ideias&Letras, 2006.

PLASTINO, Carlos Alberto. *O Primado da Afetividade: a crítica freudiana ao paradigma moderno*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

\_\_\_\_\_. O quinto rombo: a psicanálise. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado*. São Paulo: Cortez, 2004.

\_\_\_\_\_. *Vida, Criatividade e Sentido no Pensamento de Winnicott*. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

REGUANT, Dolores. La mujer no existe. Bilbao: Maite Canal, 1996. In: Victoria Sal. *Diccionario ideológico feminista*, vol. III. Barcelona: Icaria, 2001. Apud GARCIA, Carla Cristina Garcia. *Breve História do Feminismo*. São Paulo: Claridade, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências na transição para as ciências pós-modernas. *Estud. av.* Vol. 2, n. 2, 1988. p. 46-71. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141988000200007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141988000200007)>. Acesso em: jan, 2017.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Para além do dualismo natureza/cultura: ficções do corpo feminino. *Organon*. V. 27, n. 52, 2012. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/organon/article/view/33480>>. Acesso em: nov. 2016

WINNICOTT, Donald W. A cura. In:\_\_\_\_\_. *Tudo começa em casa*. Trad. : Paulo Sandler. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. A criança no grupo familiar. In: \_\_\_\_\_. *Tudo começa em casa*. Trad.: Paulo Sandler. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. A delinquência como sinal de esperança. In:\_\_\_\_\_. *Tudo começa em casa*. Trad. : Paulo Sandler. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. Agressão, culpa e reparação. In: \_\_\_\_\_. *Tudo começa em casa*. Trad.: Paulo Sandler. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. Algumas considerações sobre o significado da palavra democracia. In:\_\_\_\_\_. *A Família e o Desenvolvimento Individual*. Trad.: Marcelo Brandão Cipolla. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. A posição depressiva e o desenvolvimento normal. In:\_\_\_\_\_. *Da pediatria à psicanálise*. Trad.: Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

\_\_\_\_\_. Definição teórica do campo da psiquiatria infantil. In: \_\_\_\_\_. *A Família e o Desenvolvimento Individual*. Trad.: Marcelo Brandão Cipolla. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. Influências de grupo e a criança desajustada. In: \_\_\_\_\_. *A Família e o Desenvolvimento Individual*. Trad.: Marcelo Brandão Cipolla. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. O aprendizado infantil. In: \_\_\_\_\_. *Tudo começa em casa*. Trad.: Paulo Sandler. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: \_\_\_\_\_. *O brincar e a realidade*. Trad.: José Octávio de Aguiar Abreu; Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

\_\_\_\_\_. O conceito de indivíduo saudável. In: \_\_\_\_\_. *Tudo começa em casa*. Trad.: Paulo Sandler. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. O desenvolvimento da capacidade de envolvimento. In: \_\_\_\_\_. *Privação e delinquência*. Trad.: Álvaro Cabral. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

\_\_\_\_\_. O falso *self*. In: \_\_\_\_\_. *Tudo começa em casa*. Trad.: Paulo Sandler. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. O primeiro ano de vida: concepções modernas do desenvolvimento emocional. In: \_\_\_\_\_. *A Família e o Desenvolvimento Individual*. Trad.: Marcelo Brandão Cipolla. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. O relacionamento inicial entre uma mãe e o seu bebê. In: \_\_\_\_\_. *A Família e o Desenvolvimento Individual*. Trad.: Marcelo Brandão Cipolla. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. Psicanálise e ciência: amigas ou parentes? In: \_\_\_\_\_. *Tudo começa em casa*. Trad.: Paulo Sandler. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011, p. XIV.

\_\_\_\_\_. Raízes da agressão. In: \_\_\_\_\_. *Privação e delinquência*. Trad.: Álvaro Cabral. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

\_\_\_\_\_. Segurança. In: \_\_\_\_\_. *A Família e o Desenvolvimento Individual*. Trad.: Marcelo Brandão Cipolla. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. Sum: eu sou. In: \_\_\_\_\_. *Tudo começa em casa*. Trad.: Paulo Sandler. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. Vivendo de modo criativo. In: \_\_\_\_\_. *Tudo começa em casa*. Trad.: Paulo Sandler. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.